



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM SAÚDE

THEREZA CRISTINA DE SOUZA MARECO

GÊNERO E CUIDADO NO AMBIENTE FAMILIAR

CEILÂNDIA-DF

2017

THEREZA CRISTINA DE SOUZA MARECO

Gênero e Cuidado no Ambiente Familiar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília para obtenção do Grau de Mestra em Ciências e Tecnologias em Saúde.

Área de concentração: Promoção, Prevenção e Intervenção em Saúde.

Linha de Pesquisa: Ciências Sociais em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvia Maria Ferreira Guimarães

Ceilândia - DF

2017

THEREZA CRISTINA DE SOUZA MARECO

Gênero e Cuidado no Ambiente Familiar

28 de Julho de 2017

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães PPGCTS/ FCE-UnB

Examinadora Externa: Prof. Dra. Érica Quinaglia Silva
UnB/UFPA

Examinadora Externa: Prof.^a Dra. Aldira Guimarães Duarte Dominguez
FCE-UnB

Suplente: Profa. Dra. Silvana Schwerz Funghetto
PPGCTS/FCE-UnB

Ceilândia – DF

2017

Dedico este trabalho

Aos meus pais por todo esforço que fizeram para que eu chegasse até aqui;

Aos meus dois irmãos em troca de todo amor que me dão;

Ao meu noivo por todo companheirismo;

Às entrevistadas por toda confiança a mim dada e por me deixarem adentrar seus conhecimentos;

À minha orientadora por todo carinho e conhecimento dividido;

E, por fim, dedico a todos aqueles que querem adentrar a um mundo não superficial e que lerão este trabalho e poderão submergir a novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Dou meus primeiros agradecimentos a Deus por ser primordial em minha vida. Agradeço também ao meu pai e a minha mãe por todo apoio, amizade, companheirismo, dedicação e amor que sempre me deram para que eu chegasse até aqui e para que eu continue trilhando caminhos florescidos e de céu azul. Agradeço aos meus dois irmãos por tê-los em minha vida não apenas como laços sanguíneos, mas como amigos e companheiros. Agradeço ao meu noivo por me acompanhar em mais uma jornada e ser uma pessoa pela qual tenho grande admiração. Agradeço aos meus amigos por toda a amizade. Um agradecimento especial à minha professora e orientadora Dra. Silvia Maria Ferreira Guimarães por todos os ensinamentos que me deu durante esse longo tempo que estamos trabalhando juntas. Agradeço também à banca examinadora composta pelas professora doutoras Érica Quinaglia Silva, Aldira Guimarães Duarte Dominguez e Silvana Schwerz Funghetto, por poderem compartilhar esse momento comigo para que o trabalho fosse melhor aperfeiçoado. Agradeço a Universidade de Brasília – UnB – pela oportunidade de me tornar mestre. E, claro, não poderia deixar de agradecer a todas as participantes da pesquisa, que me mostraram um novo mundo de conhecimentos e puderam compartilhar comigo as suas experiências e saberes.

“o que não fiz vira sonho”.

(Daniela Name)

RESUMO

As questões de gênero pouco são discutidas, principalmente no que norteiam as questões familiares. Dessa maneira, o presente trabalho buscou aprofundar os tópicos referentes ao cuidado com a criança no ambiente familiar a partir de mães chefes de família, do período que vai do nascimento da criança até ela completar os dois anos de idade. Além disso, a pesquisa buscou identificar quais as políticas do Distrito Federal que atendem o grupo estudado. O estudo tem relevância científica por ser uma temática de baixa visibilidade em artigos científicos. Esses, embora tratem as questões inerentes ao cuidado com a criança, pouco abordam a questão do gênero nesse cuidado. Assim, foi notório perceber que as mães se sentem na obrigação de cuidar da sua prole, não apenas por questões pessoais, mas por serem cobradas pela sociedade a fazerem o mesmo. Vale salientar que o pai foi tido como coadjuvante no cuidado com a criança, aparecendo em momentos pontuais. Também é preciso notar que as entrevistadas que elas tinham pouco conhecimento sobre as políticas do Distrito Federal e, quando recordavam de alguma, frisavam já “terem escutado falar” sobre ela (s). Assim, é importante enfatizar que as políticas de saúde devem ser divulgadas e elaboradas de forma que atendam o público ao qual foram destinados. Ademais, quando falamos de cuidado com a saúde das crianças, devem ser levados em consideração os conhecimentos prévios das mães e de suas redes de cuidado, pois foi relatado que muitas vezes essas mulheres buscam resolver os seus problemas de saúde por meio de conhecimentos pré-adquiridos, deixando a rede de atenção oficial para um segundo momento.

Palavras-chave: Mães; Gênero; Cuidado com a criança; Redes de Atenção; Políticas de Saúde.

ABSTRACT

This work sought to deepen the topics related to the working mother and take care with the child in the family environment from the birth period until the child reaches the age of two years, as well as to identify the policies of the Federal District that serve the group studied. The study has scientific relevance because it is a topic that is little found in scientific articles, because they treat the issues inherent to the childcare, but they do not address the issue of gender in this care. Thus, it was notorious to realize that mothers feel obliged to care for their offspring, not only for personal reasons, but also for being charged by society to do the same. It is important to point out that the father has seen as a coadjuvant in the care of the child, appearing at specific moments. It was been noticed by the interviewees that they knew a little about the Federal District policies and when they remembered some they stressed, they have already "heard" about it. Thus, it is important to emphasize that health policies should be disseminated and elaborated in a way that will serve the intended audience, as well as when we speak of children's health care should be taken into account the prior knowledge of mothers and their Networks of care, as it has been reported that many times these women seek to solve their health problems through pre-acquired knowledge leaving the network of official attention for a second time.

Keywords: Mothers; Genre; Beware of the child; Attention Networks; Health policies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3. OS CAMINHOS TRAÇADOS PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO:	14
3.1 COMPONENTES METODOLÓGICOS	14
3.2 <i>LOCUS</i> DO TRABALHO DE CAMPO	16
4. EM BUSCA DE MULHERES, MÃES, CHEFES DE FAMÍLIA EM ESTUDOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS	18
5. PROGRAMAS SOCIAIS DO DISTRITO FEDERAL	22
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
6.1 ENCONTRADO OS SIGNIFICADOS DE SAÚDE E CUIDADO COM OS FILHOS ..	31
6.2 REDES DE APOIO E AS DIFERENTES FORMAS DE CUIDAR	51
6.3 A MÃE TRABALHADORA E CUIDADORA.....	64
6.4 MÚLTIPLAS JORNADAS.....	82
6.5 AS MÃES E O CUIDADO DE SAÚDE HEGEMÔNICO JUNTO ÀS INTERAÇÕES CONTRADITÓRIAS.....	91
6.6 POLÍTICAS E PROGRAMAS	116
7. PEQUENAS BIOGRAFIAS DAS MULHERES, MÃES, TRABALHADORAS, CHEFE DE FAMÍLIA, COMPANHEIRAS, FILHAS	131
8. CONCLUSÃO	144
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146

1. INTRODUÇÃO

Os “sistemas de cuidado de saúde popular”, de acordo com Ibáñez-Novión (2012) e Menendez (1994), são definidos como sistemas de significados simbólicos sustentados em arranjos localizados de instituições sociais e padrões de interação social, voltados para a dimensão médica de um grupo. Esses sistemas englobam as práticas de cuidados desencadeadas pelas mães, foco deste trabalho, ou por outro terapeuta familiar quando acontecem as primeiras ações de saúde. Segundo Loyola (1978) e Almeida (2006), primeiro se esgotam as possibilidades de recursos terapêuticos familiares para posteriormente buscarem outras alternativas; isto é, tomam-se as decisões inerentes à crise, ao mal-estar ou ao distúrbio e se desencadeiam processos de significados individuais, familiares e comunitários.

Na maior parte dos centros urbanos, a família é a primeira fonte de cuidados informais de saúde. De acordo com Siqueira et al (2006), cada indivíduo cuida de si e de sua família de uma determinada forma, e algumas famílias buscam primeiramente fazer remédios caseiros antes mesmo de procurar o sistema de saúde oficial. De acordo com Boltanski (1978) e Collet e Rocha (2004), as mães atuam como cuidadoras, que denomino aqui como “terapeutas populares”, configurando um sistema médico familiar, alternativo e complementar ao sistema médico oficial.

No entanto, segundo Loyola (1978), esses terapeutas “alternativos” muitas vezes não são reconhecidos pela medicina oficial. Assim, no processo de institucionalização dos serviços e de políticas de saúde brasileiras, observou-se um esvaziamento das funções familiares no cuidado com transferência de suas atribuições para outras instituições sociais (Gutierrez e Minayo, 2010). Beck et al (2012) e Rosa et al (2010) afirmam que a interação entre mãe e filho desde o nascimento é uma das formas de criação de vínculo que favorece o relacionamento biopsicoafetivo.

Alguns estudos indicam que, nas questões de saúde-adoecimento infantil, a mãe sempre teve um papel de cuidadora – Solange (2004), Bustamante e Bonfim Trad (2005) –, tendo um papel decisivo no que tange as escolhas do itinerário terapêutico. De acordo com Gerhardt (2006), os itinerários terapêuticos se constituem nos caminhos seguidos na busca por terapêutica em meio à rede de relações sociais dos sujeitos.

Almeida (2007) afirma que, em muitos grupos sociais populares, a mulher tem suas funcionalidades de cuidadora relacionadas ao cuidado materno-infantil. Ela também desempenha o papel de apoiadora familiar quando algum de seus familiares precisa ser acolhido. Vale salientar que nas sociedades ocidentais o papel da mãe está ligado ao lar e aos

cuidados infantis, ficando de lado o papel de trabalhadora. Já de acordo com Falceto et al (2008), a falta de participação do pai nos cuidados com o bebê geralmente está atrelada ao fato de a figura da mãe estar relacionada ao universo doméstico, enquanto a do pai está associada ao mundo exterior e público.

Diante desse cenário do cuidado familiar, Oliveira (2012) e Soares et al (2010) analisam a importância do papel da mãe ou cuidadoras de criança para a criação de ações de promoção da saúde, defendendo que o acesso ao pediatra deveria acontecer em momentos excepcionais. Leandro e Christoffel (2011) afirmam que, no contexto familiar, há uma pessoa determinada com mais experiência e que, normalmente, toma as decisões do que deve ser feito no cuidado materno-infantil. Nesse sentido, as orientações que são fornecidas pelos profissionais da saúde para os familiares do bebê só fazem sentido quando se encaixam em alguma das necessidades da família da criança (LEANDRO e CHRISTOFFEL, 2011; OKIDO et al, 2012).

Este trabalho pretende aprofundar as questões relativas ao cuidado da criança em ambiente familiar a partir de mães, chefes de família, no período que vai do nascimento da criança até ela completar dois anos de idade. Tal estudo revela-se de suma importância para se compreender como essas cuidadoras percebem as ações de cuidado perante a criança, e a influência que podem ter na aderência ou não aos programas e ações de políticas públicas voltadas para este segmento. Cruz et al (2007) afirmam que, muitas vezes, as mulheres e gestantes não conhecem seus direitos e as ações que são preconizadas pelo Ministério da Saúde. Portanto, Botelho et al (2012) defendem que deve existir o fortalecimento de políticas de humanização para que as ações de assistência neonatal sejam modificadas de modo a possibilitar maior assistência para mãe e filho.

Assim, a pesquisa apresenta relevância científica em função da sua originalidade, pois existem muitos estudos sobre cuidados e formas de cuidar, porém nenhum especifica como se dá o cuidado das mães tidas como terapeutas familiares. Portanto, é uma pesquisa que aborda um novo horizonte de saberes e práticas que são relevantes para as Ciências Sociais e para a Saúde Coletiva; afinal, primeiramente temos que observar as singularidades de cada um para assim poder entender como funciona o todo.

Ao longo da pesquisa que englobava terapeutas populares, orientada pela profa. Dr. Silvia Maria Ferreira Guimarães, não foi encontrado nenhum estudo específico sobre mães e chefes de família que atuam como terapeutas familiares organizando os sentidos dos processos de saúde-adoecimento-terapêutica. Portanto, ocorreu-se a inquietação de fazer uma pesquisa com tal temática. No meu trabalho de conclusão de curso fiz um trabalho voltado para o cuidado mãe-filho, com o título “(Des) Centralizando o Cuidado: Mães como Terapeutas Familiares”,

abordando a questão dos cuidados terapêuticos que são feitos antes de essas mães irem em busca das práticas da medicina oficial.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar como são os cuidados com a saúde que a figura materna tem com as crianças do nascimento até os dois anos de idade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as práticas e saberes de cuidado das mães no pré-natal, passando por aquelas voltadas para o desenvolvimento da criança até alcançar os 2 anos de idade;
- Analisar as práticas e saberes criados em contextos populares que são acionados por essas mulheres;
- Analisar a questão de gênero atrelada aos cuidados familiares;
- Identificar quais políticas de saúde abrangem o grupo estudado (crianças de 0 a 2 anos, mães e cuidadoras-(res)).

3. OS CAMINHOS TRAÇADOS PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO

3.1 COMPONENTES METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, marcada pela abordagem das Ciências Sociais na Saúde Coletiva. Portanto, envolve a obtenção de dados de caráter descritivo sobre o objeto estudado, havendo um contato direto do pesquisador com a situação que está sendo estudada, procurando entender as perspectivas sobre o grupo em questão ou o ponto de vista desse grupo.

Segundo Minayo (2012), neste tipo de estudo existe uma maior aproximação do pesquisador com o campo de observação. A pesquisa qualitativa tem como característica conhecer as singularidades de seu objeto de estudo, ou seja, busca conhecer como ocorrem os processos, e não apenas o resultado final (Minayo, 2010). Nessa pesquisa foi usada a abordagem etnográfica, que se propõe a realizar uma descrição densa da realidade estudada (Geertz, 1989). De acordo com Barbosa e Sousa (2008), a etnografia surgiu como um caminho para poder estudar o homem em suas diferenças culturais, sociais e políticas.

Nessa pesquisa, a observação participante foi utilizada por meio de diários de campo e de entrevistas semi-estruturadas. Segundo Thomé (2011), esse tipo de entrevista exige confiança, respeito e escuta por parte do pesquisador para que, assim, exista cada vez mais uma proximidade entre o investigador e o investigado. Vale salientar que, de acordo com Franch e Perrusi (2011), durante a pesquisa deve-se dar empoderamento aos entrevistados. Goldenberg (2011) ainda frisa que, na pesquisa qualitativa, deve-se buscar a descrição detalhada das situações por meio de técnicas como a observação participante e entrevistas.

Os dados (entrevistas e diário de campo) foram transcritos e analisados de acordo com os objetivos propostos no projeto. A disposição dos dados resultou em cinco unidades temáticas que, de acordo com Minayo (2010), podem ser analisadas utilizando três fases: pró-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, juntamente com a interpretação dos dados. A esse propósito, é importante frisar que, ao final de todas as entrevistas, as mulheres relataram uma pequena biografia de suas vidas, podendo observar que a rede familiar mais uma vez é uma rede de cuidados no grupo trabalhado.

O estudo foi realizado na cidade satélite de Taguatinga-DF, no bairro M Norte, durante o segundo semestre de 2015 até junho de 2017. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o método para os critérios das amostras foi dado pela saturação de respostas, onde participaram da pesquisa oito (8) mulheres. O critério da inclusão para a pesquisa era ter no mínimo um filho,

ser moradora ou ex-moradora da região onde ocorreu o estudo, ser a chefe ou dividir a chefia da família.

Tabela 1 – Colaboradoras da Pesquisa

Quadro 1 - Perfil das Entrevistadas										
Nome Fictício	Local de Nascimento	Idade	Cor	Religião	Profissão	Estado Civil	Quantidade de Filhos	Escolaridade	Tipo de Residência	
Bruna	DF	24	Branca	Católica praticante	Estudante e Estagiária	Solteira	1	Superior Cursando (Direito)	Casa Própria	
Cida	MG	64	Parda	Católica indo para a evangélica	Costureira	Casada apenas no Papel (separada e casada no papel)	3	Ensino Médio Completo	Casa Própria	
Joyce	DF	23	Parda	Católica não praticante	Telefonista	Nenhum	1	Ensino Médio Completo	Casa Própria	
Kaka	DF	23	Branca	Católica não praticante	Técnica de Enfermagem	Solteira	4	Nível Técnico	Casa Própria	
Kelly	PB	37	Parda	Católica não praticante	Doméstica	Solteira	4	Terceira Série	Alugada	
Nicole	MA	26	Parda	Não tem	Agente líder de crédito	Divorciada	2	Ensino Médio Completo	Alugada	
Nilza	MA	27	Parda	Católica	Cabeleireira	Casada	1	Ensino Médio Completo	Casa Própria	
Rosa	PI	39	Parda	Católica praticante	Cabeleireira e Micropigmentadora	Casada	1	Ensino Médio Completo	Casa Própria	

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Observação: Os termos apresentados nesta tabela foram autodeclarados pelas participantes.

Sobre os aspectos éticos da pesquisa, ela integra um projeto mais amplo denominado “Terapeutas Populares e Tecnologias em Saúde no DF e região do entorno”, coordenado pela Profa. Silvia Maria Ferreira Guimarães e tendo parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da UnB (Número do Parecer: 783.155, data da relatoria: 29/08/2014).

3.2 *LOCUS* DO TRABALHO DE CAMPO

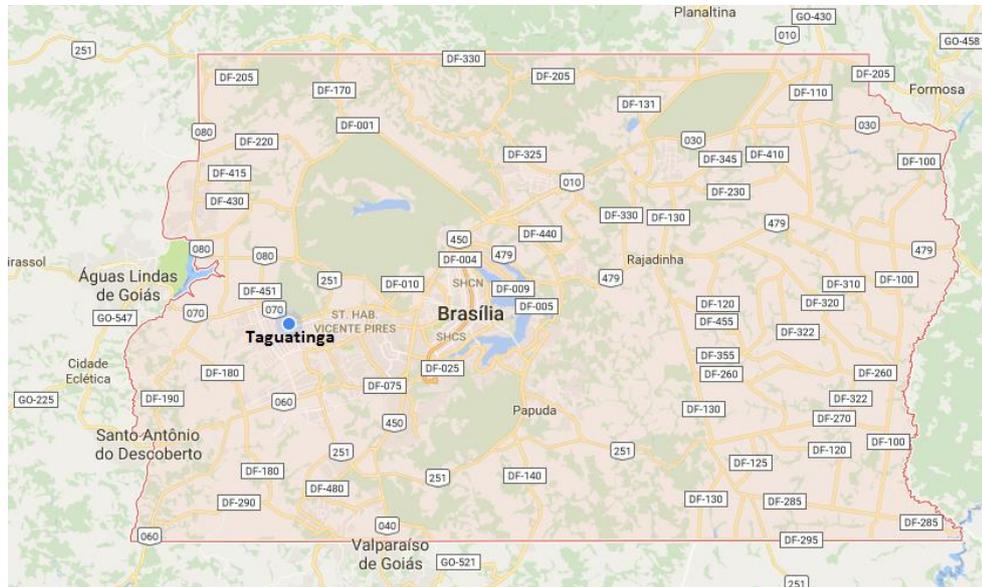
O Distrito Federal é dividido por Regiões Administrativas – RAs. Entre elas, estão Brasília, Taguatinga, Águas Claras, Sudoeste/Octogonal, Samambaia, Vicente Pires, Gama, Sobradinho, Lago Sul, Lago Norte, Planaltina, Sobradinho II, Santa Maria, Cruzeiro, Jardim Botânico, Recanto das Emas, Park Way, São Sebastião, Riacho Fundo II, Núcleo Bandeirante, Brazlândia, Itapoã, Riacho Fundo, Paranoá, Candangolândia, SIA, Varjão e Fecal. Conta com uma população estimada, em 2016, de 2.977.216 habitantes e com densidade demográfica, em 2010, de 5.779,999 km² (IBGE, 2017).

Entre essas RAs supracitadas o *locus* do trabalho de campo foi Taguatinga – RA III –, criada em 5 de junho de 1958, sendo oficialmente reconhecida em 1970 pelo Governador Hélio Prates da Silveira. Após seis meses de sua criação, a cidade já oferecia escolas, hospitais, casa para professoras e estabelecimentos comerciais. Vale ressaltar que ela está entre as vinte maiores cidades brasileiras, com uma população estimada (em 2013) de 214.282 habitantes, 54,33% destes sendo do sexo feminino (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE TAGUATINGA, 2017).

Taguatinga foi oficialmente a primeira cidade construída depois de Brasília, no Distrito Federal. Sua área de abrangência fazia parte do município de Luziânia (GO), em uma fazenda chamada Taguatinga, a qual foi cedida pelos proprietários Joventino Rodrigues, Otaviano Meireles e Maria da Conceição Roriz para abrigar as pessoas que estavam trabalhando na construção de Brasília e tendo como intuito conter as “invasões” de pessoas no centro de Brasília. Entre os símbolos de Taguatinga estão o relógio – localizado na Praça do Relógio, no centro da cidade – e a Praça do DI, conhecida por ser o local de cadastramento dos novos moradores da cidade (CARTILHA TAGUATINGA, 2014).

Taguatinga é composta por bairros, e entre eles está o bairro M Norte, onde as entrevistadas residem, já residiram ou moram perto. Em específico seis (6) participantes moram no bairro M Norte, uma já morou e outra mora em um bairro vizinho, chamado QNL, que fica ao lado do bairro M Norte, também localizado em Taguatinga.

Figura 1: Mapa de Brasília



Fonte: Google Maps, 2017.

Figura 2: Mapa de Taguatinga



Fonte: Google Maps, 2017.

4. EM BUSCA DE MULHERES, MÃES, CHEFES DE FAMÍLIA, EM ESTUDOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

A composição da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015) –, está dividida da seguinte forma: 51,6% da população é do sexo feminino e 48,4% são do sexo masculino. Apesar de nascerem mais homens, ou seja, a cada 105 homens nascem 100 mulheres, com o passar dos anos o número de mulheres sobressai o número de homens, pois os homens morrem mais que as mulheres e isso se dá principalmente por óbitos relacionados a causas externas.

No que diz respeito à distribuição da população por declaração de cor/raça, em 2004, 51,2% das pessoas se declararam brancas e 48,2% se declararam pardos ou pretos. No entanto, em 2014, os dados mudaram e 53,6% se declararam de cor/raça preta ou parda, ou seja, mais da metade (IBGE, 2015).

De acordo com os dados do IBGE em 2014 (IBGE, 2015), entre mulheres de 15 a 19 anos de idade que contavam com filhos nascidos vivos, distribuído por raça/cor, 29,7% das mulheres brancas tinham um filho ou mais, e 69% das mulheres pardas ou pretas estavam na mesma condição, sendo que entre todas elas apenas 4,2% apresentavam um cônjuge na unidade domiciliar. Apenas 14,2% tinham ensino médio completo, equivalente ou nível mais elevado; sendo a média de estudos total de 7 anos. Além disso, 92,5% relataram realizar afazeres domésticos, onde 15,1% só estudam, 5% estudam e trabalham, 20,2% só trabalham, 59,7% não estudam e não trabalham, e 50,6% não estudam, não trabalham e não procuram emprego.

No que diz respeito à proporção de pessoas com 16 anos de idade ou mais ocupadas por trabalhos formais, por sexo, em 2014, segundo o IBGE (2015), 57,7% da população trabalhavam formalmente, sendo que 58,6% dos homens estavam nessa atividade contra 56,5% das mulheres que estavam na mesma condição. Já a proporção de pessoas de 16 anos de idade ou mais ocupadas na semana de referência em trabalhos informais por cor/raça, em 2014, foi de 42,3%, sendo que 35,3% dos brancos estavam nessa condição contra 48,4% dos pretos ou pardos (op. cit).

De acordo com o IBGE em 2014 (IBGE, 2015), os homens trabalham em média 51,3 horas semanais, sendo que 41,6 horas são de atividades do trabalho principal e 10 horas em afazeres domésticos, enquanto as mulheres trabalham uma média semanal de 56,3 horas, 35,5 dessas horas em atividades do trabalho principal e 21,2 em afazeres domésticos. Vale salientar que, nesse último aspecto, as mulheres trabalham mais que o dobro de horas dos homens. Os dados se referem a pessoas com 16 anos de idade ou mais. Com relação ao indicador de pessoas

com 25 anos ou mais em cargos de direção e gerência, em 2014 o percentual de mulheres nesses cargos era de 5% contra 6,6% dos homens. Além disso, para exercer uma mesma função, as mulheres recebem apenas 70% do salário que um homem ganha.

Em 2000, o número de mulheres brasileiras chefes de família era de 26% contra 74% dos homens nessa mesma condição. Já o rendimento mensal da família nessa mesma data, em número de salários mínimos, era de 3,5% sem rendimento, 5,9% com mais de 9 salários mínimos, 9,9% entre 10 à 20, 18,6% entre 5 e 9, 32,2% entre 2 e 5 e 27,6% recebiam até dois salários mínimos (IBGE, 2015).

Para amparar políticas sociais, o IBGE faz uma análise das condições de vida da população, que reúne a ampla realidade social nos diferentes estratos populacionais. Portanto, segundo o IBGE (2015), os aspectos demográficos, família, domicílios, educação, padrão de vida, distribuição de renda e saúde refletem nas diferenças sociais, pobreza e vulnerabilidade.

Segundo o IPEA (2015), em 10 anos, ou seja, de 2004 a 2014, a redução da extrema pobreza foi ao menos de 63%, o que se deu pelas transformações ocorridas nos últimos 10 anos. Isso permitiu um movimento de reanálise das desigualdades sociais, questões de gênero, cor/raça e arranjos familiares. Com relação aos arranjos familiares, houve uma queda de 10% dos casais tradicionais composto por homem, mulher e filhos, sendo 54,8% dos casais nessa composição, em 2004, e 44,8% nas mesmas condições, em 2014.

Assim, segundo Soares (2009), de acordo com o IPEA, as questões de pobreza têm diferentes abordagens. A pobreza pode ser medida pela insuficiência de renda domiciliar, por alguma necessidade objetiva – como, por exemplo, relacionada à alimentação, pois todos precisam comer para sobreviver –, por um conceito absoluto no qual a população abordada deverá ter uma renda similar, por políticas públicas que são responsáveis pela criação de critérios de inclusão e exclusão similares, e por linhas subjetivas de pobreza.

A extrema queda de pobreza em número e velocidade no Brasil, nos últimos anos, foi de fato relevante. Importante salientar a importância de definir o que se entende por extrema pobreza para cada setor das políticas sociais. Afinal, a definição de pobreza e extrema pobreza vai além do aspecto nutricional. Nesse sentido, uma discussão mais ampla deve acontecer em confluência com a definição de outras condicionantes (SOARES, 2009).

Segundo o Atlas da Exclusão Social no Brasil (2004), a exclusão social está inserida na vida humana causando inquietações. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) já afirmava que as desigualdades sociais se dão de diferentes formas, ou seja, desde as desigualdades relacionadas ao gênero, raça, idade e saúde – que seriam as características físicas –, até as estruturas de organização da sociedade, onde uns têm mais que outros, como, por exemplo, ter terra para

produzir e sustentar as suas famílias, ter trabalho ou ter renda suficiente para sustentar a família. Assim, para Rousseau, a exclusão social está atrelada ao ter e não ter.

A exclusão social de meados dos anos 1960 até 1980 estava atrelada à pouca renda e pouca alfabetização. Atualmente, há novas frentes de análise da exclusão social, tida como econômica e política, atingindo pessoas que antes não se enquadravam na exclusão.

No Brasil, famílias de camadas populares passaram a ter políticas voltadas para elas a partir da década de 1990, sobretudo devido à Constituição Federal de 1988, quando as políticas passaram a observar mais o lado social com a política de bem-estar social. Com a nova política, os cuidados, que antes eram da família, passaram a ser divididos entre as instituições do governo, que passaram a ser responsáveis pela saúde, segurança e educação, contrariamente às propostas de uma política de estado mínimo neoliberal (GUTIERREZ e MINAYO, 2010).

No cuidado familiar, a figura materna é a que se destaca quando a questão é cuidar da saúde dos seus entes. A mulher é a figura que oferece cuidados antes mesmo de procurar as instituições de saúde, ressaltando que o cuidado dado por essas mulheres reflete as questões de confiança, conforto e segurança, além de amor, amizade e preocupação (GUTIERREZ e MINAYO, 2010).

Em países que contam com um sistema de saúde universal, como o Brasil, as pessoas com menor renda têm um maior acesso ao serviço de saúde quando comparado com a situação daquelas pessoas de uma mesma classe socioeconômica, em países que não têm um serviço de saúde universal. Contudo, apesar de o Sistema Único de Saúde – SUS – ser universal para todo o país, o estudo de Melo et al (2013) observa que as pessoas com menor renda familiar têm menos acesso aos serviços de saúde do que as que têm uma renda maior. Neste estudo também foi demonstrado que as mães de menor escolaridade e condições socioeconômicas desfavoráveis têm um número menor de quantidade de consulta de pré-natal (MELO et al, 2013).

No que diz respeito à violência doméstica, pode-se dizer que ela não está atrelada à classe socioeconômica das famílias. As crianças são as que mais sofrem, por serem as pessoas mais frágeis fisicamente de uma residência, apesar de não serem as únicas nas famílias a sofrerem tal violência. É na infância que a criança passa a criar a sua personalidade, autoestima e confiança, valores que norteiam as suas características. Com o relato de familiares e filhos sobre a prática de violência familiar, o estudo de Apostólico, Hino e Egrý (2013) demonstra que atos de violência trazem prejuízos para a formação da criança. A violência faz parte de um poder de crença baseado no autoritarismo, criando no agredido uma sensação de humilhação (APOSTÓLICO, HINO e EGRY, 2013).

Tomando como base as diferenças socioeconômicas, as mulheres de camadas mais altas têm o auxílio de parentes e de creche para cuidarem de seus filhos. Já as mulheres trabalhadoras de camadas populares muitas vezes não podem se dedicar inteiramente ao cuidado com os filhos, relegando-o para as avós e vizinhos ou, na maioria das vezes, para o irmão mais velho (ALMEIDA, 2007).

5. PROGRAMAS SOCIAIS DO DISTRITO FEDERAL

O Distrito Federal dispõe de 45 programas e, entre eles, estão o programa Roda de Conversa, Voz Ativa, Programa de Aquisição de Alimentos (integrante do Brasil sem Miséria), Programa de Aleitamento Materno, Serviço Social nas Unidades de Saúde, Saúde da Mulher, Saúde da Família, Rede Cegonha, Práticas Integrativas em Saúde, Populações Vulneráveis, Assistência da Prevenção Orientada à Violência Doméstica e o Bolsa Família.

De acordo com Zimmermann (2006), as políticas públicas muitas vezes focalizam grupos específicos de pobreza e extrema pobreza ao invés de serem designadas à camada popular no geral. Vale salientar que os programas sociais muitas vezes estão atrelados ao vínculo que a família tem na cidade em que reside, ou seja, para receber certos benefícios as pessoas têm que estar morando no mesmo lugar por no mínimo dois anos. Isso ocorre para impedir a imigração de novas pessoas em busca unicamente do benefício do Estado.

Assim, o estudo das políticas sociais deve ser marcado pelo direito adquirido que a população tem. Essas políticas surgiram com a mobilização operatória a partir do século XIX, e se deu de forma gradativa e distinta em cada país, sendo no final do século XIX que o Estado capitalista passou a construir políticas sociais mais amplas. Cabe ressaltar que o século XX foi marcado pelas transformações nas diretrizes e normas das relações de trabalho e comercialização, com o Estado de Bem-Estar Social tendo sido proposto pela teoria keynesiana na Europa e nos Estados Unidos da América (PIANA, 2009).

Portanto, as políticas sociais destinam-se à boa educação, segurança, alimentação, ao trabalho e ao transporte, tentando minimizar os agravos acometidos pelo Estado capitalista. Assim, os programas de transferência de renda no Brasil tentam minimizar as desigualdades, principalmente no que diz respeito aos pequenos municípios do país e demais localidades onde se encontra grande massa de pobreza. Assim, esses programas são tidos como um meio de quebrar o ciclo da pobreza passado, de geração à geração (DUARTE, SAMPAIO e SAMPAIO, 2009).

O Programa Roda de Conversa foi criado para viabilizar o diálogo entre governo, gestores e população. Nos encontros são discutidas as necessidades da população de cada região, levando em consideração que as contribuições da comunidade perante os problemas vigentes são de grande valia para o planejamento e ações governamentais. Com o intuito de viabilizar os posicionamentos da população durante a reunião é feito um sorteio com o nome das pessoas que se inscreveram. As que não são sorteadas para falar podem deixar as suas questões cadastradas, que posteriormente receberão resposta da equipe do governo responsável.

Vale salientar que no site do Governo de Brasília pode-se encontrar a agenda de reuniões (GOVERNO DE BRASÍLIA, 2016).

O Programa Voz Ativa faz parte das exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal – LRF –, que se refere ao Plano Plurianual, responsável pelo planejamento do governo por quatro anos. A Voz Ativa, assim como a Roda de Conversa, dá voz à população para que todos possam expressar as suas necessidades. Também existe no Distrito Federal o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA –, que tem por objetivo promover a alimentação saudável e incentivar a agricultura familiar. O programa compra alimentos diretamente de agricultores familiares (op. cit).

Ainda sobre a aquisição de alimentos temos a segurança alimentar de nutrição, a qual a Secretária Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SESAN – é responsável por garantir uma alimentação adequada e suficiente para as populações com menores condições socioeconômicas. A SESAN é responsável tanto pela venda e compra dos alimentos dos agricultores familiares como pela disponibilização de uma alimentação correta para os participantes do programa (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AGRÁRIO, 2016).

Para receber a cesta básica, é necessário fazer parte de um dos grupos a seguir: famílias acampadas que aguardam acesso à Reforma Agrária; povos indígenas; comunidades remanescentes de quilombos; comunidades de terreiros; famílias atingidas pela construção de barragens; famílias de pescadores artesanais; e população de municípios que estejam em situação de emergência e/ou calamidade pública, reconhecida pela Secretaria Nacional de Defesa Civil – Ministério da Integração Nacional. A distribuição de leite por aquisição de alimentos é atribuída aos mesmos grupos supracitados (op. cit).

No Distrito Federal existem 15 bancos de leite materno, sendo 12 públicos, os quais estão localizados no Hospital das Forças Armadas, Asa Norte, Asa Sul, Brazlândia, Ceilândia, Gama, Planaltina, Paranoá, Sobradinho, Santa Maria, Taguatinga e no Hospital Universitário de Brasília. Há dois postos públicos de coleta, um em São Sebastião e outro em Samambaia. Vale salientar que o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal – CBMDF – é responsável pelas visitas domiciliares, coleta e transporte de leite materno por todo o Distrito Federal, cabendo aos profissionais da Secretaria de Saúde fazer a distribuição do leite para as crianças internadas (GOVERNO DE BRASÍLIA, 2016).

O Programa de Aleitamento Materno tem por objetivo a redução da mortalidade infantil, que corresponde a um dos objetivos do milênio. Em 2014, o Distrito Federal ganhou o prêmio “Capital Brasileira dos Bancos de Lei Humano”, concedido pelo Ministério da Saúde, por ser

considerada a única cidade autossuficiente na captação e doação de leite humano (R7 DF, 2014).

A Rede Cegonha é uma estratégia do Ministério da Saúde implantada na Secretaria de Saúde do Distrito Federal, mediante a Portaria Nº 47, de 13 de março de 2014, que busca implementar uma rede de cuidados para as mulheres, a fim de que os seus direitos sejam assegurados. Entre seus principais objetivos, destacam-se dar assistência ao planejamento reprodutivo e à atenção humanizada na gravidez, ao parto e ao puerpério, assim como assegurar ao recém-nascido assistência ao nascimento, crescimento e desenvolvimento (PORTAL DA SAÚDE, 2016).

Em visita e entrevista informal com os profissionais responsáveis pela Rede Cegonha do departamento de ações estratégicas do Ministério da Saúde; Secretaria de Saúde do Distrito Federal (DF); Centro Obstétrico do Hospital Regional de Ceilândia (HRC); Centro de Saúde número 3 da Ceilândia (CS 3) e Mães cobertas pelo CS 3 e HRC, foi possível observar o atual panorama da Rede Cegonha no DF. Assim, poucas cidades avançaram na estratégia Rede Cegonha no DF. Ceilândia é uma das que menos avançou por questões de gestão. O bairro Asa Norte de Brasília também pouco avançou, pelo perfil socioeconômico e pela prevalência de pessoas com planos de saúde em sua população (MARECO, KOVALSKI e BRITO, 2016).

O planejamento familiar é pontual, abordando apenas questões relacionadas à contracepção e não envolvendo o homem, pai, ou demais membros da família de forma eficaz. Falta comunicação efetiva nos centros de saúde entre os profissionais e as gestantes no pré-natal. Algumas gestantes desconhecem as visitas à maternidade, o direito ao acompanhante, a escolha da posição no parto e as reuniões de planejamento que ocorrem no centro de saúde. O direito ao acompanhante no parto não é garantido por conta da superlotação ou por falta de roupa adequada na maternidade (op. cit).

A Rede Cegonha é composta por quatro componentes: pré-natal, parto e nascimento, puerpério e atenção integral à saúde da criança e sistema logístico (transporte sanitário e regulação). Contudo, o último componente não é usual no Distrito Federal (PORTAL DA SAÚDE, 2016).

Vale salientar que desafios para tentar mudar essas realidades do Distrito Federal perante a Rede Cegonha são: interesse político; revisão do modelo de atenção à saúde; planejamento local; capacitação profissional; criação de casas de parto ou maternidade com a ambiência recomendada pela estratégia; mudança nas práticas dos serviços e dos profissionais de saúde e avaliação. É importante que o modelo de atenção à saúde do DF seja revisto, para

que a Rede Cegonha alcance o cenário de atenção ao parto e o nascimento almejado (MARECO, KOVALSKI e BRITO, 2016).

A partir da mortalidade materna pode-se identificar o grau de desenvolvimento da população. Em um estudo feito no DF em 2002 por Laurenti, Jorge e Gotlieb, foi identificado que as dez primeiras causas encontradas de morte nas mulheres em idade fértil, ou seja, de 10 a 49 anos de idade foram, em ordem decrescente: acidente vascular cerebral, aids, homicídios, câncer de mama, acidente de transporte, neoplasia de órgãos digestivos, doença hipertensiva, doença isquêmica do coração, diabetes e câncer de colo do útero.

As histórias das mulheres nos serviços de saúde são marcadas pela discriminação, frustração e violência de seus direitos, que afetam o seu estado psíquico-físico. Assim, é preciso que exista a humanização em saúde observando as distintas situações, para que as mulheres sejam empoderadas e exista a promoção da saúde de forma eficaz e eficiente. Portanto, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher – PNAISM – diz que o SUS deve estar capacitado para atender a saúde da mulher em sua integralidade (PNAISM, 2004).

A PNAISM tem a finalidade de contemplar as mulheres de todas as faixas etárias e de distintos grupos populacionais. Assim, a elaboração e execução das políticas devem ser construídas para atender demandas tanto antigas quanto emergentes, sendo norteadas pela perspectiva de gênero, raça e etnia. Além disso, elas buscam garantir o direito amplo da mulher dentro do SUS, dando atenção integral com base no atendimento humanizado. Dessa maneira, a PNAISM tem por objetivo conceder às mulheres condições que contemplem o acesso aos serviços de saúde, promoção, prevenção, assistência e recuperação, bem como diminuir a morbidade e mortalidade feminina e aumentar, qualificar e humanizar a atenção integral da saúde da mulher no Brasil (op.cit).

A Estratégia de Saúde da Família – ESF –, anteriormente conhecida como Programa de Saúde da Família – PSF –, é uma estratégia do governo a fim de prestar¹ assistência universal, integral, equânime e contínua na unidade de saúde e no domicílio. A ESF busca atender as reais necessidades da população com a criação de um vínculo entre profissionais e usuários por meio de visitas domiciliares. A atenção integrada da Saúde da Família já foi testada em países como Canadá, Reino Unido e Cuba, os quais têm diferentes contextos socioeconômicos. Em todos esses países, os casos de saúde ficaram resolvidos em 85% na atenção primária, sendo que o percentual restante designa a atenção mais complexa (PSF, 2000).

A ESF é a primeira instância de atendimento do SUS. Tida como uma fonte de organização do sistema de saúde com a finalidade de diminuir as desigualdades em saúde, ela tem por objetivo a prestação do cuidado com a saúde em domicílio da população adstrita,

intervindo sobre os fatores de riscos aos quais a população está exposta. Além disso, a ESF visa humanizar as práticas de saúde e criar um vínculo entre população e profissionais (GOVERNO DE BRASÍLIA, 2016).

Para que a ESF funcione, é necessário que a equipe seja composta por, no mínimo, um médico generalista (ou especialista em Saúde da Família, ou médico de Família e Comunidade), enfermeiro generalista (ou especialista em Saúde da Família), auxiliar ou técnico de enfermagem e agente comunitário de saúde. Podem ser acrescentados a essa composição os profissionais de Saúde Bucal: cirurgião-dentista generalista (ou especialista em Saúde da Família), auxiliar e/ou técnico em Saúde Bucal. Lembrando-se que cada equipe deverá atender, no máximo, 4 mil habitantes, e que cada região tem suas especificidades, podendo a equipe de saúde ser maior ou menor (PORTAL DA SAÚDE, 2016).

A década de 1990 foi marcada pelo processo de democratização política, gerando grandes mudanças nas políticas de saúde, inclusive nas que dizem respeito aos SUS, a partir das novas diretrizes abordadas na Constituição Federal de 1988 da República Federativa do Brasil. O SUS tem como uma de suas funções proporcionar à população saúde de qualidade sem qualquer discriminação. O programa de Serviço Social nas Unidades de Saúde – dentro do setor saúde, acoplado juntamente à Estratégia de Saúde da Família –, busca reduzir as desigualdades em saúde (LIMA, SILVA e PEREIRA, 2016).

O Programa de Serviço Social nas Unidades de Saúde tem por finalidade executar as políticas de saúde, prestar assistência social nas distintas demandas, construir estratégia, empoderar e apoiar a população, auxiliar os usuários sobre os direitos de Benefício de Prestação Continuada, Programa Bolsa Família, Bolsa de Volta para casa, Passes Livres interestaduais e urbanos, Auxílio Doença, Auxílio Funeral e etc, acompanhar a população nos grupos de trabalho, integrar a equipe multiprofissional, acolher e auxiliar os usuários e realizar vistorias destinados ao serviço social, fazer notificações compulsórias e realizar articulações visando ao bem-estar da população (GOVERNO DE BRASÍLIA, 2016).

Os programas sociais são criados para combater as desigualdades existentes e entre eles está o Bolsa Família, o qual dá o direito à população contemplada de ter uma alimentação mínima. O programa já foi elogiado por vários cientistas sociais e meios de comunicação ao redor do mundo por seu combate a um problema de longa data – a fome. Vale notar que algumas famílias brasileiras têm como renda familiar apenas o dinheiro recebido pelo programa (ZIMMERMANN, 2006).

O Programa Bolsa Família – PBF – foi criado em 2004 e integra o Programa de Serviço Social nas Unidades de Saúde. Assim, o PBF, que é federal, faz transferência direta de renda às

famílias consideradas em situação de pobreza ou extrema pobreza, respectivamente com renda de R\$70,01 a R\$ 140,00 por pessoa e renda de até R\$70 por pessoa, sendo o auxílio repassado através de vínculo entre os setores saúde, educação e assistência social (PORTAL DA SAÚDE, 2016).

O Bolsa Família é um dos benefícios garantidos por meio do Cadastro Único, um instrumento do governo federal que consolida os dados com o auxílio de um sistema informatizado. Este faz a identificação e a caracterização dos mais pobres, permitindo ao governo conhecer as distintas realidades socioeconômicas das famílias de baixa renda, a fim de reduzir as desigualdades sociais e contribuir para a formulação de políticas específicas para a população. Com exceção das famílias que fazem parte de algum programa social no qual a renda não influencia no cadastro, para se inscrever no Cadastro Único a família deve ter renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa ou uma renda total de até três salários mínimos (PORTAL BRASIL, 2016).

Vale ressaltar que o Programa do Governo Federal do Cadastro Único oferece aos beneficiários acesso aos seguintes programas: Bolsa Família, Tarifa Social de Energia Elétrica, Minha Casa Minha Vida, Carteira do Idoso, Aposentadoria para Pessoas de Baixa Renda, Telefone Popular, Isenção de Taxa de Inscrição em Concursos Públicos, Programas Cisternas, Água para Todos, Bolsa Verde, Bolsa Estiagem, Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais/Assistência Técnica e Extensão Rural, Programa Nacional de Reforma Agrária, Programa Nacional de Crédito Fundiário, Crédito Instalação, Carta Social, Serviços Assistenciais, Brasil Alfabetizado e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AGRÁRIO, 2015).

No mais, o objetivo do PBF é ofertar para a população contemplada a garantia das ações básicas e potencializar a melhoria da condição de vida dessas famílias, contribuindo para a sua inclusão social. Importante notar que, a fim de cumprir os objetivos supracitados, o Programa de Populações Vulneráveis também possui como finalidade ampliar a consciência do exercício da cidadania e promover a atenção integral e equânime, conferindo o fortalecimento do controle social (op. cit).

Em 1991, a Polícia Militar do Distrito Federal – PMDF – idealizou um programa social chamado Educação para a Cidadania e Segurança – EDUCS –, sob o comando do 8º Batalhão da Polícia Militar, com o objetivo de prevenir a população de possíveis acometimentos. As atividades iniciais do programa ocorreram por meio do projeto “Além de Ler”, o qual utilizava estratégias de intervenção primária de alfabetização de jovens e adultos, além de abordar informações inerentes à cidadania e à segurança pública (POLÍCIA MILITAR – DF, 2016).

Contudo, com o passar o tempo e o auxílio da população, foram criando outras temáticas dentro do grupo. Entre elas, consta a questão da violência doméstica, a qual tinha prevalência. Então, em 24 de outubro de 2014, em consonância com as mudanças de diretrizes do programa e levando em consideração dados estatísticos, o programa EDUCS passou a se chamar Prevenção Orientada à Violência Doméstica – PROVID (op. cit.). Assim, o objetivo da PROVID é enfrentar a violência doméstica por meio da prevenção de ações e promoção da segurança pública e direitos humanos, com o auxílio de intervenções familiares com vítimas e agressores e o apoio de demais órgãos competentes de apoio à proteção (GOVERNO DE BRASÍLIA, 2016).

Por fim, entre os programas disponíveis no site do Governo do Distrito Federal, temos a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPIC –, que teve início a partir de debates nas Conferências Nacional de Saúde e de recomendações da Organização Nacional de Saúde – OMS – sobre a importância da construção de políticas que englobassem práticas integrativas e complementares. Assim, em junho de 2003, representantes das Associações Nacionais de Fitoterapia, Homeopatia, Acupuntura e Medicina Antroposófica se reuniram com o ministro da saúde a fim de instituir grupos de trabalho que debatessem a implementação da elaboração da política de práticas integrativas nacional (PNPIC, 2006).

Os subgrupos de debate tiveram autonomia para criar suas estratégias e elaborações para o plano de ação da política. Foram criados fóruns nacionais com participação da sociedade civil organizada e reuniões técnicas para a sistematização do plano de ação. Posteriormente, todos os documentos foram submetidos para avaliação pelas Câmaras Técnicas dos Conselhos Nacionais das secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Após avaliados, foram pactuados na Comissão Intergestores Tripartite. Dessa maneira, passando por todas as avaliações e análises, foi aprovado por unanimidade pelo Conselho Nacional de Saúde (op. cit.).

Portanto, a PNPIC tem como objetivo prevenir e promover saúde para a população no que diz respeito à atenção básica com ênfase no cuidado continuado, humanizado e integral. A PNPIC também busca garantir eficácia, eficiência e segurança no uso de suas práticas, promovendo a racionalização das ações de saúde, contribuindo para o desenvolvimento sustentável das comunidades e estimulando as ações e envolvimento no que diz respeito ao controle e participação social. Também busca promover o envolvimento contínuo de todos os envolvidos na PNPIC nas diferentes instâncias de efetivação da política (PORTAL DA SAÚDE, 2016).

Vale salientar que, a partir da década de 1980, começaram a existir programas que englobassem a fitoterapia, homeopatia, acupuntura, termalismo e técnicas alternativas de saúde

mental. Em 2004 o Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde buscou conhecer essas práticas realizadas em ambientes municipais e estaduais e, de 5560 municípios que receberam o questionário de diagnóstico, apenas 1342 o responderam. Em 232 desses, o uso de práticas integrativas complementares foi identificado de forma positiva, com representação de 26 estados e 19 capitais (RELATÓRIO DE GESTÃO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES DO SUS, 2011).

Ainda segundo o Relatório de Gestão das Práticas Integrativas Complementares do SUS (2011), as práticas integrativas mais frequentes foram as práticas complementares com um total de 62,9%, a fitoterapia com 50%, a homeopatia com 35,8%, seguida da acupuntura de 34,9% e a medicina Antroposófica com apenas 1,7%. Ficou claro que essas práticas aconteciam normalmente na atenção básica com baixo atendimento em hospitais, clínicas e instituições de saúde especializadas.

Cabe aos estados e municípios com base na Política Nacional o poder de elaborarem as suas próprias regulações e/ou políticas para os seus serviços de práticas integrativas e complementares dentro da saúde pública. Essas serão posteriormente sancionadas pelo Governo Federal (op. cit). Assim, foi aprovada a resolução CIB 695/13 no Rio Grande do Sul (RS) sobre as diretrizes de implantação e implementação das práticas integrativas no SUS com o descritivo das atividades terapêuticas como acupuntura, terapia floral, homeopatia, fitoterapia, plantas medicinais, práticas corporais, terapia comunitária, entre outros (CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO RS, 2014).

Além de diminuir o custo de gastos do setor saúde, as práticas integrativas e complementares promovem a promoção e educação a fim de evitar que possíveis doenças se instalem ou sejam agravadas. Com o intuito de conhecer os desafios e as dificuldades da PNPIC, uma pesquisa foi realizada na Zona Norte de São Paulo em uma Unidade Básica de Saúde – UBS – e em um Ambulatório de Especialidades. Foram entrevistados 35 profissionais da saúde, de julho a agosto de 2010 (ISCHKANIAN e PELICIONI, 2012).

Entre os 35 entrevistados na pesquisa de Ischkanian e Pelicioni (2012), apenas 5 conheciam a PNPIC, sendo observado que o modelo biomédico prevalece nas instituições de saúde em que os profissionais entrevistados trabalhavam. Assim, foi diagnosticada pouca divulgação das práticas integrativas complementares dentro dos serviços de saúde, até mesmo no que diz respeito aos ambulatórios especializados de práticas integrativas complementares. Também foi evidenciado que os insumos utilizados nessas práticas não são disponibilizados de forma devida. Vale salientar que a prática biomédica ignora os saberes populares da medicina

alternativa, deixando de lado a existência da promoção da saúde com base no empoderamento do sujeito.

Contudo, o Portal da Saúde do Ministério da Saúde (2016) frisa que a construção da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares visa a promoção da saúde, com base na universalidade, integralidade e equidade. Nesse sentido, a atenção é voltada às singularidades dos sujeitos e suas situações socioculturais, a fim de preconizar a atenção integral introduzindo no SUS a homeopatia, as plantas medicinais e fitoterápicas, a medicina tradicional chinesa/acupuntura, a medicina antroposófica e o termalismo social-crenoterapia.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 ENCONTRADO OS SIGNIFICADOS DE SAÚDE E CUIDADO COM OS FILHOS

Apesar das quebras de paradigmas, desde a Antiguidade a mulher é tida como a cuidadora dos filhos e o pai como o provedor da família. Na atualidade, as mulheres não são responsáveis apenas pela criação dos filhos, mas são destinadas também a realizarem as atividades do lar. De fato, quando falamos sobre cuidados com os filhos, encontramos mais artigos referentes ao cuidado da mãe com o filho do que do pai com o filho (BARBOSA e NUNES, 2011).

Assim, de acordo com Manfroi, Macarini e Vieira (2011), muitos estudos abordam que as mães se caracterizam como principais cuidadoras, ao passo que a paternagem está atrelada a questões de alimentação, proteção e transporte. Segundo os autores supracitados, isso ocorre por questões culturais enraizadas.

No mundo ocidental, o cuidado da mãe com o filho começa desde o primeiro contato com o bebê, quando a mãe deixa o imaginário produzido ao longo da gestação e passa a ter consigo a figura concreta do nascimento em seus braços, acariciando o seu filho e fazendo com que ele tome posições de conforto em seus braços. Especialmente neste século, quando se reafirma a maternagem atrelada a um movimento de parto humanizado, são enfatizados os primeiros contatos por meio dos sentidos que conectam mãe e bebê. Por exemplo, os contatos que se dão por meio do olfato, quando as mães sentem o cheiro de seus bebês e conversam com eles. O sucesso ou insucesso no momento da amamentação é visto como uma forma de conectar o bebê ao corpo da mãe novamente (ROSA et al, 2010).

A chegada de um novo ente na família pode gerar mudança no relacionamento entre os pais, como o ciúme por parte da mãe ou do pai, por acreditar que está sendo deixado de lado, uma vez que o outro dá mais atenção para o novo integrante da família. Vale salientar que a mãe já começa a criar o vínculo com o filho desde a gravidez e o pai só vai ter uma aproximação maior, em sua maioria, quando o filho nasce. Isso gera uma mudança de comportamento no pai, tanto de felicidade pela paternidade quanto de preocupação com o que está por vir (AHLBORG e STRANDMARK, 2001).

No caso das mulheres que participaram desta pesquisa, o envolvimento da mãe inicia-se na gestação e segue ao longo da vida do bebê. O momento do primeiro cuidado dá-se, então, durante a gestação com a ida da gestante à Unidade Básica de Saúde – UBS – a fim de tomar conhecimentos sobre cuidados durante esse período gestacional. Os profissionais da saúde

entram aqui como peças-chave no que tange os primeiros cuidados, pois as mães levam em consideração os ensinamentos repassados pelos médicos de como cuidarem de seus filhos.

A esse respeito, Kassar et al (2013) afirmam que os devidos cuidados durante o pré-natal auxiliam na redução de 10% a 20% dos casos de mortalidade neonatal. Assim, há indícios de que a boa qualidade da atenção ao pré-natal se torna mais importante para a gestante do que o número de consultas.

A respeito dos cuidados no pré-natal, as entrevistadas abordaram a importância do acompanhamento médico principalmente para as mulheres que estão sendo mãe pela primeira vez, pois as Unidades disponibilizam palestras que norteiam as mães de como cuidarem de si e dos seus. Contudo, no caso de uma segunda gestação, a participação em palestras educativas se torna dispensável.

Como pode ser observado nos relatos abaixo, as entrevistadas enfatizam a importância de estarem junto a seus filhos e cuidarem deles:

“Eu ia para todas as consultas. Eu fiz pré-natal aqui no postinho, e eu não faltava nenhuma consulta. Desde a primeira, eu nunca faltei em nenhuma e foi ótimo. Na época para mim foi melhor, e eu vejo assim até hoje. Eu acho bem diferente, lá tem valores, assim, né, que eu acho que no particular não tem. Eu vejo assim: numa grávida que tem plano de saúde eles já puxam logo, né, para quando você for ganhar bebê ter cesariana. Lá é ao contrário. E assim, tem coisas que parecem simples, mas é tão importante quando você vai cuidar do filho, né? Coisinhas bem simples, mas que dá toda diferença no decorrer da vida. Porque é assim: mínimos detalhes, desde o banho do bebê. Nunca ninguém deu banho na minha filha, desde o primeiro banho lá no hospital do HRC (Hospital Regional de Ceilândia) foi eu quem dei o primeiro banho. Mas antes eu já tinha me preparado para isso no pré-natal, por isso que eu falo que é importante. Eu acho que eu fui para mais de 9 consultas. Eu não faltava as consultas porque além de ser a primeira filha, e apesar de ser a única, eu achava importante, né, não faltar as consultas, para saber mesmo questões de saúde, de exames. Eu acho que todas as mães deveriam se preocupar em ir em todas as consultas”. (Rosa)

“Eu não tinha plano de saúde quando fiz o pré-natal, mas se eu tivesse talvez eu teria feito no particular, porque muitas vezes você não dá conta e não valoriza. Mas muitas vezes eu falo para as minhas clientes, as que vem aqui, que engravidam, que eu dou nota dez para o pré-natal. Eu não sei hoje, né, mas na minha época era muito bom. Eu ia para as palestras. Eu acho muito legal, para quem já é mãe de carreira não, mas para quem tá iniciando eu acho

muito bom o pré-natal no público. Se eu tivesse plano talvez eu teria feito nos dois. Mas se eu tivesse plano, acho que teria dado prioridade para o particular. Mas se eu fosse mãe de primeira viagem, igual eu fui na época, né, eu conheci só o pré-natal do postinho. Aí eu vejo hoje que as pessoas que engravidam e têm plano de saúde, aí eu vejo essa diferença: que aqui é melhor, no público. Mas hoje eu não faria no posto não, porque eu já tenho a experiência da primeira, aí hoje eu vejo que é bem diferente. Mas eu acho que o postinho deve acompanhar bem as grávidas, né? Deve ser diferente de outras coisas. Eu acho que se a pessoa já tem o segundo, terceiro filho, aí eu acho que ela tem que ir para o plano de saúde. Mas se for o primeiro filho, (pode ir) para o postinho. Assim, eu já sou a favor do parto normal e, por exemplo, se eu tivesse outro bebê hoje, e eu fosse para o plano, eu vejo que os médicos hoje no particular dão prioridade para o cesariano. Mas na minha concepção eu ia lutar para ter parto normal”. (Rosa)

“Foi tranquilo, eu fiz no posto e fiz no particular. Fiz no particular porque o exame de translucência nugal e a morfológica deu alterado, aí os médicos falaram que ele viria com algum tipo de síndrome. Aí eu fui para o particular, né? Porque no público, se (tu) sente dor, né, tu morre. Aí o médico sempre falou desde o começo que eu não ia ter passagem. Aí por isso que eu optei ir para o particular, mas o pré-natal do público é mais completo que o do particular”. (Nilza)

“Eu não tinha plano de saúde, eu ia para todas as consultas do pré-natal com medo do menino vir com alguma coisa. Como o translucência nugal é nas primeiras semanas que faz, acho que foi com oito semanas ou nove semanas que eu fiz esse exame, essa ecografia. Aí como deu no começo, aí eu já ficava com medo de perder”. (Nilza)

“Olha, todos muito complicados, mas o do filho mais novo foi o mais complicado porque eu ficava muito tempo internada na gravidez dele. Porque desde a primeira, a minha pressão era estourando, estourando. Tanto é que a menina nasceu morta, né? Do meu filho mais novo, quando apareci grávida o médico falou que não ia mais cuidar de mim mais, porque com três meses eu apareci grávida. Aí ele me encaminhou para outro médico, também por causa dos meus problemas cardíacos, e esse outro cuidou de mim até eu internar para ganhar, mas de vez em quando eu tinha que ficar internada. Aí quando saiu, o pai dele foi lá visitar e o médico disse que eu não tinha condições de ter nem o primeiro, e já tava com a terceira gravidez e não podia. Aí já foi logo me operando e nem perguntou se a gente queria, nem nada. Que ali era

vida ou morte, fazer a cesárea. Aí o médico disse que, para salvar eu e meu filho, só por milagre de Deus. Aí perguntou para o meu ex-marido qual era a preferência dele: se era por mim ou pelo filho. Aí ele disse que como a gente já tinha um filho, e tava com um aninho, tadinho, na casa dos outros, aí ele disse que ia dar preferência para mim, porque a gente já tinha um filho para cuidar. E aí, graças a Deus, escapou eu e o meu filho, milagre de Deus. Porque eu tava é ruim, eu tava com pré-eclâmpsia, eu já dei entrada no hospital com a minha pressão 22 por 11, alguma coisa assim. Mas eu andava normal, enxergava normal. E aí eles perguntavam se eu tava enxergando, aí eu falava que tava enxergando era muito. Falava para eles: me mostrem uma nota de cem para eles verem (risos)”. (Cida)

“No pré-natal eu ia para todas as consultas. Não perdi um pré-natal, e era complicado demais para eu deixar para lá, a minha pressão não abaixava, não melhorava de jeito nenhum. Por isso que na última gravidez eu fiquei mais foi internada. Não tinha condições de faltar nenhuma consulta não. Eu fiz todas no público. Naquela época não existia isso de palestra não, a gente só ia lá para a consulta, e eles mediam a pressão, falava que tava alta, que era para eu controlar o sal. Eu fiquei foi 30 dias internada, antes de ganhar o mais novo, eu fiquei até em quarto escuro pra tentar forçar a baixar a minha pressão. Comida veio sem sal para baixar a minha pressão, aí quando foi dia primeiro do ano, do dia 31 para o dia primeiro, eles estavam tentando fazer eu ganhar neném, porque eles sabiam que as minhas condições eram difíceis. Roberto Carlos estava dando um prêmio de uma caderneta, não sei se era de 100 cruzeiros, 100 reais, 100 cruzados, não sei como era naquela época de 30 anos atrás. Era uma caderneta gorda, e ia fazer muita diferença na minha vida. Mas aí pressão não baixou, aí só dia primeiro mesmo que eles conseguiram baixar a minha pressão mesmo. Aí ficou 14 por 8, ou foi 14 por 9. Aí eles tentaram, tentando de todo jeito, mas eles não falavam nada para mim para eu não ficar ansiosa. Aí depois que eu fiquei sabendo que não aconteceu. Aí eles falaram que tentaram fazer eu ganhar o meu filho na virada para eu ganhar a caderneta gorda. Aí quando eu ia para o pré-natal eles mediam a minha pressão, procuravam saber como foi o meu dia, como que tava sendo os meus dias, se era só o alimento. Escutava o coração, só”. (Cida)

“O pré-natal dos meus filhos foi normal, foi bom. Eu ia no médico, fazia os exames tudo. Foi tudo bem, graças a Deus. De tudin foi do mesmo jeito, foi normal, como qualquer um, do mesmo jeito. Eu ia para todas as consultas, direitinho, eles marcavam e eu ia. Eu não faltava nenhum, porque era para ver como é que tava, para ver como é que tava a saúde mesmo. Para ver como é que tava, se tava tudo bem mesmo. Aí eu tinha que ir, porque não podia faltar mesmo não.

Foram todos no público. Assim, lá na Paraíba, no posto de lá não tinha palestra não. Mas no daqui teve uma palestra só, ensinando como é que fazia, só o da mais nova foi aqui em Brasília”. (Kelly)

“Eu não consegui fazer pelo posto de saúde porque toda vez que eu ia lá eu não conseguia fazer o cartão, né? Aí eu fiz o pré-natal pelo meu plano de saúde mesmo, eu fiz pelo Anchieta, por um clínica lá que a minha prima me indicou. E aí todo mês eu tinha consulta marcada. Já saía com as ecografias tudo marcada, já marcava tudo pra fazer. Ih, era tranquilo, não tinha nenhuma reunião não. Todo mês eles mediam a barriga, ele escutava o coração, aí ele me receitou uma vitamina para eu tomar, vitaminas. E todo mês eu tinha que fazer exame de sangue também. Se eu tivesse conseguido no Centro de Saúde, para mim não ia mudar muita coisa não, para mim ia ser as mesmas coisas. A diferença é que eu não ia ter que pagar. Eu acho que a diferença no pré-natal público e privado é a questão das ecografias, porque eu fiz muitas, né? E eu acho que no público não tem tantas, eu acho que é só aquelas principais mesmo e pronto. Lá no particular não tinha palestra, são só as consultas normais, no público eu não sei como que é”. (Bruna)

“Quando a gente vai levar o exame e já marca o pré-natal, aí depois fica indo todo mês, né, para as consultas, para poder ver o bebê. E quando já tá no final, é toda semana que tem que ir para ver como é que tá o bebê, ver todos os batimentos cardíacos. Aí no primeiro trimestre faz todos os exames de sangue para poder ver se teve alguma alteração, e levar as ecografias, né, normal. Aí vai no posto e agenda as consultas. Tem palestra no posto, eu acho que teve umas três ou quatro. Eu fui para as palestras, era mais sobre os cuidados com o bebê, amamentação, mais essa parte mesmo. Eu fui em todas as consultas, porque eu queria saber, né, como funcionava tudo certinho, se tava tudo bem com ele, se não tinha nenhum problema. Eu fiz o pré-natal no público e o parto foi no SUS também. O parto foi cesáreo, porque ele não tinha descido, ele tava muito em cima. Aí teve que fazer cesáreo porque eu já tinha dilatado e ele não desceu. Aí teve que fazer cesáreo de última hora”. (Joyce)

“O meu pré-natal foi bem seguro, não tive nenhuma complicação. Comecei com quatro meses a fazer o pré-natal. Ganhei a minha primeira filha com 8 meses, e aí ganhei no hospital HUB. Foi um hospital muito bom, e ela nasceu normal e o outro também. Comecei o pré-natal com 4 meses, nunca gostei de começar do início, comecei com quatro meses. E aí eu ganhei ele com 8 meses, ganhei ele normal. Eu comecei com quatro meses porque eu já queria saber o sexo.

Aí quando você começa a fazer o pré-natal no início é muitas coisas, muitas perguntas e tudo, você tem que fazer várias ecografias. Aí eu preferi começar logo de 4 meses porque eu já pegava a ecografia, já sabia o sexo. Eu não ia para a consulta de primeiro mês, segundo, não, já ia no quarto mês porque para mim é o mais importante. Eu já sentia enjoo e tudo, as outras eu não achava importante. Mas a partir do quarto mês eu ia para todas as consultas e eles não falaram nada não porque tava normal. Eles falam quando tem alguma complicação, mas como tava normal, não falaram nada não, nem perguntaram não. Na primeira gravidez eu fui para as primeiras palestras, mas do segundo eu não fui não, porque eu já sabia como que era. As palestras eram sobre amamentação, como segurar um bebê, cada fase do bebê, até a fase da gestação quando o bebê fica dentro e tal”. (Nicole)

“Assim, na primeira gestação como foram gemelgares, né, dos gêmeos, o pré-natal eu marquei no posto. Mas como era gestação de alto risco eu fui transferida para o hospital, para o hospital de Taguatinga, com o médico específico de alto risco, né, por ser gestação gemelar. Mas foi tranquilo, teve todas as consultas normais. Só no começo da gestação que eu tive um pouco de descolamento de placenta, e tive que fazer o uso de hormônio, né, para segurar. Aí fora isso foi tranquilo. Aí no final da gestação eu comecei a ficar com hipertensão, mas não tive diabetes, só hipertensão. Aí o médico decidiu interromper a gestação com 36 semanas. Com 36 a gente foi lá e marcou a cesariana, fiz lá. O atendimento foi bom. E deixa eu ver o que mais... Na segunda gestação também foi tranquilo, só que eu fiz no hospital particular aonde eu trabalho, porque como eu já trabalho lá eu fiz lá. Foi tranquilo, fiz todas as consultas, os exames, e eu não precisei tomar nenhum tipo de remédio específico. E da última (filha) também fiz no hospital particular, foi tranquilo. Só o pré-natal dos gêmeos que eu fiz no público porque eu não trabalhava ainda na época, aí eu não tinha plano de saúde, aí eu fiz no público. Lá tinha as palestras no posto, a reunião familiar, o plano familiar. As consultas eram no hospital e as palestras eram no posto – essa parte de amamentação, essas coisas. Só que depois, quando eu tive eles, como eles nasceram muito pequenos, eles estavam com dificuldades de mamar. Aí eu fiquei 5 dias internada no hospital por conta disso. Eu já tava de alta, mas como eles não estavam mamando eu tive que ficar no hospital. Aí quando a médica viu que eles pegaram no peito, a médica ainda queria que eu ficasse indo lá no hospital no banco de leite, para ela observar se eles tavam amamentando certinho. Aí eu ficava indo lá no banco de leite quase todo dia, para ver se eles tavam mamando, se tava pegando no peito, essas coisas. Fui para o pré-natal desde o primeiro mês da gestação”. (Kaka)

Silva, Serralha e Laranjo (2013) afirmam que os cuidados estão atrelados às crenças, cultura e religião de forma singular. Broilo (2013) frisa que a alimentação das crianças também é um norteador do cuidado com a prole, acompanhando as subjetividades de cada um. Já para Botelho et al (2012), as mães procuram atender primeiro às principais necessidades consideradas por elas, como a alimentação, higiene, atenção e dar carinho.

Nas falas a seguir, pode-se observar que as mães do estudo em questão abordam diferentes significados de cuidados e saúde – amor, carinho, educação, ensino, higiene, alimentação e outros aspectos que norteiam a vida de um ser humano –, a fim de alcançar estado de bem-estar social. O mesmo pode ser verificado no estudo de Almeida (2007), que afirma que, tanto para as mães das camadas populares quanto para as mães da camada média, os cuidados com os filhos vão desde a alimentação até levar a criança ao parquinho.

Contudo, a mãe tida como cuidadora da família fortalece o aprisionamento da mulher como responsável obrigatória dos cuidados tradicionais que foram designados a ela, exaltando assim a desigualdade de gênero e contextos sociais (GUTIERREZ e MINAYO, 2010).

“Cuida, cuidar, tem muitos significados, eu acho que desde se preocupar com saúde, com higiene, com educação, né? Eu acho que desde bebê entra educação, não só de cuidar do físico, mas você já ir ensinando, né, da melhor forma possível para o seu filho”. (Rosa)

“Cuidado é prestar atenção, (porque) eles não ficam quietos. Tudo que não pode, eles fazem e mexem. É ficar observando, dar comida, ver se quer água, ver se tá com febre, dar banho, alimentação, é mais essa parte mesmo”. (Joyce)

“Primeiramente cuidado é educação, amor e afeto, para mim esses são os principais cuidados. Educação. Eu trabalho fora e tudo, e às vezes é um pouco meio complicado porque eu trabalho integral, e eles passam a maior parte do tempo na creche. E tem coisas que eles vão pegando das crianças mesmo. Eu sempre participo das reuniões da creche, eu sou muito de conversar e botar de castigo”. (Nicole)

“Cuidado é você cuidar da alimentação, cuidado para não se machucar, cuidado com a higiene corporal, cuidado com a alimentação, cuidado com os ensinamentos, as palavras que fala perto deles, com discussões. É isso os cuidados que a gente tem que ter”. (Kaka)

“Ai ai, meu Deus do céu, tem coisa mais gostosa não, tem coisa mais gostosa não. O cuidado é tanto que eu pedi para as pessoas dar banho para mim; mas pra mim, ia machucar, ia deixar cair. Eu tava ali em cima, nossa, eu era uma galinha empenada em cima de filho, sempre fui. Você vê o tamanho que eles tão, e até hoje é muito difícil. Eu sempre fui exigente comigo mesma, com os meus filhos, sempre fui muito exigente. Não faço por mim, mas para eles é tudo. Eu nunca abri mão de nada para os meus filhos, né, na medida do possível. Até (para) a minha mãe eu falava para ter cuidado – eu era galinha-choca mesmo em cima dos filhos. Para mim o cuidado é ter horário para mamãe, para tomar o banho, muito carinho. É os cuidados mesmo que o bebe precisa, não deixar muito tempo de cocô, nem de xixi. Deixar o bercinho dele bem limpinho, deixar as fraldinhas e as roupinhas tudo lavada, tudo passada, porque naquela época era lavar e passar fralda. É, minha filha, na época que eu tinha o segundo filho, o outro estava com um aninho e eram 60 fraldas por dia. Tinha que lavar e passar todo dia, e naquela época a situação era tão difícil que eu comprava morim. Sabe o que é morim? É aquele pano que o pessoal compra para forro, eu comprava morim e colocava de duas em duas. Porque a outra fralda era cara, e eu não tinha condições de comprar. Mas era tudo limpinho, tudo cheirosinho, eu levantava era 6 horas, e a noite que (eu) ia trocando. Eu ia trocando e jogando dentro do balde. Tinha um balde que era de xixi e outro que era só de cocô. Aí quando era 6 horas da manhã eu levantava, tirava aquilo tudo e lavava. Aí que eu ia botar só no sabão em pó para daqui a pouco enxaguar, (por) que naquela época não tinha máquina, era tudo na mão. Mas era tudo limpinho, tudo cheirosinho, tudo em ordem. Nossa, isso aí não, Deus me livre, eu sempre fui muito exigente nesse sentido”. (Cida)

“Eu acho que cuidar é zelar pela vida dele, tudo que seja relacionado a ele. Eu acho que o zelo com a higiene dele, com a alimentação dele, de tá levando ele com as consultas com a pediatra, de tá levando ele para vacinar”. (Bruna)

“Para mim cuidar é sempre você tá atenta, né? Cuidar da saúde, né, em primeiro lugar. Eu sempre cuidei bem deles, né? Assim, às vezes até hoje, que não são mais criancinhas, né, quando adoecer eu tenho que tá perto, tenho que levar no médico. Pra mim cuidado é assim, né? A gente cuidar bem deles, na saúde, na educação também que é muito importante. Para mim os cuidados deles são assim. A minha filha vai fazer 21 anos e para mim ainda é uma criança. Para mim cuidado é fazer de tudo por eles, eu cuido quando tá doente, não faltar alimento, fazer de tudo, porque para mim tudo tem que se resolver”. (Kelly)

“Cuidado, mulher, eu não sou uma boa pessoa para falar isso não...Cuidado é cuidar, é dar comida, é proteger. É ficar de olho o tempo todo, que não é meu caso, né, tu viu lá. (Quando cheguei o filho dela estava brincando de subir no portão do lado de fora da casa, sozinho) É levar nos médicos, consulta, vacina, para mim tudo isso é cuidado”. (Nilza)

“Olha, eu me considero assim, sadia. Desde o parto eu nunca tive doença assim séria, mas ter saúde é você buscar uma qualidade de vida assim. Eu me preocupo, eu sempre me preocupei. Comer direitinho, né? Alimentação, isso aí é essencial. Então eu acho que você buscando isso aí, já é um sinal de ter saúde. Você estar indo ao médico, né, sempre tive o cuidado de ir ao médico anual, né, fazer aqueles exames. Hoje já (é) mais difícil porque o meu marido desempregou, né? Aí tem sete meses que eu tô sem plano de saúde. Aí ele tá dando esse tempo aí em casa, mas acho que semana que vem ele começa. Mas a gente sempre teve plano, eu acho que eu deveria ter aproveitado mais do plano. Eu mesma falo, né, que deveria ter aproveitado mais, porque têm coisas, igual varizes, que não é mais uma simples aplicação que funciona para mim, né? Hoje em dia só cirurgia, e eu poderia ter feito e eu fui atrás, mas eu não fiz, por desleixo mesmo. Sabe, assim, aí eu penso que se tivesse feito poderia ter aproveitado mais, né? Hoje eu tenho esse problema, e eu não tenho plano de saúde, e não tenho dinheiro para fazer, né?” (Rosa)

“Saúde é o menino brincar demais. Se o menino não tá brincando é porque tá doente. Ah, (é) ele acordar todo dia sorrindo, igual o meu filho...A coisa mais difícil que tem é ele adoecer, se eu vejo ele deitadinho demais é porque tem alguma coisa. Aí vai ver tá gripado, sempre tem alguma coisa”. (Nilza)

“Saúde é ver eles se alimentando direito, porque criança quando tá bem ele se alimenta. Quando criança tá doente ele não quer se alimentar. E evitar que eles tenham gripe. Todas as vacinas que tem que tomar, tomar. Todas as consultas agendadas, a gente consultar direitinho. E eu nunca tive muito problema. Eu tive problema com o meu filho mais velho porque ele queria comer terra, então ele me deu muito trabalho. O mais velho, então, ele me deu muito trabalho e teve verminose, mas fazia exame. Cheguei a fazer exame particular e não acusava os vermes nos meninos, até o dia que ele travou. Aonde eu morava, as paredes do tamanho dele era tudo roída, dele tirar barro para comer, naquela época eu tive tanto trabalho com o meu filho. Mas ele travou no médico particular, eu levei ele em uma consulta particular. Ele com um bucho daquele tamanho, com febre, aí eu disse para o meu marido que queria dinheiro, que ia levar

ele no particular. Mandei ele se virar. Aí quando eu cheguei lá no médico particular o médico examinou ele, e disse para eu levar ele para o Hospital de Taguatinga porque ele tava travando por causa dos vermes. Tava revirando os olhos. Quando cheguei lá na consulta particular ele começou revirando os olhos, aí o médico disse para eu levar ele para o Hospital de Taguatinga. Aí eu não tinha dinheiro para um carro, para um táxi. Aí eu tava sem nada. Aí eu tava ali na Comercial, aí eu pensei: meu Deus, como eu faço para chegar lá? Aí tinha um senhor lá que tinha ido levar o neto também para consultar, mais a avó, aí eu comentei com ele. E ele disse que o carro não tava prestando, mas que ia me levar no hospital. Aí ele perguntou se eu tinha fé em Deus, e eu disse que sim. Aí eu entrei nesse carro. Oh esse carro até hoje eu lembro, parecia que o carro dele ia desmontar lá na Sandu. O carro tava tão ruim quanto o meu filho. Eu disse pra ele que o carro tava caindo peça (risos). Aí eu olhava para trás (risos). Meu Deus, como eu queria lembrar o rosto desse homem...Mas nós chegamos lá no hospital, eu tava tão apavorada que eu não conseguia lembrar o rosto desse homem. Aí quando a gente chegou lá na porta ele saiu na minha frente e disse que o meu filho estava morrendo no braço da mãe. Aí a enfermeira veio, o médico foi olhar ele, e passou um óleo para ele tomar e com três dias depois ele começou evacuar uma bolsa de verme. Era uma bolsa de verme que a gente não sabia como saía. Aí essa bolsa de verme saía cada vez que ele fazia força, e não podia puxar porque pode quebrar e dar infecção intestinal. Aí depois que ele começou a evacuar os vermes eu fiquei lá três dias, e só saía aqueles bolos de vermes, e eu fui pra casa e ele ainda ficou 30 dias evacuando verme. Só tu vendo a barriguinha dele, foi o trabalho que ele me deu. Mas eu acho que veio de mim porque eu, quando criança, comia muito barro e tive à beira da morte muitas vezes, e eu acho que, sei lá, veio de mim”. (Cida)

“Ah, saúde é tudo, né, na vida. A gente tendo saúde em primeiro lugar a gente tem tudo, porque a gente doente a gente não é nada. Para mim, saúde é se cuidar, né, ter cuidado para não adoecer, sempre ir no médico, não deixar a doença bater. A saúde é tudo na vida”. (Cida)

“Para mim se tiver correndo, tiver bem, não tiver para baixo, para mim tá bem. Igual, agora ele tá resfriado se não tiver quietinho. Igual, ele faz acompanhamento, né, eu levo ele em todas as consultas. Ele tomou vacina. Acho que é mais essas coisas mesmo”. (Joyce)

“Saúde é uma criança brincalhona, saudável, que gosta de brincar, experimenta de tudo. Para mim isso é saúde, crianças extrovertidas”. (Nicole)

“Saúde para mim é ter uma boa alimentação, e a atividade física deles, brincar, conhecer outras coisas, é isso. Eles estão com saúde quando estão ativos”. (Kaka)

“Para mim saúde é só dele não ter doença nenhum, e é muito difícil dele tá doente. Ah eu acho que ele é muito brincalhão, não fica quieto um minuto, come de tudo, não tem essas frescuras de tá escondendo comida. Ah e a questão de não ficar doente, acho que só isso mesmo”. (Bruna)

Christoffel e Leandro (2011) afirmam que as mães sabem identificar o que os seus filhos têm pelos sintomas e gestos que eles demonstram. Dessa maneira, uma criança chorando copiosamente seria um sinal de estar com fome, ao passo que se ela chorasse e fizesse movimentos com as pernas, seria uma prova de cólica. Esse mal estar poderia, então, ser tratado de diversas formas, desde a movimentos braçais aprendidos com familiares mais experientes, por meio de chás para dor, ou até mesmo pedindo ajuda para Deus e praticando hábitos religiosos (como, por exemplo, na hora de dar banho na criança cruzar a água em seu corpo).

Assim, as entrevistadas relatam conhecer o corpo dos seus filhos em suas totalidades, sabendo como proceder em cada enfermidade, uma vez que têm seus próprios itinerários terapêuticos de cuidado, aprendidos pelas suas redes de cuidados. No entanto, o discurso médico ainda é marcante; as mulheres se sentem na obrigação de procurar um pediatra com medo de que algum mal aconteça aos seus filhos. A procura pelo médico está na linha tênue da criança ter febre ou não, na qual a febre é um fator marcante para gravidade da doença.

Portanto, para Okido et al (2012), a família é vista como a primeira fonte de apoio, sendo que muitas vezes passam a exercer cuidados técnicos que antes eram tidos como de responsabilidade dos profissionais da saúde. Crenças e valores, no entanto, não são deixados de lado, pois cada um cuida dos seus de acordo com o que foi aprendido, valendo-se de técnicas individuais que dão significados às suas formas de cuidar.

Assim, Murakami e Campos (2011) frisam que os familiares muitas vezes se dão conta de que uma criança não está bem apenas de olharem para ela. Nas falas abaixo é possível observar que as mães são detentoras do cuidado com o filho e que elas conseguem fazer uma rápida identificação sobre a situação de saúde da sua prole.

Lembrando que, no que diz respeito à saúde, a presença do médico é marcante. De fato, as entrevistadas se mostram inseguras de não levarem os seus filhos ao médico, pois em caso de acontecer algo mais grave, elas se sentem responsáveis por não terem tomado as devidas

providências. A esse respeito, Christoffel e Leandro (2011) confirmam que as mães se sentem inseguras de cuidarem sozinhas de seus filhos.

Assim, a mãe é a primeira pessoa a identificar que os filhos não estão bem, através da observação de seu comportamento. Após essa identificação, tem início o itinerário terapêutico em busca de tratamento de cura (OLIVEIRA et al, 2014), igualmente observado a seguir, nas falas das entrevistadas.

Dessa maneira, os itinerários terapêuticos são criados a fim de alcançar a cura. Tais cuidados também são repassados de geração a geração, sendo que os mais velhos repassam para os mais novos como se cuidam e quais plantas, chás, sopas, ou até mesmo medicamentos farmacêuticos são indicados para doenças iguais ou similares (op. cit.).

“Eu vou no médico primeiro. Primeiro o médico, porque eu confio mais nos médicos. Não é que eu queira ser moderna demais, mas é que a mãe da gente, elas querem ensinar umas coisas para a gente, mas assim, eu acho que o certo é procurar o médico, porque benzedor não vai funcionar. Porque assim, as mães querem ensinar muitos remédios caseirinhos, mas assim, eu acho que não funciona. Eu acho que o certo é você já correr e ir para o médico, porque eu acho que ele que estudou e tá lá para isso, não é?” (Rosa)

“(Levo no médico) quando eu vejo que ele tá com muita febre, ou tossindo, ou espirrando muito, ou quando acontece alguma coisa. Acho que ele tava com seis meses, ou era sete, aí ele ia caindo. Aí a minha cunhada pegou ele, aí ele deslocou o braço. Aí teve que levar para o hospital. Mas nesses casos assim urgentes”. (Joyce)

“Quando eles adoecem, quando eles pegam uma gripe forte, aí eu acho necessário levar para o médico. E para consulta de rotina eu não levo, porque primeiro que eu não tenho tempo, e eles são saudáveis”. (Nicole)

“Quando eles tão doente eu sempre levo, semana passada mesmo eu tive que levar. E é assim: quando a garganta deles inflama, inflama de um, inflama de outro, até passar a de todo mundo (risos). Como o posto já marca, eles já consultam lá. Os de cinco anos agora eles não têm mais essa consulta certinha, aí eu não marco não, só vou quando precisa”. (Kaka)

“Assim, se for uma dorzinha de cabeça que é moderada, eu posso dar, assim, um remedinho. Eu não sou muito de tá dando remédio assim por qualquer coisa. Porque a minha mãe ela tem

mania, né, de remédio, tanto de raiz, de tudo, e comprar por conta própria. E eu não sou a favor disso não, eu acho que tem que ir ao médico. E a gente conhece o filho que tem, né, se a gente vê que ele tá meio assim borocoxozinho e a disposição, né, do filho. Igual a minha filha: ela é muito disposta, aí se eu vejo que ela tá, assim, muito molinha, né, aí se você vê, assim, que tá com febre, aí é uma coisa mais grave, né? Uma inflamação. Aí tem que procurar o médico. Mas se é, assim, uma gripe, por exemplo, eu já procuro tratar a gripe em casa mesmo. Aí eu aumento a quantidade de tomar suquinho de laranja, esses cuidados caseiros mesmo. Minha mãe que me passou esses cuidados caseiros. Eu falo para a minha mãe que ela é a médica da família (risos), que ela quer ensinar tudo de remédio para a gente. Mas esses aí funcionam. Ela gosta muito do chazinho, né? Diz que gripe a gente cura mesmo em casa. É na alimentação, dar bastante fruta, evitar o gelado, e eu evito, né? Eu acho que o gelado faz mal mesmo, né, pode fazer. Aí o gelado eu não dou para a minha filha. Aí tem a questão também, por exemplo, deu febre, aí eu dou banho. Mas para a minha mãe a questão do banho já é veneno, né, para febre. Mas não é, e eu aprendi que não é mesmo. Eu aprendi isso lá no postinho, por isso eu sou fã de lá. Assim, eu não dou antibiótico, porque, por exemplo, eu vejo que (para) muita mãe, se o filho tá com uma dorzinha de garganta aí a mãe já dá logo amoxicilina e esses assim, né, por conta. Porque a gente vai geralmente no médico, aí são esses assim, né, que eles passam. Aí você pensa, assim, eu vou lá e vou pagar uma consulta e que não seja mesmo que não vai pagar, mas mesmo assim, a gente tem que ir, né? Porque antibiótico a gente não pode tomar por conta. Eu falo assim porque com antibiótico eu já tive problema, né? Eu criei um problema simples que qualquer mulher tem, mas eu estranhei, né, porque eu comecei a sentir uns incômodos. Eu tinha tomado muito antibiótico no ano anterior porque eu tinha um probleminha aqui e outro aqui, aí eu fiz dois implantes, e demora um tempão para finalizar. E cada vez que tinha que fazer a cirurgia eu tinha que tomar um antibiótico, assim, grandão. Aí eu tive esse problema que eu tô te falando, aí eu descobri, né, eu fui atrás. E o antibiótico, assim, você tomando muito dá problema. E hoje eu vejo que ele passou muito, e deu outro problema para mim. Aí eu vejo que você tem que ir ao médico para tomar antibiótico. Assim, o dentista que passou para mim e mesmo assim eu tive problema. E qualquer dor de garganta a pessoa dá antibiótico, eu procuro outros meios né, mais naturais do que antibiótico. Eu nunca fui em raizeiro nem tomei essas coisas”. (Rosa)

“Eu uso os dois, médico e raízes. Mas médico só no último caso. Mas aí quando tá gripado eu dou um xarope, eu dou um chá, dou aquele xarope expectorante, caseiro, chá de gengibre,

essas coisas. Aí eu vejo, tipo, que não passou a febre tem uma semana, aí eu levo ao médico. (Busco a) religião, quando o negócio vai pegando, aí a gente tem que apelar”. (Nilza)

“É tipo assim, é mais uma vez ao ano que levo ao médico. É pra dar remédio para verme, passar alguma vitamina, só isso”. (Nilza)

“Internet (risos): primeiro eu vou na internet. E assim, todo dia eu ouço o padre Marcelo, aí todo dia eu coloco a água e faço o suco, a água benta, né? Então em termo de religião eu acho que só nisso aí. Mas quando ele adoecer, assim, feio mesmo, aí eu apelo para internet. Aí se não der certo eu levo ao médico, aí nem tudo que o médico passa eu faço. Porque o médico fala: não faz isso, não faz aquilo, não dá chá, não dá xarope, não dá mel. (Mas) aí eu continuo dando mel e os remédios que o médico passa”. (Nilza)

“Tipo uma gripe: se ele tá gripado, e o nariz escorrendo, e tossindo, aí eu trato como uma tosse ou uma gripe normal. Aí se passou de uma semana, e eu escuto o peito dele chiando, aquela rouquidão, aí eu levo ele ao médico, porque eu tenho medo de pneumonia. Aí eu levo para fazer um exame, aí em casa eu dou xarope, chá. Tudo aprendi com a mãe”. (Nilza)

“Levava normal para todas as consultas, e vacinas eles tomaram porque eu acho que era muito importante para evitar certas coisas. Eu fico pensando, assim, hoje, que se eu não levasse meus filhos para tomar as vacinas, eu acho que o meu filho não tinha escapado daquela verminose não. Porque não tinha imunidade se não levasse. Graças a Deus nunca faltei nenhuma vacina deles, nem da minha outra filha. A gente leva com dó, mas leva”. (Cida)

“A importância das vacinas são para imunizar, né, eu sempre entendi que era importante, né? E do acompanhamento médico é porque a gente tá sempre aprendendo, né, e eles tem sempre mais para ensinar para a gente sobre a criação, sobre a forma de cuidar. Então eu achava fundamental isso aí. Meu filho mais novo com 5 meses pesou 12 quilos. Aí na hora de ir para o médico eu tinha que pedir ajuda, porque naquela época, por causa das gravidezes, eu vivia muito ruim da coluna, muito ruim. Eu não conseguia levar ele até a esquina e voltar, ele era muito gordo. E o mais velho me passou um sufoco muito grande, o mais velho foi da verminose. E o mais novo eu deixei ele deitado na cama e fui enxaguar as fraldas, ele tava dormindo, aí eu escutei um barulho assim, puxando o fôlego. Aí eu pensei que ele tivesse caído da cama, mas ele não virava porque ele era muito gordo. Aí aqueles alfinetinhos, assim, que você prende

o bico, é o fim da picada, viu? Eu amarrei assim, com um cordãozinho de ouro que ele tinha, e coloquei. Aí quando eu vi, ele tinha vomitado. Aí tinha um vômito no rosto dele. Aí eu passei a mão assim no rosto dele, e aquele vômito tinha sangue. Aí eu falei: ai meu Deus! Aí eu limpei ele meio trêmula, assim, assustada. Eu acho que se eu tivesse demorado ele tinha morrido sufocado. Aí eu procurei o cordãozinho e não achei. E o alfinete que tava segurando também não achei. Achei o bico, aí quando eu achei o bico no chão, a correntinha tava nas costas dele, perto dos pescoços. E o alfinete não achei. Aí eu pensei: Senhor, me ajuda. Aí eu olhei para todo lado e não achei o alfinete, aí meu marido veio jantar, e eu falei para ele, e ele disse para eu parar. (Falou) que ia chegar no hospital e dizer que o menino tinha engolido um alfinete. Aí eu falei para ele que queria ir, e tirava as minhas dúvidas lá porque eu não achava o alfinete em nenhum lugar. Aí ele pegou e saiu para trabalhar, aí minha comadre chegou lá em casa. Aí eu falei para ela, e ela disse que o marido dela ia chegar e a gente ia com ele. O meu marido mesmo não deu confiança, né? Os meus compadres que foram comigo. Aí chegou lá no hospital e bateu o raio-x. Aí o médico disse para tirar o raio-x dele sem roupa, aí eu disse que tinha tirado sem roupa., Aí eu disse que o alfinete tava no estômago do menino. O alfinete tava aberto, a sorte foi que ele engoliu com a parte aberta para cima. Que se ele engole com a ponta para baixo ele tinha morrido antes de eu chegar no berço. Aí ele mandou eu ir para o Hospital das Forças Armadas, aí quando chegamos lá no HFA os médicos falaram que não tinha como tirar o alfinete, que tinha que observar as voltas que o alfinete ia dar na barriga, porque se prendesse ia ter que abrir para fazer cirurgia e tirar. E ele era gordo, enorme, menino com 5 meses pesava 12 quilos. Aí a gente tirava raio-x dele de manhã e à tarde, e não podia deitar, dormia no meu ombro ou no ombro do pai. Naquela época não existia celular, nem telefone existia. Aí quando o pai dele apareceu lá no hospital eu disse para ele olhar o raio-x, para olhar a boa vontade dele, que já tinha andado tudo que era hospital com os meus compadres. Aí ele desesperou, aí ele chorou, aquela coisa toda. Aí ele correu de manhã e de tarde indo no hospital, aquela coisa toda, e passaram remédio para soltar o intestino dele porque não podia enganchar. Porque na hora que enganchasse, tinha que sair correndo pra fazer a cirurgia. Aí com três dias depois ele evacuou bem aqui no meu braço, assim. Aí quando eu vi ele agonizado, ele pegou e fez o cocô, aí tava lá o alfinete. Ele me aprontou. Tem dois anos que passou as peripécias das crianças e mostrou o raio-x dele na televisão”. (Cida)

“Sempre que eu tinha que levar eles ao médico, aí o pai vinha de carro para me levar, ou então algum vizinho que tivesse carro, porque eu não dava conta. O posto não era longe, mas eu não

dava conta, meu filho era muito pesado, e naquela época não existia esse negócio de carrinho. Pobre ter carrinho, já pensou? Isso era coisa de rico”. (Cida)

“Quando ele tava com uma febrezinha, percebia um hálito mais forte, aí eu levava, porque antes de um ano não. Porque antes de um ano eles não tiveram problema de garganta não, só depois de um ano que ficavam colocando mão suja na boca, essas coisas, assim. Tinham as datas de ir no médico, né? Mas sem ser as datas eu achando necessário eu levava sim, uma infecção, uma febrezinha, uma diarreia que não tava controlando, eu sempre levava fora das datas de consulta”. (Cida)

“Não, a minha mãe me ensinava a dar um chazinho de erva doce, um chazinho de coisa para cólica, os dois tiveram muita cólica. Então eu dava chazinho de cebolinha branca que a minha mãe ia na feira e comprava. Tem um outro chazinho, o de erva-doce, e outro que ela prepara e que era calmante, o de camomila. Esses três chazinhos eu dava para eles, assim, quando eu via eles agitados pra dormir. Aí eu dava o de camomila, ou às vezes um chazinho de erva doce. Porque na hora, o mais novo mamava, e podia atrasar a mamadeira dele duas horas...mas na hora que ia servir tinha que ser duas, aí eu dava um pouquinho do chá e depois a mamadeira. Porque se não, aonde ia parar aquele menino, aquela gordura? A religião eu não procurava não, só o médico mesmo. O que o médico falava eu buscava acompanhar”. (Cida)

“Era mais para prevenir que eu levava eles, mesmo se não tivesse nada. Tava marcado, aí eu levava. O médico examinava, via se tava tudo bem para eu ficar mais tranquila, né? Porque às vezes tinha levado para o pronto-socorro por algum problema, aí depois examinava, era só mais para prevenção mesmo. Com 7 anos os dois tiveram hepatite, todos os dois, aí a saúde foi lá em casa através do posto. Sei lá, acho que a saúde, para examinar, foram ver a caixa de água. Aí a gente morava de aluguel, aí a gente falou com o proprietário e aí tirou a caixa de água, porque falaram que era a sujeira da caixa de água. O mais velho tudo nele é mais forte, a hepatite nele foi muito forte, já no outro foi menor porque ele era melhor para se alimentar”. (Cida)

“Eu ia diretamente ao médico. Diretamente ao médico, porque como diz a história, tudo da gente a gente põe nas mãos de Deus. Mas eu não procurava a religião, eu nunca fui muito de frequentar, mas sempre que você tem um filho doente você fala: “Oh Senhor!” Mas aí você corre pra o hospital, né? A minha mãe, assim, como ela já era de idade, trabalhava fora,

trabalhava de faxina na época que meus filhos nasceram. Era muito cansativo para ela, eu procurava não levar os problemas para ela. Quando ela descobria, ela ia lá e já gerava um chazinho, uma coisa diferente, “não faça assim, faça assim, faça assado”. Aquela história, né? Acabava ajudando, né, mas eu não ficava chamando ela não. Fazia isso não, ela já levava uma vida bem cansada”. (Cida)

“Eu nunca fiquei sem termômetro, e quando eu percebia a caloria deles, mais molinho, ou mais enjoadinho, aí eu detectava febre. Eu tinha sempre aquele remédio que o médico passou na última vez, e aí eu repetia a dose de novo com eles. Mas aí se não baixava a febre, aí eu ia. Era através da febre que eu identificava. Se ele tivesse com diarreia, aí eu dizia que era febre intestinal. Ou então eu dizia (que) era garganta, (por)que sempre era garganta. Aí eu levava ao médico e tomava uma medicaçãozinha, ou vinha para casa com medicação para tomar”. (Cida)

“Eu sempre levava ao médico de três em três meses, ou de seis em seis meses, e quando sentia alguma coisa importante. Mas eu sempre levei eles ao médico. Realmente eu quem ia atrás para marcar as consultas de rotina”. (Kelly)

“Só levava ao médico. Eu levava também para a igreja. Sempre que eu ia para a igreja eu sempre levava eles, porque eu achava que era bom para eles. Achava não, né? Realmente é bom para eles participar da igreja. Às vezes quando eles tão doente eu vou na farmácia mesmo e compro um remédio. Se é uma febre eu vou na farmácia e compro o remédio, e dou em casa mesmo o remédio que o médico já tinha passado”. (Kelly)

“Eu perguntava para minha mãe. Eu contava para ela que eles tavam sentindo isso, o que era que eu fazia...aí ela falava para eu dar tal coisa, remédio, ela me ensinava o remédio quando era para febre, para as coisas. Ela me ensinava, que mãe é rezadeira, né? Aí ela rezava, eu procurava mais ela. Às vezes quando tava com febre ela mandava dar amoxicilina. Ou quando tava tipo lá no nordeste tem um tal de quebrante, ferida de boca, sapinho, essas coisas, aí ela rezava, era mais assim”. (Kelly)

“Ah quando eles ficavam mais assim, quando eles ficavam, tipo assim, menos alegre, ficavam quietinho, aí quando tava diferente assim, uma coisa, aí quando eles tavam com febre eu levava logo ao médico. Não esperava ajuda de ninguém, quando eu via que ele tava molinho assim,

triste, aí eu levava logo ao médico. Aí quando era uma doencinha assim, mais ou menos, às vezes tava vomitando, aí o povo dizia para dar um remédio de vômito que era bom. Às vezes dava e passava, e às vezes dava e não passava. Aí tinha que levar ao médico. Aí assim, quando eles tavam doente e ensinava e fazia em casa, e dava e não passava, aí eu levava ao médico. Sempre foi mãe mesmo que ensinou, sempre era ela mesmo, mas tinha os vizinho também que ensinavam. Aí às vezes eles diziam: dá isso. Aí eu falava que tinha dado e não passou, e que ia levar ao médico mesmo. Quando eu levava ao médico e mesmo assim não melhorava, aí eu procurava reza. Assim, quando tava vomitando ou com a garganta doendo, aí eu sempre ia para a vizinha lá do lado que ela rezava de quebrante, que o povo dizia que dava para vomitar, e minha mãe rezava na garganta”. (Kelly)

“(Levo ao médico) só em caso que eu vejo que ele tá com muita febre, ou eu dou um remédio e ele não melhora. Porque eu tento evitar de levar ele nesses lugares, porque eu tenho medo dele pegar alguma coisa. Eu sempre levo ele mais no posto, eu tenho medo dessas bactérias aí”. (Bruna)

“A pediatra tinha falado para eu começar a dar as verduras para ele com seis meses. Só que eu tive que adiantar com cinco meses, porque eu tive que ir para a faculdade, aí minha tia começou a dar para ele. Mas eu fazia igual ela falava, pegar uma verdura ou outra e ir inserindo de pouco a pouco. Ele já tá comendo de tudo, em geral ele come de tudo hoje em dia. Eu dou uns dois ou três banhos nele por dia, eu tô ensinando ele a escovar os dentes. Ele tá com 1 ano e seis meses. Eu ainda não penso em colocar ele na escola, ele ainda é muito pequeno. E eu tenho medo de botar ele em creche porque os meninos vivem doente, e como eu tenho quem me ajude, aí eu nem penso”. (Bruna)

“Só (levo) no médico mesmo e, às vezes, como por exemplo (quando) ele tava com catarro no peito, a minha tia ensinou a dar um pouquinho de banha de galinha com um cházinho que ela me ensinou. Aí eu dei para ele e melhorou de fato, de fato melhorou. Mas eu dei uma quantidade minúscula, porque até a medica já falou que é perigoso ficar dando isso. Quando eu falei para ela, ela criticou um pouco porque para eles é tudo antibiótico. E essas coisas de benzer, de tá com quebrante, essas coisas eu não acredito, nessas coisas não. Minha tia fala que até hoje os padrinhos dele não rezaram nele e tem que levar par benzer. Que (ele) não dorme de dia, que é tudo mal olhado. Mas eu não levo não. Tirando esse remédio pra tirar o catarro, os outros eu não faço não, eu só fiz esse porque a minha mãe já tinha falado desse antes e dava certo. E

realmente dá certo, porque a minha prima que teve neném no mesmo tempo que eu. (A) filha dela tem esse problema de catarro preso, e ela vive levando a menina no médico e não dá certo, e esse melhorou”. (Bruna)

“Primeiro eu vejo se ele tá com febre, alguma coisa assim, se ele não tá comendo direito. Aí se for muito grave eu levo ele na pediatria. Mas se eu ver que é só um resfriado eu mesma dou um remédio para ele. Eu só dou os que a pediatria já passou na mesma quantidade. Geralmente ele nunca fica doente e as vezes que ele fica com febre é só reação da vacina mesmo. Aí quando é um caso que tem que levar ao médico eu levo logo, nem pergunto para ninguém”. (Bruna)

“Quando tá com febre e a febre não passa de jeito nenhum, eu dou banho nele. Aí não abaixa, dou remédio. Se não abaixa, aí eu tenho que ir de qualquer jeito”. (Bruna)

“Só (levo) mais no médico mesmo. Às vezes a vó dele faz melado, né, com umas plantas lá para ele tomar quando ele tá tossindo muito. Eu dou mais é xarope mesmo. Quando eu ia pedir para a tia do pai dele benzer ele, aí eu fui buscar ele, e ele não tava lá. Aí ela faleceu e eu nunca benzi ele não”. (Joyce)

“Geralmente (a consulta) é mais só para verificar mesmo se o peso tá certo, o tamanho, se não tem nenhum problema, mais essas coisas. E quando eu vejo que não tem nenhum problema assim, que é normal, aí eu levo mais no médico. Mas geralmente é só consulta mesmo de rotina”. (Joyce)

“Geralmente quando ele tá doente, às vezes eu dou xarope. Ou quando ele tá tossindo. Aí quando ele tá tossindo eu dou xarope para ele. Aí quando eu vejo que não melhora mesmo que eu dou xarope, mas normalmente eu dou o xarope e ele já fica bom. Que essas tosses assim eu dou um xarope para ele e ele fica bom. É difícil eu levar ele no hospital porque ele tá doente. Primeiro eu tento resolver, aí se eu vejo que não tá dando certo, que não tá melhorando, aí eu levo no médico. Da última vez eu dei aquele de Guaco mesmo. Ou então eu falo com o farmacêutico e ele fala algum aí eu dou para ele algum xarope. Geralmente quando tá assim eu já vou na farmácia, eu já passo lá e compro. Porque lá no posto para consultar, assim, é só de reposição. Aí tem que chegar lá cedo, e geralmente é a última para ser atendida. Aí passa o dia lá no posto, e em hospital tá mais difícil, porque quando não é particular sempre demora”. (Joyce)

“Normalmente eu dou o remédio e se eu vejo que não tá fazendo efeito, que não tá melhorando, aí eu sempre levo (ao médico). Mas geralmente quando ele tá tossindo, aí eu compro remédio para ele, aí ele toma e logo ele tá bom. Mas geralmente é mais pela mudança do tempo, né? Esse tempo assim. Mas ele é difícil de ficar gripado, ele não é de ficar doente não. Eu vejo a temperatura – se eu ver que ele tá com a febre mais de 40 graus, aí levo ele para o médico. Ou se eu vejo que ele tá tomando remédio e não tá melhorando, se tiver molezinho, se não tiver comendo...Mas eu não gosto de levar ele no hospital, porque quase nunca tem médico e demora muito o atendimento, né?” (Joyce)

“Eu não peço para benzer não. A minha família tem esses negócios, mas eu não levo não. A minha mãe é evangélica e não faz isso não. Mas as minhas tias falam para levar no benzedeiro, (por)que elas conhecem um, e essas coisas para tirar olho grande, essas coisas, mas não. Aí quando eles tão doentes eu levo eles ao médico. Quando não cura em casa mesmo, aí eu levo ao médico. Aí eu pergunto para a minha mãe, mas ela fala para eu levar para o médico, ela trabalha no hospital”. (Nicole)

“Eu levo só quando tá doente mesmo, (quando) eles tomam vacina, quando tão (doente) mesmo. Quando diz, assim, que não dá. Aí eu levo no médico”. (Nicole)

“Primeira coisa quando eu vejo que eles tão doente, diarreia mesmo, eu ligo para a minha mãe e falo e não sei o que fazer e tudo. Aí a minha mãe fala “faz soro de arroz, num sei o quê”. Aí (se) eu faço soro de arroz e não passa, aí eu vou lá no médico. Aí eles passam água de côco, soro, aquele soro caseiro que é de água e sal e tudo. É assim. Primeiro sempre a minha mãe. Sempre. Mãe é tudo, né?”. (Nicole)

“Eu identifico pela febre, porque você já vê pela febre que não é uma coisa normal. Se você já vê que a febre não é uma coisa repentina...Aí se não passa eu já levo logo para o médico, porque quando você tem filho você conhece quando tá estranho e tudo, quando ele tá bem pior”. (Nicole)

“Só (levo ao) médico mesmo, a gente não toma esses negócios de chá na minha família, quase ninguém tem isso. Nunca levei eles para benzer também não”. (Kaka)

“Os gêmeos (eu levo ao médico) quando tá doente, e os outros quando ainda têm as consultas periódicas eu levo sempre”. (Kaka)

“Primeiro assim, quando eles começam mais com febre eu dou um remédio para febre. Mas quando eu vejo que a febre não tá passando, que já tem um ou dois dias, que não tá passando, aí eu levo ao médico. Eu não pergunto para a minha mãe não, porque eu já sei. Aí eu mesmo cuido, eu dou os remédios que o médico já passou outras vezes”. (Kaka)

“Assim, se a febre não cessar, assim, vê que tá dando remédio, que deu o tempo certinho de acabar o efeito do remédio e tá com febre de novo, aí eu levo ao médico. Se eu vejo que tá muito molinho, não tá querendo comer, tá com diarreia, vômito, aí eu levo para o médico”. (Kaka)

6.2 REDES DE APOIO E AS DIFERENTES FORMAS DE CUIDAR

De acordo com Moura e Araújo (2004), no âmbito de ciências que lidam com os cuidados do denominado “binômio mãe-filho”, a medicina e a psicologia fomentaram o conceito de mãe cuidadora da família, especialmente no cuidado da mãe com o filho. O tema da maternagem foi intensamente elaborado ao longo do século XVIII, baseados nos discursos da política, filosofia e medicina. De acordo com tais discursos, a mãe teria um extinto natural de cuidadora que vinha da gestação até a amamentação (MOURA e ARAUJO, 2004).

Estudiosos enfatizam que os 60 primeiros minutos de vida da criança é o momento em que ela reage aos instintos da audição, ou seja, que ela volta o seu olhar para o que está ouvindo. Sendo assim, colocar o filho no colo da mãe após o nascimento é um fato valioso para a criação do vínculo (CRUZ, SUMAM e SPINDOLA, 2007).

Ademais, Christoffel e Leandro (2011) frisam que é importante a criação de vínculo entre todos os entes da família, o que ajuda no desenvolvimento psicossocial da criança. Importante notar que a pessoa responsável por tomar o norte da situação do cuidado é a mais velha da casa, alguém com experiência em cuidados anteriores. Normalmente, essa pessoa é a avó da criança (CHRISTOFFEL e LEANDRO, 2011).

Dessa maneira, Gutierrez e Minayo (2010) abordam a questão da rede familiar no que diz respeito ao cuidado com os entes. Isso pode ser observado ao longo das próximas falas, nas quais os familiares – principalmente as mulheres da família –, ajudam umas as outras quando

precisam; como, por exemplo, na recuperação do resguardo, confirmado na fala das entrevistadas logo abaixo.

Assim, foi analisado pelas falas das entrevistadas que a família é a primeira fonte de cuidado que elas recebem, principalmente no que norteia os cuidados durante o resguardo, pois elas estão em uma fase que o conforto familiar tem valor positivo durante o processo de uma recuperação mais rápida.

“O meu marido cuidava de mim no resguardo, só ele que cuidava de mim. Ele fazia tudo, tudo: comida, lavava a louça, arrumava a casa, fazia tudo”. (Nilza)

“Eu mesma me cuidava durante a gestação, e do segundo eu mesma. Na primeira foi a minha mãe, ela fazia comida sem gosto, entendeu? Ela tinha mania de fazer chá de algodão para passar, me dava chá de algodão. Aí no segundo eu vi que não precisava de nada disso não”. (Nicole)

“A minha sogra que cuidou de mim durante a gestação e resguardo. Era mais dela fazer as coisas, né, porque eu não podia fazer. De arrumar o meu quarto, fazer comida, que eu tava na casa dela...Aí ela que arrumava o quarto, fazia comida, dava banho nele, aí quando eu tava cansada ela pegava ele para eu descansar, mais assim mesmo, essas partes”. (Joyce)

“Ninguém (cuidava de mim durante a gestação), (só) eu (risos). E, durante o resguardo, a minha mãe e a minha tia. Eu não precisava fazer nada, eu só levantava e arrumava ele. Banho elas me ajudavam a dar nele. Minha irmã também me ajudava a dar banho nele porque eu tinha medo de dar banho nele sozinha, e a alimentação elas que faziam”. (Bruna)

A família é tida como o instrumento socializador da criança, pois o primeiro contato de mundo que o filho tem é com seus familiares, levando em consideração que a criação de vínculo e afeto é necessária para que os conhecimentos de cultura possam ser perpassados. Vale salientar que a mãe é a pessoa que mais cria vínculo com a prole, muito embora diversos estudos venham abordando a importância da participação do pai para o desenvolvimento da criança (SEABRA e SEIDL-DE-MOURA, 2012).

Foi a partir do final do século XX que as mulheres passaram a ter uma maior autonomia ao trabalhar fora de casa, fazendo com que a divisão de tarefas domésticas e o cuidado com o filho passassem cada vez mais a ser divididos entre as figuras paterna e materna (op cit).

Segundo Bustamante (2005), a participação do pai nos cuidados com os filhos se dá em três eixos: a preservação da integralidade, os cuidados corporais e a formação moral. Esses eixos estão distribuídos conforme o gênero da criança; por exemplo, o pai é responsável por conversar sobre sexualidade com o filho, e garantir que a filha não fique na rua sozinha (por ser mais perigoso para ela do que seria para um filho).

Manfroi, Macarini e Vieira (2011) afirmam que o cuidado paterno perante o filho está diretamente relacionado aos fatores sociais e culturais que nortearam a formação do pai – ou seja, estão atrelados a questões que são passadas de uma geração para outra.

Contudo, mesmo observando todas essas questões dos autores elencados acima, as mães frisam a sua participação no cuidado com o filho como sendo a principal, pois elas que devem ensinar as tarefas de casa, além de serem responsáveis pela alimentação e educação. Portanto, no contexto das falas, pode-se notar que o pai é visto como um coadjuvante no cuidado, aparecendo em momentos excepcionais. Já a figura das avós aparece constantemente no auxílio de quais medidas devem ser tomadas no cuidado com a criança.

Vale ressaltar que as entrevistadas relataram a alimentação da criança como sendo uma grande auxiliadora no processo de prevenir doenças. Dessa maneira, a fim de assegurar a saúde da criança, as mães se preocupam tanto com uma alimentação equilibrada, como com a higiene pessoal dos seus filhos.

“Na educação, a minha filha com três aninhos já ia para a escolinha ali embaixo, era particular. Aí depois coloquei ela em outra escola particular. Aí depois meu esposo quis tirar ela de lá, aí eu coloquei ela na escola pública, que era só para criança da idade dela. Aí eu senti diferença, assim, quando eu coloquei ela lá, porque lá ela viu o que ela já tinha visto. Aí pra ela tava assim meio passado, né? Aí eu fui e coloquei ela em outro colégio particular. Aí ela estudou lá e depois mudou para outra escola particular. Aí estudou quatro anos lá. Aí estudou mais um ano em outra escola particular na Sandu. Aí agora no oitavo ano, a minha intenção era deixar ela no particular até o nono ano, no particular. Aí eu fui e resolvi tirar, até mesmo pela questão do meu esposo, né, que ficou desempregado, e de que a gente tem um aluguel lá na Samambaia, mas que não tá alugado, né? (Por)que eu sou assim: eu faço as coisas de acordo com as minhas condições. Aí as pessoas falam, assim, se ela não sentiu de sair do particular para a escola pública. Aí eu falo que não, porque eu sempre falei para ela: no colégio particular ela estudou, mas não é que eu sempre pagava a mensalidade toda, ela tinha bolsa, ela fez provinha lá, conseguiu tipo metade, e sempre foi assim, em todas as escolas. Não é que eu tinha dinheiro, mas assim, a gente se esforçava, né, para ela estar em uma escola

melhorzinha. Mas eu sempre fui preparando ela, (dizendo) que quando ela fosse para o nono ano ela ia vir para o público. Aí como meu esposo desempregou, aí eu resolvi trazer logo no oitavo ano ao invés de ser no nono ano. Aí hoje em dia ela está aqui no 17. Eu acho que tem muita diferença da educação pública e privada, assim, porque vai do aluno, né, a questão assim de educação mesmo. Eu acho que tem diferença na educação dos meninos. Igual, eu falo assim: sabe o que que é, é que os meninos aqui são muito precoce. Ela foi aqui para o 17 e muda assim, sabe? Não é que é melhor, o ensino aqui é ótimo. Eles se preocupam mais de estar passando o conteúdo, ela vê mais coisas. Os professores aí são ótimos, mas as outras questões de relacionamento, de amizade, parece que aí são tudo precoce, o que eu acho que muda são os alunos, não é a educação”. (Rosa)

“Na verdade, para limpar o umbigo foi a minha sogra, porque como eu ficava lá quando ele nasceu, aí quando eu comecei a dar banho nele, dar papinha, essas coisas, foi quando ele cresceu mais. Mas era só isso mesmo: dar banho, ver se tava com febre, ver se não tava chorando muito, se tava com cólica. No começo ele era muito nervoso, ele não quis pegar no peito, ele mal quis mamar no peito, foi logo no leite. Aí foi bom, (por)que quando eu comecei a trabalhar não deu muito trabalho para tirar do peito, porque ele não era acostumado com o peito, ele era mais mamadeira mesmo. Ele ainda toma leite, mas no peito ele quase não mamou porque ele tinha falta de paciência. Aí ele nem quis muito, aí ele foi mais no leite mesmo. Eu acho que com dois meses ele não mamava mais no peito. Ele era muito esfomeado, aí ele já ia no leite mesmo para encher a barriga porque ele era preguiçoso. Aí ele quase não mamou muito, aí a papinha ele começou já com os seis meses mesmo, a comer papinhas, comidinha, essas coisas”. (Joyce)

“Ah, quando eles eram pequenininhos eu amamentava muito eles. A minha filha começou a comer com um ano, esse aqui já foi cedo porque eu já tive que voltar a trabalhar. Eu tinha muito leite, eu doava também leite. Eu amamentei a minha filha só na base do leite, até um ano, e ela era bem gorda. Ela só saiu porque ela não queria comer outra coisa, por isso eu não comecei a trabalhar, nem nada. Foi muito difícil ela começar a gostar dos alimentos, eu fui bem devagarzinho. Aí com um ano ela começou a comer as coisas, e também depois que ela saiu da amamentação, ela adoeceu. Ela parou de amamentar com dois anos e ele, um dia desses (se referindo ao filho mais novo que tem 3 anos de idade). Eu tinha mania de...eu não gosta muito de usar fralda descartável em criança, porque esquentava. Eu sempre gostei de usar fralda de pano, principalmente na minha filha, (por)que eu tinha medo de dar infecção urinária

e tudo. E como eu tinha tempo de lavar, eu usava bastante fralda de pano nela. E sempre que ela fazia cocô eu sempre lavava. E até quando o umbiguinho dela caiu e tudo, eu usava fralda. Ih assim, esse aqui usou fralda porque eu não tinha o tempo que eu tive com a primeira”.
(Nicole)

“Assim, todos eles mamaram. Os gêmeos mamaram no peito, não tomaram nenhum tipo de leite industrial. O outro também mamou até um ano e três meses, e a mais nova até hoje mama, ela tem 8 meses. Então, isso é um cuidado: a alimentação. Ensinei a fazer a higiene oral deles desde novinho, até hoje eles fazem sozinho. Quando era bebezinho, também passava álcool no umbiguzinho, para deixar sequinho para poder cair. (Tinha) cuidado com a fralda para ficar trocando também, para não assar, cuidado no banho, de cortar as unhas, essas coisas”. (Kaka)

“Eu sempre tive preocupação de ensinar minha filha nas tarefas. Eu acho que ela aprendeu rápido, porque eu tinha a preocupação com ela de ajudar. Eu sempre comprava livrinho para ela, eu lia para ela. Hoje em dia hoje ela já tem preguiça de ler, eu e o pai dela reclama disso com ela. Hoje mesmo eu já falei disso com ela, mas é que eles vão crescendo e vão mudando, né? Mas a gente sempre teve esse cuidado, né, de tá comprando livro, né, de tá levando naquelas feiras que tem do livro no mês de agosto. Eu sempre tive cuidado de levar, de ajudar nas tarefas de casa, eu até hoje tenho a lousa que eu ensinava para ela para fazer as atividadezinhas, português, matemática, assim, as coisas básicas que eu sei, né, coisas de mãe. Com a alimentação eu tinha o cuidado de dar o mais saudável possível, não assim com chatice, né, mas procurar ir introduzindo, né, as coisinhas na comida dela. E essa questão de besteira eu sou até chata, porque eu não sou muito de besteira né, doce, essas coisas, eu não sou muito a favor. A minha filha não tem o hábito de comer assim, esses biscoitos recheados, essas coisas, assim, Nescau ela gostava quando era pequena, mas assim, era normal, não era exagerado, tanto é que hoje ela não toma, eu compro mesmo para quem chega. Mas ela não tem o hábito de comer assim muita besteira, gordura. E de higiene eu tinha cuidado de dar banho, de tá cuidando assim da unha. Assim, a questão do piolinho não teve muito problema. Eu falo assim, oh, de questão de diferença, não é que ninguém na particular é melhor, mas os cuidados parecem que são diferentes. Igual quando ela foi lá para aquela escolinha depois da São Pedro e São Paulo, lá é uma escolinha boa. Aí um detalhe que eu lembrei, quando ela foi para lá, ela não tinha a idade para ser matriculada, entendeu? Uma coisa assim. Aí eu lembro que ela ficou um ano atrasada, assim. Aí quando a minha filha foi para essa escola eu suei, né, porque ela era o tempo todo com piolho. Aí era Escabin (shampoo para piolho). O cabelo dela até mudou

que acho que foi de tanto isso, aí eu descobri que tinha um remédio de tomar, né? Eu me preocupo, né, com essas coisas. Aí até que eu descobri que tinha um remedinho que toma e fica imune meses, aí ela nunca mais pegou piolho. Aí entra questão de higiene, né, eu não sou a pessoa mais limpa do mundo, nem sou chata com isso, mas o básico a gente tem que ter né de limpeza”. (Rosa)

“Quando ele era recém-nascido eu tinha mais precaução. Aí como aqui no salão, tu sabe como é a rotina, né, aí eu botava ele no chão. Fui criando ele mais livre, mais solto. Aí completou um ano e do mesmo jeito, solto, aí com dois anos eu já coloquei ele na escolinha, aí ele fica comigo de manhã e à tarde ele vai para a escolinha. Com a higiene eu sou muito enjoada, então para mim neném tem que tá cheiroso. Então se ele comeu, eu banhava, se fez xixi, banhava, se fez cocô, banhava...aí que banhava mesmo, porque tem que tá sempre cheiroso e educação eu sempre tive. Tipo assim, ele começou a falar com seis meses, aí com seis meses eu já ensinei para ele falar as cores, mostrei as cores. E aí quando ele completou dois anos eu coloquei ele na escolinha. E (sobre) a alimentação...ele comia buchada de bode, mocotó. Eu dava tudo, tinha restrição não”. (Nilza)

“Com seis meses eu começava a dar alguma coisa, mas eles nunca queriam muita coisa, só queriam o peito mesmo, porque eu acostumei mesmo a dar o peito. Realmente, com seis meses eles diziam para dar papinha e ir cuidando da alimentação. Mas sempre eles não queriam, era pouca coisa mesmo. Eu dava papinha, caldinho de feijão, arroz, maçã, só isso mesmo. Ah, com a educação sempre foi importante, assim, sempre eu tive cuidado, sempre eu cuidei bem. Sempre levava para a escola, hoje em dia a minha filha não quer estudar, mas eu sempre levo, é para o bem dela. Eu levo e ela ficava chorando, mas aí eu digo a ela que é para o bem dela, eu sempre tive cuidado com isso aí. Ih, a higiene é o mais importante. Eu sempre cuidava bem da higiene deles, tavam arrumadinho, eu sempre cuidei disso aí. Eu sempre banhava, nunca só limpava. Tem aqueles lencinhos, né, que tem mãe que só passa o lencinho e a pomadinha para assar, né? Eu não, eu sempre tinha que banhar, eu banhava”. (Kelly)

“Tudo tinha que ser muito (limpo), tô te falando que eu atendia as freguesas, e eu tinha que limpar tudo. Tinha que tá tudo limpo, aquela coisa: lençolzinho de berço era trocado todos os dias. Nossa, não dou conta, trocava todos os dias e tudo muito limpo, muito esterilizado. O balde que era de botar roupinhas deles era para botar só as roupinhas deles. Não tinha como, eu era muito chata. Nossa, como eu melhorei (risos). E com a alimentação era tudo limpo, tudo

muito saudável. Aqueles potinhos que já vem pronto eu nunca dei. Não, minha filha, tinha que preparar, eu mesma. O pessoal tem aqueles potinhos de dar para as crianças, nem viajando eu dava para os meus filhos. Eu dava era suquinho de laranja, não podia deixar de dar, era mais de laranja-lima que eu dava. Era sopinha muito caprichada, todo dia tinha que variar aquela sopinha, tinha que variar bem a alimentação deles, era tudo limpinho, tudo muito bem esterilizado. Eu era muito chata, meu marido mesmo falava que mesmo se tivesse condições, ninguém trabalhava comigo não. E com a educação, eu levei até eles terem catorze anos. Eu que ia para as reuniões, eu falava para meu marido ir e ele falava que tinha que trabalhar. Aí eu falava para ele “que trabalhar, o quê?”, se ele não chegava com nada em casa. Aí eu falava para ele cuidar pelo menos do estudo das crianças. Aí um dia o mais novo tinha falado um palavrão para a professora, eu passei muita vergonha lá no dia. Aí eu cheguei tão nervosa que eu falei para o pai deles que ele que tinha que ir para a reunião dos meninos, porque eu tentava puxar os meninos de um jeito e ele de outro. Ele chegou a falar para mim, na frente das crianças, que eu já tinha tomado era raiva dos filhos dele. Ele chegava, eu falava que os meninos tinham feito as coisas, e ele falava que eu tava com implicância. Aí nisso os meninos não estudaram mais, porque ele não ia em uma reunião, não ia em nada. E eu falava que não ia passar vergonha porque eu queria corrigir os meninos, dar castigo e ele nada. Os meninos pedia cinco reais para ele e ele enfiava a mão no bolso, e ele não perguntava para quê. Aí eu queria saber, eu perguntava para o que era (o dinheiro), e eles falavam. Aí eu dizia “então deixe que eu compro”, porque o que é para comprar eu que comprava. Aí se eles pedissem, aí eu falava “então vai lá e traz aqui que eu quero ver”. Os meus filhos não se tornaram um viciado, não sei o quê, aquelas coisas, porque Deus é pai. Porque só não estudaram, mas nunca me deram trabalho nesse sentido. O pai nunca ligou para nada. Esse homem eu não sei. Aí eles ficaram sem estudar, e hoje eles sabem o tanto que tá fazendo falta. Mas na época o pai falava que eu tava implicando com os filhos, o mais novo não terminou nem o primeiro grau e o mais velho fez o segundo ano do segundo grau.(Eles) não estudaram e hoje tão ralando do jeito que tão por causa do pai. Eu já tinha a minha filha mais nova com os problemas dela, aí eu ia correr por ela, né, que na idade que tava ainda dava para controlar. Agora os menino naquela idade, adolescente, se não tivesse a força do pai aí não ia. E ele lavou as mãos. Eu olho nele assim, me dá tanta raiva. E eu ficava perguntando se eles foram para o colégio e eles falavam que tinha ido. E eu falava que não queria receber mais reclamação do colégio, que agora era com o pai deles. Aí eu perguntava se o pai deles tinha ido para a reunião e eles falavam que não. Aí eu falava que tinha avisado. Eu não tive ajuda. Eu não tive, e hoje eles tão aí ralando em um sofrimento só”. (Cida)

“Eu evitava ficar mexendo com os cachorros e imediatamente tá mexendo com ele. Eu sempre tive o cuidado de tá lavando as mãos antes, não deixava, por exemplo. Era muito mais difícil eu ficar doente e ele não ficar. Mas tem outras pessoas que eu sei que tá doente, aí eu não saía com ele, para ele não ficar perto, porque como a imunidade dele ainda (era) muito baixa...Eu limpava antes de dar leite para ele, porque eu doava antes. Aí tinha que fazer toda uma limpeza, porque eu tenho medo, né, desses negócios de sapinho, só. O quarto eu sempre limpava antes, eu sempre tinha o cuidado de colocar roupa limpa. Se os outros ficasse mexendo muito com ele eu também já trocava a roupa”. (Bruna)

“Dar muita verdura, dar muita comida na hora certa, muita água. E a higiene é mais banho mesmo, não deixar muito ele ali fora, porque tem terra e tem os cachorros. Aí eu não deixo ele ficar muito lá fora não, só aqui mesmo. Aí eu dou banho, né? Igual quando ele faz cocô: eu já dou banho logo. Aí eu sempre dou dois banho nele, um de manhãzinha e um mais ou menos onze horas, e à tarde antes de dormir, dependendo. Mas geralmente eu dou dois banhos por dia. Eu ensino as coisas pra ele, eu mostro onde que é orelhinha, olho, vou mostrando as cores, os animais, aí ele já sabe algumas coisas assim. Aí depois, futuramente, eu vou colocar ele na escolinha para aprender melhor, mas eu já foi ensinando para ele. Ele já sabe falar “um, dois”, essas coisas ele já sabe. Ele fala quase todas as palavras já”. (Joyce)

“Tenho muito cuidado na alimentação deles, eu deixo eles experimentarem de tudo. Eu compro de tudo na minha casa, às vezes a minha casa parece um verdurão. Eles já almoçam da creche, então eu já sei o que eles vão almoçar. Eles passam uma lista para a gente, então eles sempre comem coisas saudáveis, e aqui em casa a mesma coisa. Com a educação às vezes é pesado para mim, porque eu às vezes tenho dó de colocar de castigo. Mas eu coloco, porque as vezes é difícil educar um filho, mas eu faço de tudo para educar. Ela já estudou e ele não, só a creche. Eu dou banho neles e tudo, escovo os dentinhos dele, lavo as mãos dele para eles comerem e tudo, deixo brincar no parquinho, deixo até comer terra que é saudável também (risos), que eu comi. Hoje em dia os menino que não come terra vive internado, tudinho (risos), às vezes eu ando no hospital e vejo muito isso”. (Nicole)

“Assim, eles têm muita restrição com alguns tipos de comida, tipo frutos do mar. Algumas coisas eles não podem comer, porque eles tem dermatite atópica, os gêmeos. Eles tem dermatite atópica e carne de porco eles não podem comer, mas fora isso eles comem de tudo, os outros

também comem de tudo. A mais nova, como é pequenininha, a alimentação dela ainda é verduras, frutas, essas coisas...mas os outros se alimentam de tudinho. Assim, como lá em casa são só mulheres, e os meninos, então, eles são meio inseguros de ter só mulher falando com eles sabe? Aí eles querem fazer o que eles quiserem, mas desde três anos eles já vão para a escola. Hoje em dia eles já estudam na escolinha já. O outro vai começar a estudar só o ano que vem, mas com a educação deles é tranquilo. Os gêmeos já tomam banho sozinhos, sabe fazer tudo direitinho, se lava direitinho, os outros dois tem que dar banho ainda, que tem dois e oito meses, os gêmeos já tem cinco anos”. (Kaka)

As redes de cuidado são bem requisitadas, principalmente no que diz respeito às classes populares, nas quais as redes de cuidados são compostas pelos familiares, amigos e vizinhos. É uma característica marcante a mulher participar dessa rede, ressaltando que as mães e as avós normalmente são responsáveis por cuidar das crianças e de outras mulheres. Por sua vez, as esposas e filhas são as cuidadoras de idosos (GUTIERREZ e MINAYO, 2010).

Assim, de acordo com a fala das entrevistadas abaixo, pode-se constatar que as redes de cuidados normalmente são acionadas pelas mães, principalmente com relação às redes familiares, nas quais as avós entram como figura primordial. Vale salientar que as mães não citam a participação do pai no cuidado com o filho.

No que diz respeito à ajuda no cuidado com as crianças, a rede de apoio aparece mais uma vez, sendo as mulheres da família, vizinhas, amigas, ou até mesmo o irmão mais velho, as figuras responsáveis por auxiliar no cuidado, como pode ser observado nos relatos abaixo:

“Não, na época tinha uma cunhada minha que morou comigo. Ela cuidava, assim: ficava um pouquinho com ela, cuidava mesmo de carinho. Mas na prática mesmo, assim, eu sempre que cuidei dela. Tirando essa parte para trás que eu te falei que tinha alguém que eu pagava para cuidar da minha filha. Mas, na verdade, eu que sempre cuidei dela, sempre perto dela, o tempo todo. Aí tinha a minha mãe que ficou aqui vinte dias depois que eu ganhei a minha filha. E depois ela veio e ficou um ano. Aí ela que cuidava da minha filha para mim, cuidava melhor do que eu com certeza, ela tem mais experiência, né? A minha filha na época tinha um ano e pouquinho, não chegava nem aos dois anos”. (Rosa)

“Assim né, entre aspas o meu sogro e o pai dele cuidavam dele, mas sou eu sozinha, não tenho ajuda de mais ninguém”. (Nilza)

“Não tinha ajuda não, só alguém que ia lá, assim, aí me ajudava a fazer alguma coisa. Assim, dar um banho, enxaguar umas fraldas. Sempre tinha alguém assim que me dava uma forcinha pelo fato, assim, de serem quase gêmeos, né? Um com um mês e o outro com um ano. Rapaz, era tudo de colo, era muito complicado, aí você tem que ter o cuidado de tá com o bebezinho, né, (mas) e o outro? A minha mãe morava perto, mas trabalhava, e não tinha tempo de ficar me ajudando não”. (Cida)

“Tinha ajuda da minha sogra, da minha cunhada e do pai dele, quando tava em casa”. (Joyce)

“Assim, quando eles eram bebês, ninguém (ajudava a cuidar), só eu mesma. É que nem eu te falei, eu nunca gostei de depender de ninguém, eu nunca morei com a minha mãe. Aí ela cuidava quando eu ia para a casa dela. Aí hoje em dia, às vezes a minha mãe no final de semana, e a creche também ajuda”. (Nicole)

“A minha mãe me ajudava a dar banho, a dar papinha, essas coisas, quem me ajuda mais é minha mãe. Minha irmã sempre me ajudou muito também, mas quem me ajuda mais é a minha mãe”. (Kaka)

“Só eu mesmo, não tinha ajuda de ninguém, e eu nunca tive coragem de deixar os meus filhos com ninguém. Com ninguém, nunca, a única pessoa que ficava com os meus filhos para eu ir para algum lugar era minha mãe. Nem minha irmã eu não confiava, por isso eu preferia trabalhar em casa. Por nada desse mundo eu abandonava o posto. A minha filha mais nova...quando nos mudamos para cá, teve um concurso aqui de continuo. Eu fiz, eu passei e fui chamada, e eu dispensei por causa da minha filha. Os meus filhos estavam assim com dez e doze anos. Idade, assim, terrível de deixar sozinho. Aí eu disse que não tinha nada que me tirasse de casa. O concurso era público para trabalhar em ministério, em banco, levando papel, porque naquela época nada era informático, tava iniciando essa época de computador, era esse tipo de coisa. O concurso era contínuo a partir do primeiro grau completo, eu fiz e fui chamada. Se eu tivesse ido eu tava bem, o povo ficava falando para eu ir...Hoje eu tava bem. Já foi difícil com eu em cima, imagina se eu não tivesse cuidado dos meus filhos? Na época, o jeito que era aqui a redondeza eu acho que não tinha nenhum vivo mais e eu não me arrependo de jeito nenhum”. (Cida)

“Ah, não tinha muito, assim. Antes de trabalhar, antes de voltar as unhas, todo mundo que chegava lá para me visitar fazia alguma coisa, e no fim, por fim, banhava eles. Porque por mim não banhava, porque eu não tinha condições, mas todos eles mamaram no peito normal, e procurava seguir as ordens medica, né, de tudo. Quando chegou a hora da papinha, essas coisas, tinha muito cuidado, muito zelo, as mamadeiras tudo lavada, tudo esterilizada. Todo dia eu botava para ferver lá até umas horas. Eu sempre tive muito cuidado com isso, e para mim, pelo menos meio dia tinha que tá banhando eles. Banhava um e depois banhava o outro, que era tudo bebê. Mas ali já era um alívio, (por)que banhava, depois mamava, aí depois dormia aquele sono gostoso. O meu quarto era muito quente, aí eu pedi para o pai deles comprar um ventilador para mim. Aí eu colocava em cima do guarda-roupas para não cair a temperatura neles né, que era só para ficar mesmo a temperatura ambiente. Até nisso eu tinha muito cuidado, assim, com medo deles desidratarem, muita água. Eu não esperei esses negócios, né, porque dizem que não podia dar água, esses negócios. Eu sempre dei, porque eu vejo assim, você toma suco e fica com sede. Aí o fato dele mamar não vai ter sede, aí eu dava água. Depois que mamava eu dava água, aí hoje eu estranho muito o povo falar que o médico fala que é para dar só o leite. Aí eu falo que se fosse comigo eu dava, mas como não é o meu...Mas eu não deixava de dar água para os meus filhos não. Nem eu acho que nada substitui a água, nada”. (Cida)

“Sempre eu cuidei sozinha, tinha ajuda de ninguém”. (Kelly)

“Minha mãe, minha tia, minha irmã (ajudavam a cuidar). Eu tive que voltar para a faculdade porque eu entrei de licença um mês antes. No mesmo mês que ele nasceu eu entrei no início das aulas, aí eu ia só para fazer as provas e depois na outra semana eu já tinha que voltar para as aulas. Aí eu deixava ele com a minha tia de manhã para eu poder ir, e aí eu só voltava na hora do almoço. Aí como eu não tava trabalhando ainda, eu ficava o resto da tarde todinha com ele”. (Bruna)

“De manhã, quando eu tô na faculdade, a minha tia (cuida). Eu sempre saio antes que a minha mãe, aí ela fica até a minha tia chegar, e aí quando eu chego eu fico um pouquinho com ele até o almoço. Aí eu fico um pouquinho com ele e a minha tia fica com ele de tarde, ela me ajuda”. (Bruna)

“A minha cunhada fica com ele para eu poder trabalhar, aí eu chego e pego ele. Aí o pai dele também olha ele. Aí quando não tem ela, tem a minha sogra, mas geralmente é sempre ela que fica. Mas quando não dá para ela olhar, aí fica com a minha sogra, mas como ela fica em casa o dia todo não tem problema. Agora, mais pela escola que ela tá estudando a noite, aí às vezes fica tarde. Aí ele fica com o pai dele até eu chegar”. (Joyce)

“Às vezes eu peço ajuda sim da minha mãe. É muito difícil, porque eu não gosto de depender...às vezes eu peço ajuda sim da minha mãe. Agora, em questão de trabalhar, eles ficam na creche. Eu só peço ajuda da minha mãe e da avó deles porque eu não confio muito nas pessoas”. (Nicole)

“Eu e a minha mãe (cuidamos), e a minha madrinha mesmo me ajuda muito, a que mora aqui na M Norte”. (Kaka)

A religião e a crença são vistas como uma forma de suprir as angústias das famílias que vivem com pessoas doentes, assim, quando os familiares sabem o agravo a saúde da criança eles passam a compreender e se sentirem mais seguros das possíveis tomadas de decisões com o auxílio da fé (SANCHES, NASCIMENTO e LIMA, 2013).

Assim, tanto para Bustamante (2005) quanto Rabelo et al (2012), a religião é um fator importante na busca por cura e aceitação da doença. Portanto, no que diz respeito ao cuidado com o filho para que ele tenha uma recuperação mais rápida foi observado nas falas a seguir que a religião entra como fator primordial, pois buscar auxílio ao divino é confortante e traz a certeza da cura como pode ser visto nos relatos abaixo:

“Eu acredito muito na oração, eu acho que a oração deve fazer parte da vida de todos nós, sabia? Não é que eu acho que você vai fazer a oração e Deus vai te curar...Ele cura, mas você tem que pedir e fazer a sua parte, né, que é procurar o médico, fazer seu remedinho caseiro. Mas eu acredito na oração, eu peço quando a minha filha ou alguém da família está doente, eu peço para orar por fulano...eu oro também, eu acho muito importante”. (Rosa)

“A religião nem tanto, eu digo a fé, né? Igual quando eu fiquei sabendo que ele vinha com algum tipo de síndrome: aí eu apeguei na fé, me apeguei em Deus, né...porque a gente no mundo que tá hoje, com filho especial, saúde uma precariedade...Aí eu pensei assim: “meu Deus do céu, tô ferrada, o preconceito, se eu pegar uma infeliz falando que meu filho é doido,

é mongoloide, eu mato, uma miséria dessa...eu mato”, então eu me apeguei muito a Deus nisso aí”. (Nilza)

“Num é só na doença, é em tudo – Deus em primeiro lugar, em tudo. Você tá bem, diz: “Graças a Deus!” Se não tá bem, diz: “Senhor, tem misericórdia”. Porque a igreja em si não conta muito, o que conta é a sua fé, as suas atitudes, né? Então como eu não tinha como se deslocar de casa com duas crianças, e eu não tinha condições de andar com as crianças por causa da coluna, e eu não tinha carrinho, então eu me posicionava em casa cuidando deles. Para mim era importante, porque eu não conseguia deixar as crianças para ir para a igreja. Eu não confiava em ninguém, eu nunca confiei os meus filhos a ninguém, só mesmo a minha mãe, e muito esporadicamente. De cinco anos em diante eu viajava para São Paulo, (por)que eu vendia roupa em casa, procurando forma, fazendo unha para não deixar faltar as coisas para as crianças. O meu lema era as crianças em primeiro lugar, aí as vezes quando eles chegaram na idade de cinco anos eu já ia para São Paulo e deixava elas com a minha mãe. Aí eu perguntava se ela podia ficar com elas porque ela trabalhava. Aí eu perguntava se ela podia faltar, aí ela falava que não tinha problema, que dava o jeito dela, que eu podia ir tranquila, que quando eu chegasse ela ia para a casa que ela trabalhava. Mas era só assim, eu não confiava em mais ninguém. Para te dizer a verdade, eu nunca confiei meus filhos nem com meu marido, nunca confiei porque não é igual a mulher, não cuida do mesmo jeito, não tem jeito, e ainda mais ele que é relaxado demais...ele chega em casa, se estica no sofá e vai dormir. Ele não vê nada para fazer dentro de uma casa, é um morto vivo, é só através do berro. Eu dizia para ele se ele não ia ajudar em nada, pelo amor de Deus, duas crianças dentro de casa, com tudo dentro de casa, ainda tem que cuidar deles, ainda tem que fazer unha e ele chegava e ia deitar. Aí eu mandava ele sair do sofá e se mandar, que em casa ele não ia ficar não. Descansando de quê? Não fazia nada da vida”. (Cida)

“Ah, religião é muito bom, né? O povo diz, assim, que a gente só lembra de Deus quando tá aperreado, né? Sempre, assim, que eles tão doente, eu já peço logo a Deus pra me ajudar. Aí (é) sempre assim, eu sempre peço logo ajuda a Deus, eu acho muito importante isso aí. Eu peço ajuda porque eu acho que é o hábito de todo mundo, eu acho que é ele quem deve ajudar a gente quando tá assim”. (Kelly)

“Ah, é porque eu sou católica, mas todas as vezes que ele ficou doente, depois melhorou. Não vejo que (a religião) tenha algum papel assim. Quando ele tá doente eu não rezo para melhorar não”. (Bruna)

“Ah, eu rezo, né, e peço a Deus para que ele melhore, para livrar ele de qualquer doença”. (Joyce)

“Bom, a religião é opção minha porque eu sou muito contra a religião. Porque a religião, tem umas que faz com que a gente perca muito a fé. Eu acredito em Deus, eu não sou ateu, 90% da minha família é evangélica e 10% são macumbeiros, são um monte de coisa, o resto. Eu gosto de ir para a igreja, eu sei que é a casa de Deus, mas falar que eu tenho religião eu não tenho. Porque eu não sigo tudo que a igreja pede, mas meus filhos vão sim para a igreja, às vezes vão com a minha mãe e tudo. Eu deixo, eu não interrompo não. É importante eles irem porque é a casa de Deus e para eles saberem o que eles querem, porque eles também têm que conhecer o mundo religioso, a igreja católica, a igreja evangélica, assim como eu cresci. Só que eu vou deixar eles escolherem o que eles querem”. (Nicole)

“Assim, a minha família tem gente, a minha família é muito católica, sabe? A importância (da religião) é de que a gente tem que aprender a respeitar os mais velhos, ter uma crença e é isso”. (Kaka)

6.3 A MÃE TRABALHADORA E CUIDADORA

No estudo de Rabelo et al (2012) foi relatado que algumas mães pararam de trabalhar para cuidar dos seus filhos, bem como deixaram de fazer atividades de lazer e cuidar da própria aparência por se sentirem na obrigação de estar a todo momento ao lado do filho, caso ele precise de alguma coisa. O mesmo foi observado no estudo de Bevilaqua e Buaes (2012) e no artigo de Guitierrez e Minayo (2010), indicando que a característica é própria da mãe, uma vez que o pai dificilmente faria o mesmo.

Além disso, Okido et al (2012) afirmam que as mães rejeitam ficar doentes, por se sentirem na obrigação de cuidar dos seus entes. A esse respeito, vale salientar a importância das redes de cuidados no cuidado com a criança mais nova, já que os filhos mais velhos entram como figura primordial no cuidado com o irmão mais novo, por necessitar de maior atenção.

Assim, pode-se confirmar nos relatos abaixo que as mulheres muitas vezes deixaram de trabalhar ou pararam os estudos para cuidar dos filhos. Contudo, a mesma atitude não foi associada ao pai. As poucas vezes que a figura paterna leva os filhos ao médico, por exemplo, é no intuito de acompanhar a mãe, como informado por Rosa. Lembrando que também foi relatada a necessidade de a mulher trabalhar durante a gestação por necessidades financeiras, como foi bastante frisado por Cida.

“Não, durante a gravidez eu não estava trabalhando, porque eu parei de trabalhar. Porque eu já pretendia engravidar, aí eu engravidei da minha filha, e aí com sete meses eu voltei a trabalhar. Antes de engravidar eu sempre trabalhei no comércio, eu sempre fui vendedora”.
(Rosa)

“Sim, deixei de trabalhar, e na época eu já tinha terminado o ensino médio. Aí depois eu não estudei mais. Na verdade eu até me matriculei na faculdade, mas não comecei. Eu me matriculei na faculdade bem depois, a minha filha já era bem grandinha, foi no curso de TI. Eu deixei de trabalhar quando estava grávida porque eu queria deixar mesmo só para cuidar da gestação. E na verdade foi assim, não é que eu tava trabalhando e parei para isso...na época eu viajei e quando eu voltei eu casei. Aí passou dois anos, aí eu engravidei, aí eu engravidei e eu não tava trabalhando na época. Mas pra mim foi bom não estar trabalhando, porque eu cuidei do meu pré-natal direitinho, como eu te falei. Eu ia para todas as consultas, né? Eu segui igual os médicos pediam”. (Rosa)

“Já, muitas vezes, às vezes por não ter quem ficar com ela, um dia a pessoa fica e outro dia já fala que não vai ficar. Ou às vezes precisa ir ao médico e não tem com quem você deixar, aí você vai faltando o trabalho e você tem que justificar aí essas coisinhas assim. É claro que você não tem que desistir, mas foi por isso que eu acabei optando por trabalhar em casa, porque ficava mais fácil para mim e para a minha filha, e também porque eu sempre quis ficar com ela. Aula eu nunca faltei porque quando eu tive a minha filha eu já não estudava mais, né? Igual como quando eu te falei que eu cheguei a me matricular na faculdade...eu cheguei a ir um mês, dois, aí eu já ficava assim, meio para conciliar o trabalho. Eu já não tenho trabalho fixo, aí eu que tenho que fazer meu salário mensal. Aí as vezes, assim, eu tenho vontade de fazer uma coisa...assim, não é que não tenha tempo, né, mas tem que ter organização. Igual, eu trabalho, eu tenho que dar opção para o meu trabalho, porque eu tenho que tentar fazer o meu salário – ninguém vai me dar, não tem certo para receber. Aí então, acontecia sim de eu

ter de deixar o serviço para levar a minha filha para o hospital. Assim, eu que sempre fui, meu esposo nunca foi de ir ao médico comigo e levar a nossa filha, essas coisas não, nem ir ao pré-natal assim como eu. Eu acho que tem muitas mães que deixou de trabalhar para ficar com o filho. E assim, eu não trabalho fora de casa, mas eu trabalho igual as outras só que dentro da minha casa, eu tenho um dia de trabalho normal igual as outras tem. Eu tranquei a faculdade por conta do trabalho porque talvez seja falha minha, porque eu coloco sempre o trabalho em primeiro lugar. Porque entra a questão do salário que não entra fixo, né? Se eu trabalhar, eu ganho, se eu não trabalhar, eu não ganho. E olha que eu tentei fazer à distância, mas é porque eu sou mole, porque talvez...talvez não, dá ne? Mas eu não vou mentir, me esgota muito, porque eu trabalho o dia todinho aqui nesse salão, e cuidado da casa, e cuidado da minha filha, se tem que levar ela em algum lugar ou buscar...”. (Rosa)

“Eu acho que umas duas vezes meu marido faltou ao trabalho para levar nossa filha ao médico, mas eu fui junto, eu sempre tô junto. Mas é eu mesmo, assim, para mim o meu marido tá trabalhando, né, e para mim que tô trabalhando aqui em casa é mais, né? Muitas vezes eu fui para o médico com ela de ônibus, ela com febre. (Por)que antes dela fazer a cirurgia que eu te falei, ela tinha muito problema de febre, febre altíssima, aí eu corria para o HRT (Hospital Regional de Taguatinga) ou para o postinho.” (Rosa)

“(Eu trabalhava o) tempo todo para eu ocupar a minha cabeça e para pagar as contas (risos). Eu trabalhava porque eu gosto, se eu ficar sem trabalhar eu entro em depressão. Era mais por questão de eu gostar mesmo”. (Nilza)

“Não, assim, quando eu ia para consulta e quando teve no começo que eu tava enjoando muito, aí teve uns dias que era obrigado eu cancelar a agenda porque eu não dava conta de fraca. E de estudar eu não parei não, eu já tinha terminado quando eu engravidei”. (Nilza)

“Não, nunca faltei ao trabalho para cuidar do filho, e nem parei de estudar porque eu já tinha terminado. E o meu marido já faltou ao trabalho, porque no começo, o meu filho era menor. Aí como a gente é marinheira de primeira viagem, então se sentia alguma coisinha a gente levava para o hospital, corria para o hospital. Aí ele faltava ao trabalho para me ajudar porque eu não dava conta não. Nossa, eu tava de um jeito...depois que eu fui diagnosticada com depressão que aí que ele faltava mesmo, tinha vez que ele faltava três, quatro dias. Que aquilo me irritava, o menino chorava, me dava uma raiva, dava vontade de colocar o pano na boca

dele...mas é ruim, Deus me livre. Aí, quando eu tinha que levar ele ao médico, eu desmarcava as clientes e fechava o salão”. (Nilza)

“Durante todas as gravidezes minha eu trabalhava de manicure em casa...“tchuco, tchuco, tchuco” (barulho do alicate) o dia inteiro. Eu trabalhava por condições financeiras mesmo. Eu não tinha condições de falar que eu não ia mexer com nada para mim ficar tranquila. Não tinha condições...o homem nunca prestou, aquela criatura nunca prestou. Eu ia passar fome? Tinha que trabalhar”. (Cida)

“Eu deixei de estudar porque quando eu ainda (era) solteira, antes de casar, a minha vida era: eu trabalhava em um lugar muito quente, na lavadeira Alvorada, na época. Eu trabalhava lá, e de lá eu saía e ia para o colégio. Às vezes eu saía de casa era quatro horas da manhã para ir pro Hospital de Base para marcar consulta, ou consultar na parte da manhã, e de lá eu ia para o serviço e aquela rotina. Aí eu fui adoecendo cada dia mais, cada dia mais doente. Já naquela época eu já dava trabalho, só vivia no hospital. Eram umas febres que eu tinha...Aí quando foram descobrir, era febre reumática. Aí quando foram descobrir já tava crônica em mim, eu só vivia naquele Hospital de Base, e era fazendo tratamento, tratamento. E, de vez em quando, eu ficava sem andar por causa da coluna. Do jeito que a minha mãe me deixava na cama ela me encontrava. Aí eu vivia em tratamento da coluna e por causa do coração. Eles procurando uma forma de encontrar porque tanta febre...aí eu quer saber, eu pegando chuva para ir para a escola, eu estudava na QND, ia lá para a praça do DI, aí eu pegava um ônibus e ia andando lá do centro para a escola. Aí quando eu chegava em casa era meia noite. Aí quando era quatro horas da manhã eu tinha que tá de pé para ir para o Hospital de Base, aí eu não dava conta não. Aí suspendi a matrícula da escola, e disse que ia voltar no semestre que vem. Mas aí, esse “semestre que vem”, até hoje tá lá. Aí logo depois eu casei, continuei com meus problemas, aí veio a gravidez complicada e vai, vai, vai...E aí, quer dizer, da minha primeira para o segundo eu fiquei dois anos sem engravidar. Mas já na primeira gravidez, que eu perdi o neném, o médico disse que eu não poderia ter mais filhos, que eu tinha problema de válvula e que eu não podia ter filho...(que era) para eu colocar isso na minha cabeça, que achava bom eu não tentar, mas se fosse o caso de eu insistir muito, eu tinha que fazer aquele tratamento para poder engravidar. Mas aí em dois anos eu já tava grávida de novo. Eu não podia tomar anticoncepcional por causa dos meus problemas, não podia tomar. E aí a prevenção era o anticoncepcional, naquela época”. (Cida)

“De trabalhar nunca deixei de trabalhar. Eu fui de tudo que você pensar: eu fui manicure, eu fui bolera, eu fazia bolo confeitado, eu fui feirante, eu fui tudo, bordadeira...de tudo eu já fui nessa vida. Parada eu nunca fiquei, nunca parei nem durante a gestação. Minha gravidez eu só parava de trabalhar no dia de ganhar, ou então quando eu chegava lá e eles me seguravam. Só era de domingo a domingo, eu trabalhava, fazia unha em casa. Eu trabalhava por causa das minhas condições financeiras, eu pagava aluguel e o homem não tava nem aí para nada, para nada”. (Cida)

“Já parei de estudar. De trabalhar eu nunca parei não para cuidar dos filhos. Eu vivia muito doente, aí não tinha como continuar os estudos. Ou eu largava o serviço ou largava os estudos, aí eu preferi largar os estudos para depois voltar, e nunca voltei”. (Cida)

“Não trabalhava não, só em casa mesmo, porque lá na Paraíba não tinha emprego. Aí eu cheguei aqui e não trabalhava não, porque eu não tinha nem conhecimento com o pessoal. Aí eu nem pedia, eles não davam emprego para grávida mesmo, só por isso mesmo”. (Kelly)

“Não, não cheguei nem a trabalhar enquanto tive os filhos. Eu quis primeiro ter os filhos para depois trabalhar”. (Kelly)

“Assim, porque quando eu casei, logo eu tive a minha filha. E assim, eu pensava que já tava casada, pronto, não precisava estudar. Aí era isso. Já faltei ao trabalho porque realmente quando tem uma consulta deles, eu sempre falto para levar eles. E o pai nunca faltou não, sempre eu mesma”. (Kelly)

“Já faltei aula quando eu tenho que levar ele no pediatra e tem que levar ele de manhã. Aí eu tenho aula de manhã, aí eu não posso marcar à tarde porque eu tenho estágio, aí eu tenho que matar aula. Já faltei o trabalho também, mês retrasado eu vacinei ele e ele teve reação. Aí ele ficou três dias seguidos com febre. O primeiro dia eu tinha ido trabalhar, e quando eu cheguei aqui de noite ele já tava com febre, e a febre não cessava. Aí no outro dia eu tive que levar ele no hospital porque não parava, e mesmo assim não parou. Eu levo o atestado de comparecimento e depois eu pago horas, mas nunca falaram nada no trabalho não. O pai nunca fez isso (risos)”. (Bruna)

“Não, na época eu não trabalhava. Eu tava só fazendo faculdade. Eu não trabalhava quando engravidei e eu não tranquei nenhuma matéria”. (Bruna)

“Eu tava trabalhando, aí a empresa fechou. Aí eu acho que já tava quase ganhando, com uns seis ou sete meses, aí eu já tava quase ganhando, aí eu parei. Eu só parei porque a empresa fechou. Aí eu esperei porque não contrata, né, gente grávida. Aí eu tive que esperar, né, ganhar ele para depois poder ir atrás. E também a empresa fechou, e agora quem paga o salário-maternidade é a empresa. Aí quando eu tava com quatro meses que eu já tinha ganhado neném, eu já comecei a trabalhar em outro. Porque eu não recebi o auxílio quando ganhei bebê, porque agora quem paga é a empresa, mas como a empresa fechou eu não tava recebendo. E pelo INSS eu também não consegui, porque eu trabalhava de carteira fichada, aí eu não recebi o auxílio maternidade. Aí quando eu tava com quatro meses eu voltei a trabalhar nesse de telefonista que eu arrumei”. (Joyce)

“Não, eu nunca faltei. Eu só ia para as consultas, e das consultas eu ia trabalhar. Foi tranquilo a minha gestação. E de estudar eu não parei, porque eu já tinha terminado. Aí eu só não fiz faculdade”. (Joyce)

“Da minha primeira filha não, agora do segundo, sim. Eu trabalhava porque eu decidi que quando a minha filha tinha dois anos, ela já tava independente. Aí eu coloquei ela na creche, aí ela já tava acostumada com os coleguinhas e tudo. Aí ela não chorava, aí eu voltei a trabalhar. E aí como eu não queria viver nessa vida de ficar dentro de casa e cuidar de menino, aí eu voltei a trabalhar e planejei o segundo filho. Só que eu já tinha combinado com o meu ex-marido que ia continuar a trabalhar, aí ele concordou. Eu parei de trabalhar quando o meu segundo filho tava de oito meses, quando eu fui ganhar ele. Os dois nasceram de oito meses. Eu trabalhei, no dia senti dor...aí fui para casa e a minha bolsa estourou”. (Nicole)

“Não deixei de trabalhar durante a gestação, e de estudar deixei, porque eu não tinha coragem de trabalhar e ir para a faculdade por conta dos meus dois filhos. Porque tem a questão de criar e ficar também, entendeu? E tem aquela questão também do afeto, aquela questão de ele ficar muito tempo distante de mim. Mas agora eu pretendo fazer, só que à distância, pra eles não ficarem longe de mim. Eu quero fazer de gestão”. (Nicole)

“Dos gêmeos eu não trabalhava não, tava fazendo curso técnico na época. Do outro eu trabalhei até o ultimo dia. Eu me arrumei para ir trabalhar, e ganhei neném. E da última foi a mesma coisa: trabalhei até o ultimo dia. Eu trabalhava por necessidade. Como a gestação tava tranquila, não precisava eu ficar em casa, de repouso, era sem necessidade. Era mais por condições de precisar do dinheiro”. (Kaka)

“Não aconteceu de deixar de trabalhar não, só de estudar. Eu deixei porque eu tinha plano de fazer faculdade, né, nível superior, mas com as crianças agora fica difícil”. (Kaka)

Tanto Woortmann (1999) quanto Minayo e Gutierrez (2009) defendem que a mãe também pode ser a chefe da família e arcar com as despesas da casa. De acordo com Almeida (2007), em meados de 1960 começou-se a discutir o papel da mulher como mãe trabalhadora e não apenas cuidadora. A quebra desse paradigma, segundo Moura e Araújo (2004), se deu a partir dos anos 90.

Portanto, a partir do século XX, as mulheres passaram a ganhar maior aceitação como algo além de cuidadora da prole – como trabalhadora. Porém, importante ressaltar que, quando falamos em “mães trabalhadoras”, existe uma diferença entre a camada popular e a alta. As mulheres de camadas populares buscam trabalhar para ajudar no sustento da família, ao passo que as mulheres da camada alta buscam emprego não apenas pelo sustento da família, mas pelo bem-estar individual. (ALMEIDA, 2007)

Depois do resguardo, voltar a trabalhar e deixar o filho com outrem além dos laços familiares se torna angustiante para as mães, pois o vínculo com os filhos já foram criados, e deixá-los com alguém que não cuidará igual à própria mãe é motivo de preocupação. Contudo, para amenizar essa situação, algumas buscam trabalhar em serviços nos quais possam acompanhar o filho de perto. Isso é possível, por exemplo, ao trabalhar em suas próprias casas, como observado por Cida, Nilza e Rosa:

“Depois de sete meses eu comecei a trabalhar. Só que eu voltei. Aí olha só, quando a gente tem filho muda tudo: eu lembro que no primeiro dia que eu voltei a trabalhar eu chorava, porque, meu Deus, eu ficava imaginando a minha filha aqui tão pequenininha...e ela que era viciada no peito, porque ela era muito pequenininha e ela só mamava. Então antes de eu voltar a trabalhar eu fui ensinando ela a comer papinha, para ela já ir acostumando a comer outras coisinhas. Mas era ruim, meu coração doía quando eu tava lá no trabalho. Por isso hoje eu tô aqui no salão aqui em casa. Aí entrou aquela questão que a minha filha ficou com uma senhora

que eu não conhecia, mas eu tive que deixar, né, arriscar. Aí eu ia e deixava ela, e pegava no final do dia. Aí ela ficou um tempo lá, aí depois eu mudei de emprego. Aí minha mãe pegou e veio. Nessa época minha mãe veio e ficou quase um ano comigo. Aí eu pagava para ela e ela cuidava da minha filha para mim. Aí eu ia trabalhar tranquila, só que a minha mãe não podia ficar a vida inteira aqui comigo cuidando da minha filha, né, ela tem a vida dela...Aí foi quando começou de novo, deixa com um, deixa com outro, era gente que eu nem conhecia direito, que alguém indicava, aí ficava aqui em casa com a minha filha. Mas era assim, meio perturbado. Aí acabou que, no final das contas, eu parei de trabalhar por causa disso mesmo, da minha filha. Eu voltei a trabalhar depois dos sete meses que tive ela porque precisava. E porque, assim, eu sempre trabalhei, né, para ajudar na renda...porque precisava mesmo". (Rosa)

"Ele tava com quatro meses quando eu comecei a trabalhar, quando eu arrumei o serviço. No caso foi porque, como a empresa fechou eu não recebi o auxílio maternidade, (e) como na época o pai dele não tava trabalhando também, aí a gente ficou sem dinheiro. Aí eu tive que arrumar esse trabalho". (Joyce)

"Eu acho que ele já tava com quase 8 meses quando eu fui chamada nesse estágio que eu tô. Eu comecei a trabalhar porque eu precisava ajudar a minha mãe, e aí não dava para ficar só em casa". (Bruna)

"Assim, trabalhar, trabalhar mesmo, direito, depois de dois meses de ganhar bebê. Mas com quinze dias eu já tava tirando uma sobrancelha, já cortava um cabelo. Eu comecei a trabalhar para ocupar a minha cabeça, eu não dava conta não de ficar lá, só calada, com o menino. Só dormia". (Nilza)

"Depois de trinta dias, eu marcava trinta dias no relógio e com trinta dias eu já tava lá. Oh, minha filha, eu não parava não, porque quem tem esses maridos que Deus me deu...oh homem lerdo, meu Deus do céu! Até hoje, vai morrer daquele jeito, presta para nada não. Aí eu comecei a trabalhar por causa das condições, quando dava trinta dias aí não dava mais, porque se não ia faltar o indispensável do dia-a-dia dentro de casa, o negócio dele era só dormir e ir jogar bola". (Cida)

"Eu comecei a trabalhar depois que eu tive a mais nova. Depois de dois anos que ela nasceu que eu comecei a trabalhar. Eu comecei a trabalhar depois de dois anos porque, quando eu

cheguei aqui em Brasília, era mais difícil para uma pessoa só trabalhar, né? E tinha que cuidar dos meninos, pagar aluguel. Aí eu tive que começar a trabalhar para poder botar as coisas dentro de casa. Por isso que eu comecei a trabalhar”. (Kelly)

“Do segundo, (eu comecei a trabalhar) depois de seis meses, que eu peguei minhas férias. Aí depois eu coloquei ele na creche. Aí no começo ele ficava em uma creche que tinha câmara, aí eu podia ver ele a qualquer momento. E ele era um bebê muito calmo, ele era aqueles bebê que todo mundo podia pegar. Até hoje eu tenho medo que se alguma pessoa chamar ele, ele vai. E da primeira, (comecei a trabalhar) foi quando ela tinha dois anos, porque eu via que, no começo, ela não ficava com ninguém. E eu também não gosto de depender de parente. Apesar de que, às vezes, a gente precisa sim...mas depender totalmente eu nunca gostei, eu sempre gostei de ser mais independente. Eu comecei a trabalhar porque é um exemplo que a gente tem que dar para eles, e um exemplo para mim, porque nesse mundo de hoje você não tem que ficar só dentro de casa. E hoje em dia o mercado de trabalho ele vai fechando, então o meu objetivo não era esse. O meu objetivo era ter eles, trabalhar e ter o que comprar para eles, ter o que comer, porque você nunca sabe o dia de amanhã”. (Nicole)

“Dos gêmeos foi um ano (sem trabalhar), do outro foi seis meses, e da mais nova quatro meses. O do meu filho do meio foi porque eu tinha férias vencidas e deu para eu tirar os quatro meses, que é os cento e vinte dias que a gente tinha, e pegar as férias. Aí deu os seis meses. Já da outra, como eu não tinha férias vencida, foi só os cento e vinte dias. E dos gêmeos, como eu não trabalhava, eu esperei eles completarem um ano para eu poder começar a trabalhar. Eu comecei a trabalhar porque eu precisava do dinheiro”. (Kaka)

As mulheres que moram com seus maridos acreditam que o salário delas servem como auxílio para o marido pagar as contas. Em muitos casos, as despesas são divididas entre os dois; contudo, no que diz respeito aos gastos relacionados ao cuidado pessoal e dos filhos, a mulher deve arcá-los sozinha. Por sua vez, quando os pais moram em casas separadas, como no caso da Joyce, a mãe se torna a detentora principal da renda familiar, lembrando que as avós têm coparticipação nesse processo. Nessas situações, o pai deixa de ser o detentor principal da renda, e se torna o auxiliar.

Segundo Fonseca, Martins e Pires (2011), apesar da mãe e o pai já terem um papel pré-definido de cuidado com os filhos no mundo contemporâneo, algumas ordens vêm se

invertendo. Nesse novo contexto que se forma, a figura do pai não é apenas a de provedor de sua família, mas também a figura responsável por cuidar e zelar da família como um todo.

“Não, eu só complemento, né? Eu ajudo muito em casa, eu trabalho para a casa mesmo né? Assim, para ajudar mesmo em casa. Mas a parte principal mesmo é meu esposo que toma conta. Sempre foi assim, eu sempre trabalhei para ajudar, eu posso até não pegar o dinheiro e dar, assim, para o meu esposo. Mas eu ajudo com tudo. Mas assim, questão de manter eu e a minha filha, manter, assim, o cuidado que mulher tem, essa parte eu já não cobro dele. Essas coisas que eu posso fazer de educação da minha família aí sou eu. Aí ele fica com a parte de casa, de pagar as contas. Eu vou pagando o que eu posso e ele vai pagando o que pode. Mas eu não pego o dinheiro e dou para ele não. Assim, um pouco de cada, um ajudando o outro. Sempre foi assim”. (Rosa)

“O macho alfa, o meu marido e o meu sogro. E a minha renda é para mim e para o meu filho. E a renda deles é para casa”. (Nilza)

“Somos nós dois, meu marido e eu agora, né?” (Kelly)

“Quando meus filhos eram pequenos, o dinheiro era mais meu, naquela época. Aí eu dizia para ele que não tinha arroz, e ele falava que não tinha nenhum centavo. Aí eu perguntava para ele se a minha fome e a dos filhos dele ia esperar, mas chega que eu já tinha escondido ali. Deixava as latas vazia, falava que não tinha um grão de arroz para comer. Ele falava para eu dar um jeito, ele nunca prestou mesmo. Agora quando eu adoço, eu não posso esconder isso: ele ia lá no hospital todos os dias. Essa semana mesmo ele tava falando da agonia dele, porque eu fiquei oito dias com coma induzido, aí ele dizia que chegava lá e esperava eu apertar a mão dele. E só o barulhinho “pit, pit pit” (barulho do aparelho hospitalar)...E eu toda intubada, e todo mundo na agonia, eu cheia de aparelho. Então essa semana ele tava mesmo falando. Mas eu estando bem ele não tá nem aí. Mas tem marido que na hora da doença ele corre mesmo, né? Mas ele chega”. (Cida)

“Minha mãe é responsável por a renda da casa”. (Bruna)

“Sou eu (a responsável pela renda da casa), (por)que o pai dele tá com a mãe dele. Aí sou eu mesmo”. (Joyce)

“Eu recebo ajuda do pai deles, só. Só do pai deles, eu não peço de ninguém. Eu só deixo do pai deles porque ele tem obrigação. Eu não gosto de tá dependendo dos outros, até o ponto que eu posso dar condições sim. Até esse ponto, aí eu não preciso”. (Nicole)

“Minha mãe, é eu e ela, somos nós duas (as responsáveis pela renda de casa)”. (Kaka)

Bevilaqua e Buaes (2012) afirmam que a mulher financeiramente independente passa a ter mais liberdade, uma vez que não depende do homem para se manter. Diferentemente dos homens, no entanto, ser uma mulher provedora da família é um fato atrelado diretamente ao cuidado com o filho e à possibilidade de oferecer condições melhores de bem-estar, saúde e educação. A figura paterna se preocupa com a alimentação, transporte e despesas ocasionais (BEVILAQUA e BUAES, 2012).

Como visto no estudo de Almeida (2007), quando as mulheres vão em busca de emprego, encontram atividades relacionadas a questões de gêneros. No entanto, as entrevistadas do estudo em questão relataram que são poucas as opções, e que muitas vezes ficam restritas a vendas no comércio ou a atividades domésticas, como pode ser observado nas falas a seguir.

“É porque a gente se limita muito, né? Eu sempre trabalhei de vendedora. Aí na minha cabeça, assim, você já tem experiência disso, aí você já vai atrás disso. Eu nunca fui atrás de outras áreas”. (Rosa)

“Eu já trabalhei de secretária na imobiliária, já trabalhei de secretária numa loja de botão, no armarinho, e de manicure”. (Nilza)

“Ah, para te dizer a verdade, eu nunca tentei. Na verdade, eu tentei esse emprego que te falei, fiz o concurso e passei, mas não fui. No dia que fui chamada, eu fiquei sabendo que o meu salário ia ser quatrocentos e não sei o quê. Aí eu não podia aceitar, porque a área que eu vivia, meus filhos na adolescência...então eu não poderia jogar a vida dos meus filhos pela janela. E a minha filha pequena não convivia com ninguém. Aí tinha uma lá chorando, falou que eu ia perder uma oportunidade dessa. Mas eu acho que se eu tivesse lá hoje, estaria ganhando uns nove mil por mês lá, assegurada pelo governo né, funcionária pública. Mas eu não tinha ninguém que quisesse cuidar da minha filha pequena, ela sempre foi muito difícil, né? Muito complicado, então não tinha como. Aí eu nunca procurei emprego, eu trabalhei na lavanderia

Alvorada por dois anos, aí por falta de entendimento eu saí da lavanderia, pedi conta. Aí foi uma burrice que eu fiz, passei tanta necessidade quando eu ganhei a minha filha, porque ela nasceu morta. Mas eu passei muita necessidade em casa, porque eu poderia tá assegurada e ninguém me orientou que eu perderia. Aí quando eu ganhei ela, que eu me restabeleci, eu pedi o meu emprego de volta e eles me deram. Mas aí a lavanderia Alvorada estava falindo, na 512 sul. E aí, como eu tava só de contrato, eles me dispensaram. Aí como eu só tinha prática em lavanderia mesmo eu fui na lavanderia Ouro Fino, e fui lá e consegui um emprego. Trabalhei lá só um dia, no outro eu não fui mais. Sabe quando você chega em um lugar, assim, que tá todo mundo te repreendendo com os olhos? Eu não me senti bem lá, lá eu trabalhava de recepcionista, organizando roupa lavada de passada. Aí lá na Alvorada eu trabalhava de marcação de roupa, para levar as roupas para lavar tinha que marcar as roupas. Aí eu trabalhava com marcação de roupa, aí eu peguei e não voltei a trabalhar. Esses dias eu tava pensando, né, que a gente faz besteira quando é jovem, né? Naquela época eu parecia gente, e teve uma que chegou e mim e perguntou se eu tava vendo o rapaz que tava na prensa, que ele era noivo da outra menina. Aí eu perguntei para ela por que ela tava me falando isso. Aí ela disse que era porque a noiva dele tava observando que ele não tirava os olhos de mim. Aí eu perguntei para ela “e daí”? Aí ela disse que era porque ela já tinha metido a mão na cara de uma menina por causa dele, aí eu não voltei mais lá. Um ambiente pesado no trabalho. Não importa se ele tava olhando para mim, eu não tava olhando para ele, aí eu não fui mais. Aí depois disso eu fui trabalhar por conta própria na minha casa. Porque um salariozinho vagabundo pra ter que ficar aturando, nem era o dono, eram os empregados...aí eu não quis mais não, vá pra merda. Aí quando foi naquela época, eu fiz o concurso depois que a gente já tava morando aqui. Aí passei, fui chamada, e não peguei o cargo. Hoje em dia eu me arrependo, sabe? Era para eu ter pegado minha mãe e tirado do serviço, e colocado ela aqui. Mas é porque a minha mãe, ela bebia demais, ela não ia cuidar dos meus filhos. Porque para ficar umas horas, e dormir uma noite, é uma coisa. Agora para ficar direto não dava não. Aí eu trabalhei de manicure, eles eram tudo novinho. Aí quando eu vim para essa casa eu já tava com as bancas na feira, mas para mim era muito agitado porque eu já trabalhava a semana toda na costura, dia e noite praticamente, para manter as minhas bancas. Eu tinha três bancas, dava um trocadinho, mas já enfrenta a concorrência. Eu ia em São Paulo e trazia as roupas, aí chegava aqui, eu comprava os tecidos, e ia e fazia as roupas. Aí as outras ficava falando que isso não era comprada para pagar, era comprada para dar o calote porque onde eu comprava elas comprava. Aí eu falei que não era mulher disso não e vim trabalhar em casa. Vendi as bancas. Você vê aquelas bancas na feira, mas é as outras tudo de olho, “olha aquilo não vai

para frente”, “não tem como você ir para frente assim”, aí descobriram que eu pegava os modelos em São Paulo e copiava aqui. Aí eles falavam que era plágio, que era por isso que as roupas eram mais baratas, que era uma concorrência desleal. Você pensa que isso é amigo? Não são não, aí eu vim a trabalhar só para mim, dentro da minha casa. Parei dessa história de correr atrás de emprego, disse e daquilo. Consegui me sustentar até hoje, mas é aquilo, né? Quando cai doente, cadê a providencia? (Por)que não tem, que eu não me preocupei em pagar o INSS e já era tarde”. (Cida)

“Só na cozinha do restaurante e na padaria mesmo, sempre foi esses mesmos que eu trabalhei. Realmente por eu não ter estudo, eu arrumo mais esses mesmo. Ou na padaria, no balcão, ou no restaurante, porque eles já dizem logo que não tenho estudo e não posso fazer outro. E realmente como eu já sei que não tenho estudo, eu já procuro esses mesmos: ou na padaria, ou na cozinha do restaurante, ou então de faxineira nas casas de fazer faxina”. (Kelly)

“Eu só fiz a prova do estágio, nunca cheguei a procurar (emprego). Mas eu acho que tem mais de atendente, trabalhar em alguma loja, eu acho que tem mais recepcionista, atendente ou diarista”. (Bruna)

“Geralmente, como eu trabalhei só na parte administrativa, aí eu já ia só nessas partes administrativas. Só que administrativo é um pouco mais complicado. Eu já trabalhei em seguro, aí esse de telefonista foi um amigo da minha mãe que indicou que lá tava precisando, e eu nunca tinha trabalhado de telefonista. E eu nem gostava não, aí ele foi e falou que, como eu tava precisando muito, eu falei que ia tentar. Mas, na verdade, não era o que eu tava procurando. Aí eu cheguei lá e vi mais ou menos como era, e como eu tava desempregada, né, era o que tinha. Mas eu mandei currículo para bastante lugar e nunca nem chamaram para entrevista. Tá muito difícil para serviço mesmo. Esse eu só consegui porque foi outra pessoa que indicou para fazer a entrevista. Aí eu fiz a entrevista e até hoje eu tô lá. Mas geralmente emprego assim, às vezes que tem é para shopping, na feira de vendedora, de serviços gerais. São poucos de secretária, mas geralmente quando tem esses de secretaria normalmente é financeiro ou de RH, mas já tem que ter experiência ou alguns tem que tá cursando. Aí já é mais difícil, aí hoje eu já acho que é mais complicado por causa disso”. (Joyce)

“Agora eu tô empregada. Aí antes eu procurava mais um trabalho, tipo, aonde eu gostava mais, trabalho comercial, e que eu pudesse ficar um tempo a mais com os meus filhos. Esse

tipo de trabalho que eu procurava. Os mais fáceis de encontrar era de doméstica. Os mais fáceis era de doméstica, os da área comercial eram mais concorrentes. Os da área doméstica eram os mais fáceis”. (Nicole)

“O que eu mais encontrava era mais auxiliar administrativo, ou então supermercado, essas coisas assim. Atualmente eu encontro na minha área de técnica de enfermagem”. (Kaka)

As mulheres são maioria tanto em número quanto em atendimentos no SUS, aonde vão para cuidar da própria saúde e dos seus, também indo de acompanhante dos pais, filhos, parentes e vizinhos em suas consultas rotineiras. Vale salientar que a vulnerabilidade a doenças e óbito está mais relacionada à discriminação que as mulheres sofrem na sociedade do que a próprios fatores biológicos. O desenvolvimento regional e a classe social também têm influência no aumento desses malefícios (PNAISM, 2004).

Segundo Bevilaqua e Buaes (2012), uma das características do Brasil é a grande camada de pessoas que vivem em situação de pobreza. Para minimizar isso, as mulheres que antes eram tidas como cuidadoras dos seus entes familiares passam também a ser as provedoras do lar. Assim, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), em comparação com o ano de 2006, foi observado em 2009 um aumento de mulheres como chefes de famílias em 79% dos casos.

Cabe lembrar que, em 2006, 90,4% das mulheres que trabalhavam fora de casa também eram responsáveis por cuidar das suas próprias casas com afazeres domésticos e demais atividades familiares. Em comparação, apenas 51,1% dos homens estavam na mesma situação, segundo o Instituto de Pesquisas Estatísticas Aplicadas (IPEA, 2009).

Portanto, levando em consideração a quebra de paradigmas de homem provedor e mulher responsável pelos afazeres domésticos, as entrevistadas relataram conciliar tanto as atividades externas quanto as internas. Assim, mesmo trabalhando fora de casa, essas mulheres continuam com a mesma responsabilidade pelo cuidado com os filhos. Observa-se, de fato, que a preocupação com os filhos passa a ser maior, pois não estão 24 horas disponíveis para saber o que eles estão fazendo ou não. Seja como for, uma atividade não interfere na outra.

Segundo Rabelo et al (2012), a predefinição de atividades – o que é dever do pai e o que é dever da mãe – causam nas mulheres uma aflição exacerbada perante o cuidado com os seus filhos. As entrevistadas relataram que a única diferença no cuidado com os filhos entre as mães que trabalham fora e as que não exercem atividades extra domésticas é que as primeiras ficam

menos tempo com os filhos, mas que esse é um fato que pode ser suprido ao chegar em casa. Além disso, algumas relataram que a criança pode ficar carente por sentir falta da presença da mãe durante o dia.

“Eu acho que é diferente, até mesmo porque ela não está presente no dia a dia, né, fica mais à noite. Assim, quando eu trabalhava na última empresa que eu trabalhei, eu chegava em casa quase meia noite, e eu saía bem cedinho. E sete horas eu já tinha que tá lá. Aí eu chegava em casa, a minha filha já estava dormindo. Aí eu saía, ela ainda tava dormindo. Aí isso que mexia muito comigo, a minha filha praticamente não me via, só mais no final de semana, quando eu tirava uma folga que era rara. Aí a criança vai ficando carente, porque a criança precisa da mãe por perto”. (Rosa)

“Não, eu só acho que ela tem menos tempo, e não menos cuidado, né, no caso. Porque o tempo que você fica é o tempo que você cuida, e às vezes não. Porque eu vejo que tem mãe que fica em casa o dia todo, e larga a criança com a avó ou com outra pessoa e sai. Aí eu acho que isso não tem muita diferença. Eu acho que interfere um pouco na criança, mas não tanto. Tipo, eu acho que ele fica lá na avó dele, mas não é tanto. Porque em creche a criança fica lá e tudo que vê a outra fazer ela quer fazer, e interfere, assim, em algumas partes mais ou menos”. (Joyce)

“Bom, eu tive essas duas experiências. Eu tive a experiência de ficar em casa e de trabalhar fora. A diferença para mim é que a preocupação é maior que você tá lá no serviço, e tá preocupada como o seu filho tá, e tudo. Agora a criança depende da pessoa, tem birras que ele pega das outras crianças que vê. Mas quando chegar em casa você tem que pegar e educar, que eu te falei que é o ponto difícil. Eu tive essas duas experiências, que a preocupação é a mesma, só que a preocupação é dobrada”. (Nicole)

“Isso varia, porque tem mãe que fica em casa o dia todo e não dá atenção nenhuma para o filho. Deixa tudo nas costas da vó, do pai, então isso varia. E tem mãe que trabalha fora e dá muito mais amor e carinho, cuidado com o filho. Isso varia, da mãe com o cuidado com o filho. Eu acho que não muda a criança não. Assim, claro que o tempo dela vai ser bem menor com o filho, né, mas eu acho que se ela aproveitar o máximo o tempo que tá com o filho, não muda nada não. Vai da mãe”. (Kaka)

“Num é que tem menos cuidado, eu acho que elas têm menos contato. Menos contato porque, queira ou não, fica o dia todo fora. Então perde muita coisa do filho. Aí chega de noite, tá estressada, tá na TPM, aí não quer deixar o menino chegar perto, brinca ali dez minutinhos e já quer botar o menino para dormir. É o meu caso às vezes. E acho que, de duas, uma: ou o menino vai ficar mais apegado, ou vai ser mais desligado”. (Nilza)

“Com certeza, a diferença é muito grande. Você está vinte e quatro horas com o filho, e a mãe às vezes chega, e o filho já tá dormindo. Nem se compara. Que a mãe tem que trabalhar hoje em dia, tem. A sociedade cobra isso, né, para você ter uma vida melhor, pai e mãe tem que trabalhar. O filho sente falta do pai, mas da mãe é diferente, a diferença é muito grande. Ou a criança é muito recalcada, ou muito agressiva, ou tem uma certa rebeldia quando não tem uma convivência com a mãe. A criança recalcada é uma criança que tem vergonha de tudo, que não se entrosa, que fica o dia inteiro em um sofá. Como é que ela tem um convívio, como ela aprende a se defender na rua? Ela tem medo até de sair sozinha...É diferente, é uma criança recalcada, ela tem vergonha, ela tem vergonha de comer perto dos outros, ela tem vergonha de brincar, ela não se entrosa. já a criança que tem convívio com a mãe ela é mais extrovertida, ela sabe se defender, ela sabe viver, ela aprende a conviver com a sociedade”. (Cida)

“Tem (diferença entre ficar em casa e trabalhar fora), porque às vezes a gente que tá trabalhando fora, às vezes acontece alguma coisa, aí a mãe deveria tá em casa para cuidar. Aí eu concordo que tem diferença da mãe que trabalha fora”. (Kelly)

“Eu acho que só não vai ter toda aquela disponibilidade que a que fica só para cuidar do filho tem, mas o cuidado é o mesmo. Eu acho que quem trabalha fora se sente na obrigação de dar tudo que o filho quer para suprir a falta. Mas eu não concordo nisso não, eu só acho que vai mudar o tempo que você tá com ele. Mas o jeito que você vai criar ele não precisa mudar. Eu acho que a criança cresce igual, vai crescer vendo que uma certa etapa da vida a gente vai ter que sair para trabalhar, e não vai poder ficar em casa o tempo todo”. (Bruna)

No que diz respeito à divisão de tarefas, o estudo de Seabra e Seidl-de-Moura (2012) aponta que, apesar dos pais falarem que contribuíam nos cuidados com a criança, a palavra “ajuda” no cuidado era sempre citada. Os entrevistados identificaram cuidados corporais como afazeres prioritários das mães, por não saberem ou não terem prática na realização de tal função. Isso ainda pode ser fortalecido quando os pais relataram que as suas atividades preferidas com

os filhos são brincar e passear, ao passo que a menos apreciada é dar banho e trocar fralda (MANFROI, MACARINI e VIEIRA, 2011).

Nas entrevistas abaixo pode-se observar que apesar da mulher e o homem realizarem atividades externas, as mães relataram que tinham pouca ajuda de seus parceiros quanto a tarefas domésticas, e atrelaram isso a uma cultura machista histórica.

“Não, eu faço tudo. O meu marido infelizmente é daquele homem antigo que ele lava uma louça muito raro, né? Ele lavar uma louça é muito raro. Mas eu não faz comida, eu não faz nada disso. Eu acho que tinha que ser igual para o homem e para a mulher, porque do jeito que eles se cansam a gente se cansa também, né? A gente não é máquina, a gente cansa. E não só o marido, os filhos também. Eu acho que as tarefas têm que ser divididas. Tem diferença entre o filho homem e a mulher, porque eu acho que o machismo sempre existiu e sempre vai existir. Porque, por exemplo, você tem um filho homem e uma filha mulher: a mãe mesmo impõe que a filha que tem que fazer, né? E o filho vai sempre ficando ali, igual o pai, já vai crescendo do mesmo jeito sem dividir tarefa. Aí já fica na mente do homem que ele se acha o tal. Às vezes já vem é de casa mesmo, né? Às vezes parece que a gente já ensina assim, né, sem se dar conta, vai ensinando assim...” (Rosa)

“Eu que faço as coisas. Hum, meu marido faz é nada, menino. Eu faço porque se eu não fizer vira bicho, porque o véio não faz (sogro) e o meu marido não faz. O meu marido diz que não veste saia pra tá limpando casa. Eu acho que deveria ser dividido, direitos iguais, tudo igual. Meu sonho. Se eu lavo uma louça, eu queria que ele enxugasse, guardasse. Se eu arrumasse a casa, eu queria que ele varresse, né? Mas isso só em filme. Porque, por exemplo, desde pequena minha mãe já colocou eu para fazer as coisas. Ih, a mãe dele, a tia, não deixava ele fazer nada...depois de grande que a tia falava para ele arrumar a casa que (ela) dava dez reais, entendeu? E eu já fui criada (sabendo) que isso era obrigação. O meu irmão, já era obrigação dele lavar o banheiro e encher as garrafas. Então já era uma obrigação, não fazia por dinheiro, tipo como se tivesse fazendo um favor. E eu acho que é assim: a maioria das mães deixam o filho homem sem fazer nada porque acha que foi criado desse jeito e tem que criar os filhos assim”. (Nilza)

“Era eu, eu fazia tudo. Tô te falando. Eu parava era dez horas (da noite) as unhas, aí eu terminava, meus filhos já estavam dormindo. Aí eu pegava e ia arrumar tudo para poder atender no outro dia e a minha casa tá limpinha. Para mim era fundamental meus filhos

estarem numa casa limpinha. Para mim isso é saúde, né? Até em exagero eu era exagerada. Meu Pai do céu, ainda bem que essa mulher morreu, que eu era doente com limpeza!” (Cida)

“Quando eu tô em casa eu que faço as coisas. Às vezes as minhas filhas me ajudam quando eu saio, mas sempre é mais eu. Quando meu marido tá em casa ele ajuda. Ele faz de tudo, ele lava roupa, lava louça, ele faz comida...o que ele acha melhor fazer é comida, (mas) ele faz de tudo”. (Kelly)

“Durante a semana é a minha tia (que cuida da casa), mas ela só arruma a casa e faz comida. E nos fins de semana sou eu e minha irmã. O meu irmão não faz nada porque ele é especial, ele não entende nada, ele é igual uma criança. Mas eu acho que nas casas são as mulheres que fazem as coisas, porque eu acho que já é um costume da mulher tem que fazer isso e aquilo”. (Bruna)

“Sou só eu (que cuida da casa). Às vezes quando o pai dele tava aqui ele fazia, quando ele tava de bom humor. Aí as vezes eu chegava e ele já tinha feito. Geralmente ele lavava a casa, lavar a louça às vezes, de vez em quando. O que ele fazia era lavar a casa. O que ele mais fazia era só limpar o chão, não é igual a gente. Que nem, eu mesmo eu arrumo as coisas, lavo o chão, eu deixo tudo arrumado. E homem não, o homem quer só limpar o chão e acha que tá bom. Colocar as coisas mais ou menos no lugar, e acha que já tá bom já. E às vezes ele olhava o nosso filho para eu fazer as coisas. Ele não tá mais aqui porque (ele) teve uma discussão com o meu pai, aí preferiu ir ficar lá com a mãe dele”. (Joyce)

“Eu que faço, eles (os filhos) só ficam com a parte dos brinquedos que eu ensinei eles a arrumarem os brinquedos. O pai deles não vem aqui me ajudar não. Eu acho que nem existe esse homem (risos). Quando eu era casada meu marido me ajudava, assim, ele ajudava pouco, ele nunca soube fazer comida, então nessa parte de fazer comida e arrumar a casa bem arrumada era comigo. Ele só fazia o básico, né, de organizar. Às vezes eu tinha que falar, aí ele só organizava, que homem é bagunceiro. Mas mesmo assim eu tinha que falar, mas ele limpava por vontade dele”. (Nicole)

“Assim, eu trabalho um dia e no dia que eu tô de folga a minha mãe trabalha. Então quando eu tô em casa, eu que arrumo – eu que faço comida, eu que dou banho, que arrumo pra ir para a escola. Aí no dia que eu tô trabalhando, é ela em casa. Aí ela que faz as coisas. Agora eu fico

só lá no Paranoá. Eu saio do serviço e já vou para lá. Hoje vou voltar para lá mais tarde”.
(Kaka)

6.4 MÚLTIPLAS JORNADAS

No estudo de Bustamante, (2005) foi analisado que as atividades domésticas estão atreladas às mulheres, enquanto os homens figuram como os provedores da família. Quando os últimos não conseguem suprir essa necessidade, eles podem acabar se distanciando da família por conta de sua condição econômica. O estudo de Seabra e Seidl-de-Moura (2012) frisou que os pais se consideram um ajudante no cuidado com o filho.

Assim, no estudo de Ahlborg e Strandmark (2001) pode-se observar que, apesar dos pais se mostrarem dispostos e presentes na participação do cuidado com o filho, as tarefas ainda podem ser vistas como mal divididas, pois o pai se sobressai no cuidado com o lazer e a mãe com os cuidados básicos. O aspecto social da criança é visto como uma preocupação de ambos os pais, e muitas vezes existe a dúvida de com quem irá ficar a criança quando os pais vão para o trabalho. Isso envolve as redes de cuidados familiares e, muitas vezes, as avós ou parentes próximos podem ser os responsáveis pelo cuidado da criança nesse momento, o que também pode ser posto em questão.

A criança que tem maior contato com a mãe na infância terá um maior desenvolvimento quando comparado às crianças que não tiveram esse vínculo na infância, sendo importante salientar que culturalmente falando as crianças são criadas com maior aproximação da mãe no cuidado e afeto quando comparado à figura paterna. Essa é uma questão social predominante e que deveria ser mudada, pois o pai deveria buscar mais aproximação dos filhos e dividir as tarefas por igual no cuidado com o filho (BORSA e NUNES, 2011).

Portanto, pode-se analisar nas falas das entrevistadas que os principais cuidadores dos filhos são a mãe e o pai. Porém, em suas falas elas relatam que a mãe tem um cuidado maior com os filhos e que o pai é tido como o provedor da família. Sendo assim, a mãe é responsável por dar todo o suporte para que os filhos sejam pessoas de boa índole. Elas também se dizem como responsáveis principais no cuidado com o filho, e que a sociedade cobra isso delas. Vale notar a importância que a mulher dá em ter um trabalho externo, para não ficar restrita ao dinheiro de seus parceiros.

“O principal é do pai e da mãe de cuidar do filho. Eu acho que a mãe tem um papel fundamental no cuidado da vida do filho, porque a mãe, ela tem um cuidado com o filho mais do que os pais,

né? Eu acho. Aí entra questão de cuidar, por exemplo. A questão de cuidar, né, de manter, é do pai. Porque eu sou meio à moda antiga, é verdade...eu sou meio à moda antiga, eu admiro as mães que cuidam dos filhos, que ficam por conta da família. Porque tem diferença de uma mãe que cuida do filho, porque, por exemplo, é diferente...a educação é outra, quando a mãe tem que sair o dia inteirinho e só chega à noite, então tem tempo de acompanhar o filho. Tem diferença de comportamento também do filho. Eu vejo que é diferente porque eu vejo no comportamento dos filhos. Do filho que é cuidado quando a mãe tá por perto. Igual, eu tenho muitas amigas. Eu não sou jovem, né, eu já estou ficando velha, eu já vou fazer 40 anos. Mas eu tenho muitas amigas que já têm a idade da minha mãe, e eu vejo assim, aqui na minha rua mesmo, eu não estou dizendo que a mãe não tem que não trabalhar fora, mas ela tem que ter o máximo de cuidado com o filho. Eu não vou dizer que eu não trabalho fora porque eu também trabalho, né? Eu tenho várias comadres, né, que cuidavam dos filhos se preocupando com tudo, de levar, de buscar, se preocupando com tudo...e isso muda muito para o filho. Ele já cresce confiando em você. Aí, por exemplo, a mãe precisa trabalhar, aí uma mãe precisa sair cedinho de casa, e o filho fica o dia todo em casa e não tem como ela controlar ele. Aí você vê que não tem como ela controlar ele. Aí o filho vai para a rua, tem mais amigos para buscar, outras coisas, e ela não tem o controle certo se ele tá na escola mesmo ou não. Mas depende, porque tem mãe que é preocupada mesmo. Vai trabalhar, mas não esquece que o filho ficou”. (Rosa)

“Eu, né, porque mãe é a mãe, né? O pai, por mais que cuide, ainda é meio desligado...tá que o meu marido é...meu Deus do céu, ele é super protetor demais. Se (ele) pudesse colocar o menino em uma bolha, e deixar lá na bolha, ele deixava”. (Nilza)

“Eu acho que a mãe, né, assim...a mãe eu acho que tem uma ligação mais forte, porque como fica nove meses, eu acho que é mais assim”. (Joyce)

“Assim, duas, o pai deles e a minha mãe, fora de mim né. Mas do cuidado acho que sou eu e o pai deles, são os principais, é a base. Porque eu fui criada assim, entendeu? Que a criança ela tem que ter uma base, que é de pai e de mãe. Eu não acho certo a pessoa que fala assim que é mãe e pai, não. Você é mãe e é mãe, tipicamente você é mãe, você nunca vai ser pai, se não tem pai você vai ser o dobro de uma mãe. Assim, eu acho que o principal é ter pai, ter um tom masculino, um comportamento, porque a gente tem, a mulher tem, esqueci a palavra...ah, eu esqueci a palavra...porque mulher tem um ponto de vista diferente do homem, porque mesmo

meu pai separado, eu sempre fui criada para respeitar. A minha mãe sempre me ensinou”.
(Nicole)

“Eu, porque é uma responsabilidade minha, porque é uma coisa que eu escolhi”. (Kaka)

“Eu sou a principal cuidadora, porque eu que cuido dele desde que eu descobri que tava grávida. Só eu”. (Bruna)

“Ah, mãe. Sei lá, porque toda vida quem cuidou mesmo foi eu, aí eu penso que é sempre a mãe mesmo...A mãe sabe mais cuidar, dar mais atenção, tem mais cuidado, pra levar para o médico, para a escola, sempre foi assim com os meus meninos. Sempre eu que levei para o médico, levei para escola. Vou deixar, vou buscar, sempre foi eu. Eu sou mãe, né, eu sei que eu acho que eu cuido melhor dos meus filhos. Eu não sei as outras mães, mas para mim, estando comigo eu acho que não vai acontecer nada (risos)”. (Kelly)

“É a mãe. Nossa, é a mãe. Pai é paia, né, pai é paia. Eu digo para o meu que ele não é pai, não é nada, é a massa molhada...é só para fazer, porque o resto é com você. Eu não digo pelos outros, né, eu digo pelo meu. Porque a pressa era só pra fazer, agora para cuidar não era ele não. Eu acho que a mãe é a principal, porque só de carregar nove meses, o vínculo que é criado entre a mãe e o filho...e o peito? Pai não tem peito, aquele momento ali é muito sagrado para a mãe e para o filho, não tem par ao pai de jeito nenhum. Se ele quiser considerar a mãe e o filho, e não deixar de faltar as coisas, ele já tem todos os lucros do mundo. O que a maioria não faz, né? Igual esse aí mesmo da minha filha (se referindo ao marido da filha eu não dá nada pra as crianças nem para a esposa). Aí se ele já fizer, já é a glória que a grande maioria não tá nem aí”. (Cida)

“Eu acho que já é tradição, mas isso já mudou, né? Eu acho que a maioria dos casos já não é mais assim não. As mulheres não veem mais assim, as mulheres querem ser independentes, e sair e trabalhar. E tem mulher, também, que eu vejo assim...que tem mulher que se sente menor de ficar em casa, tem gente assim. Mas eu não me sinto pior nem melhor do que nenhuma de trabalhar em casa e não sair de manhã para trabalhar. Até porque também eu tenho minha tarefa aqui no salão. Mas é isso, tem mulher que tem vontade de ficar em casa, mas ela se sente por baixo de ter que ficar em casa só cuidando do filho. E se é o que ela gosta, ela pode ficar em casa. Mas eu também sou a favor de que trabalhar também faz bem, mesmo que seja em

casa, fazer alguma coisa a mais, porque você não fica dependendo do seu marido, né? Ficar tudo pedindo para ele”. (Rosa)

“Acho que as pessoas cobram mais da mãe, porque tipo...Se o menino tá sujo aí o povo fala, “nossa, como esse menino tá sujo, a mãe desse menino é tão nojenta, não dá um banho nesse menino”. Aí se o menino tá com fome, o povo fala que a mãe não dá comida para o menino, que deixa ele com fome, tudo é a mãe. E como a mãe que tá em casa, então é obrigação dela, porque o pai tá trabalhando. Igual, eu trabalho em casa só que é correria, então eu me sinto na obrigação. Se acontecer alguma coisa eu acho que é culpa minha porque eu deveria tá cuidando melhor, eu tinha que tá em cima, tinha que tá. Então qualquer descuido eu acho que a culpa é minha”. Nilza)

“Cobram mais da mãe, tudo é da mãe. Tudo que acontece de errado com o filho é a mãe, cai tudo na mãe porque a mãe – pelo sim, pelo não – conhece os desejos do filho, conhece as necessidades daquela criança. Desde o ventre você sabe as necessidades daquela criança, o vínculo é muito grande. Não tem jeito não, e eu concordo com isso plenamente, plenamente, porque o filho que não tem o carinho, o aconchego de mãe, é outro tipo de criança, outro tipo, não vai dar certo”. (Cida)

“Eu acho que já é tradição, porque a minha mãe sempre dizia que as mães que cuidam dos filhos. Assim, lá em casa só tem nós duas mulheres, que tem a minha irmã encostada a mim. Só que ela não tem isso, ela diz que tanto faz o pai ou a mãe para cuidar. Mas eu acho que eu mesma foi porque a minha mãe falou isso, que a mãe que tem que cuidar do filho. Eu acho que cobram mais a mãe porque a mãe sempre tá mais presente, tá em casa. Mas tem mãe que trabalha também, mas quando a mãe não trabalha o pai tem que trabalhar fora, e a mãe fica mais com os filhos. Eu acho que é isso, e eu concordo com isso. Porque eu concordo que toda vez eu cuidei dos meus filhos. Aí eu concordo, porque tem muitas vezes que o pai trabalha e o pai não vai deixar de trabalhar para cuidar dos filhos. Aí eu concordo que a mãe tem que cuidar dos filhos, e acho que a mãe tem que deixar de trabalhar para cuidar dos filhos”. (Kelly)

“Cobram mais da mãe porque a nossa sociedade é das antigas, que pensa que a responsabilidade é só da mãe, e a mãe tem que se virar para cuidar de menino. Eu acho que isso vem de criação, mas eu não concordo com isso de forma alguma. Direitos iguais, todo mundo não quer ter direitos iguais? Então vamos cuidar também, né?” (Bruna)

“Eu acho que cobram mais da mãe. Eu me sinto na obrigação porque foi uma escolha minha, né? E a gente sempre tem que cuidar do filho, né, tá largando, deixando para os outros cuidarem, porque ninguém é obrigado, né? Eu sempre gosto também, eu tava até pensando nessa questão, né, porque ele dá muito trabalho...ele corre e pega as coisas, e pega as coisas e sobe em cima das coisas. E eu acho que se eu colocasse ele integral, eu não sei se eu deixaria ele ficar o dia todo. Porque eu gosto de ficar com ele, mesmo ele dando trabalho”. (Joyce)

“Cobram da mãe porque as pessoas, do ponto de vista das pessoas, a maioria que eu vejo é mais da mãe, porque eles veem muito que mãe tem que ser isso, tem que ser aquilo, cobram muito da mãe. Quando você tem um pai que dá educação para o filho e tudo, eu não concordo não. Depende dos fatos, porque tem pai que é louco, mas quando você já tem um pai que eduque e tudo, é do pai e dá mãe. Eu acho que é tradição, foi isso que eu quis te dizer. É a tradição, então eu não concordo”. (Nicole)

“Da mãe com certeza, porque o pai é muito desligado, o pai é muito sei lá...É mais da mãe mesmo, eu não sei se é por causa do instinto materno, não sei se é porque o filho é mais apegado com a mãe. Pode ser tradição também, eu acho que é. Eu não concordo, eu acho que deveria ser igual para os dois, é claro que no começo o filho fica mais com a mãe porque tem que mamar. Mas os filhos, a maioria, é mais grudado com a mãe”. (Kaka)

Vale salientar que nas respostas abaixo foi frisado o peso da obrigação que as mulheres têm em serem as responsáveis pelos cuidados com os seus filhos:

“Com certeza, completamente, porque era um pedaço de mim, né? E é um direito e obrigação e dever, tudo junto”. (Cida)

“Geralmente mais da mãe, né? Do pai nem tanto, mais da mãe, porque eu acho que a maioria das pessoas acham que a mãe têm mais obrigação de ficar, de cuidar, de fazer tudo, né? E o pai não tanto, a pessoa acha que o pai é mais mesmo para dar o dinheiro, para comprar alguma coisa, mais isso. E a mãe tem que ficar lá vinte quatro horas olhando e cuidando. Eu não concordo, porque eu acho que tem que ser para os dois. Os dois têm que ter a responsabilidade e não só financeira, mas também de olhar, de cuidar, de levar ao médico, de tudo. Não é só da mãe, é do pai também”. (Joyce)

“Me sinto obrigada de cuidar deles sim, (me) sinto (responsável) sim. Eu sou mãe deles, eu que coloquei eles no mundo, eu que tenho que educar, criar, entendeu? Para se preparar para esse mundo...eu me sinto sim”. (Nicole)

“Eu me sinto (responsável). Sei lá, para mim, eu acho que eu botei no mundo, eu acho que eu que tenho que cuidar. É responsabilidade minha, eu me sinto na obrigação”. (Kelly)

“(Eu me) sinto (responsável), porque é só eu e o bichinho é muito pequenininho, tadinho. Se eu largar o que vai ser feito (risos)?” (Nilza)

“(Eu me) sinto (responsável), porque eles são parte de mim, eles são meus. Então é uma obrigação minha, foi uma escolhi que eu fiz, que eu quis. Então tenho que pegar isso para mim”. (Kaka)

“Não me sinto obrigada. Eu cuido porque ele é meu filho e eu amo ele, e eu cuidaria dele como eu cuidaria de qualquer outra pessoa”. (Bruna)

De acordo com o IPEA (2017), as mulheres têm, em média, uma jornada de trabalho de 7,5 horas a mais do que os homens por semana. De acordo com os dados presentes na Síntese de Indicadores Sociais do IBGE (2002), as mulheres ganham menos do que os homens e se aposentam em menor proporção. De fato, as entrevistadas do estudo em questão mencionaram que as mulheres acabam trabalhando mais do que os homens, pois além de trabalharem fora de casa, ainda são responsáveis por atividades domésticas e o cuidado com os filhos, resultando em múltiplas jornadas de trabalho. Entretanto, quando questionadas se as mulheres deveriam se aposentar primeiro que o homem, as entrevistadas não revelaram muitas informações.

“Eu acho certo as mulheres se aposentarem primeiro, porque mulher trabalha mais do que homem. Eu acho que as mulheres deveriam ser vistas de uma forma diferente, mesmo as que não têm trabalho fora, as que ficam só em casa, por conta da família e da casa. Eu acho que elas deveriam ter um direito a mais. Eu não sei dizer, assim, criar o quê, fazer o quê, mas eles deveriam criar um meio de valorizar mais a mulher. Até hoje eu acho que a mulher ainda é um pouco desvalorizada, porque a mulher trabalha a vida inteira. Tudo bem, porque querendo ou não, tem esse preconceito, né, de que homem ganha (mais) do que a mulher. Infelizmente, tem

lugares que ainda é assim, empresas, né? Eu não concordo com isso não, tem mulheres que exercem a mesma função e não ganha o mesmo tanto. Eu não tenho uma resposta para a mulher receber menos, eu acho injusto, eles deveriam ter um porquê disso. Mas a questão de aposentar, eu acho justo a mulher se aposentar aos 60 anos, porque a mulher é mais frágil. Eu acho a mulher mais frágil que o homem, no sentido de sentimental, de físico. Eu acho que as mulheres são mais batalhadoras que os homens, porque apesar de trabalhar fora, a maioria das mulheres, elas ainda dão conta de cuidar dos filhos, né, de cuidar da casa, de se preocupar com a educação mais do que os pais, de ir dando um jeitinho em tudo. Mulher é assim, por isso eu acho que elas deveriam ser mais valorizadas”. (Rosa)

“Eu acho que deveria ser tudo igual, né, que os direitos deveriam ser iguais, apesar de que o homem geralmente começa a trabalhar mais cedo que a mulher. Até os antigos, que com 14 ou 15 anos já tava trabalhando, e a mulher só depois, porque ficava em casa ajudando a mãe, essas coisas. Mas no mundo de hoje eu acho que deveria ser igual também, para os dois. A mulher além de trabalhar fora, trabalha dentro de casa, aí o homem chega em casa e pega tudo pronto, né, tudo feito, né? Aí pode ser isso também que a mulher aposenta mais cedo, aí pensando por esse lado é justo”. (Joyce)

“Eu acho que deveria se igualar, entendeu? Eu acho que deveria ser o mesmo tanto que do homem de sessenta e cinco, porque eu acho que da mesma forma que a mulher quer ser igual o homem dentro do trabalho, e eu concordo com isso porque a gente trabalha muito, de ganhar o mesmo trabalho, eu também concordo que tinha que ser o mesmo tempo de trabalho. Mulher é isso: tem que correr atrás, (tem que) cuidar...mas em questão de mercado de trabalho, se quer ser igual, então vamos igualar a aposentadoria também”. (Nicole)

“Eu acho certo, porque a mulher que hoje em dia, ela é muito mais madura que o homem, ela é muito mais rápida para se desenvolver. Você pega uma mulher de vinte e três e um homem de vinte e três, a mulher amadurece muito mais cedo do que um homem. E também porque a mulher trabalha mais...ela trabalha em casa também, tem que cuidar dos filhos, tem mulher que cuida até do marido (risos), tem que fazer tudo pra ele. Então eu acho certo a mulher se aposentar primeiro”. (Kaka)

“É outra coisa que tinha que ser igual para os dois, eu não sei porque tem essa diferenciação na aposentadoria”. (Bruna)

“Eu acho muito certo as mulheres se aposentarem primeiro porque a mulher trabalha fora. Se ela trabalha fora, ela pode ter dez empregadas, mas quando ela chega ela tem “n” coisas para fazer dentro de casa, com filho, com tudo. É preparar uma mamadeira, ver a alimentação do filho de hoje e de amanhã. A mulher trabalha dez vezes mais que um homem. Tô te falando que o homem é inútil, não tem utilidade. Não sei porque nasce tanto homem, não tem utilidade”.
(Bruna)

“Ah, isso aí eu nem sei responder direito, isso aí. Eu acho que deveria ser tudo uma idade só, é tudo igual. É a mesma coisa da mulher receber o mesmo que o homem, deveria ser tudo igual. Mas eu acho que tem mulher que trabalha mais, mas eu acho que tem homem que é a mesma coisa”. (Kelly)

“Eu acho que sessenta ainda é muito, eu acho que a mulher devia aposentar era antes, porque querendo ou não, a mulher trabalha mais. Porque até ela arranjar um emprego com os vinte e poucos anos, aí você chega em casa tem o trabalho doméstico, o trabalho com o menino...aí eu acho que para a mulher a carga horária é maior, é mais cansativo do que para o homem. O homem, o trabalho que tem é acordar de manhã e ir trabalhar e chegar em casa, comer e ir dormir”. (Nilza)

“Eu acho injustiça, eu fico revoltada, porque a mulher tinha que ganhar melhor. Porque por mais que trabalha na rua, dá o seu melhor no serviço, aí chega em casa ainda tem que lavar roupa, cuidar de casa, cuidar do menino e ainda tem que ser mulher, né, que é o pior. Que ainda tem que fazer os afazeres de mulher e se dizer que tá cansada, (o homem) ainda pergunta de quê. Muitas vezes a mulher trabalha mais que o homem e ganha inferior do que o homem dependendo do trabalho, entendeu? E tipo assim, a gente chega em casa, em vez do homem ir ajudar, sendo que você trabalha mais no serviço, e chega em casa e tem que fazer os afazeres, e homem fala que tá cansado...não tem coragem nem de botar uma roupa na máquina”. (Nilza)

“Eu acho errado, só que como isso vem de muitos anos, ainda vai demorar um pouco, apesar de que agora tá mudando muito. Porque antigamente a mulher quase que não tinha serviço, né, não tinha serviço no mercado, essas coisas. Mas agora até que tá mudando um pouco, mas como isso vem de muitos anos, eu acho mais difícil mudar, mas já tá mudando um pouco. Mas isso não tem nada a ver, a mulher às vezes até trabalha mais que o homem, dependendo das

funções. Tem que ter a verdadeira igualdade, né, porque se os dois exercem a mesma função, não tem diferença nenhuma”. (Joyce)

“Bom, eu nunca passei por isso, é porque na minha parte eu nunca passei isso na minha empresa. Porque tem o agente líder homem, e o agente líder mulher, e eu ganho a mais que ele, porque às vezes eu bato meta a mais que ele. Mas em outros locais acontecem mesmo, no Rio de Janeiro mesmo tem esses casos. Eu acho errado, eu acho super errado, principalmente as mulheres que trabalham mais que os homens, porque a maioria desses homens, eu vou falar assim, 80% desses homens são criados na tradição de não fazer nada ou só trabalhar e pronto, só isso dali, 80% dos homens são assim. Eu não concordo, eu acho isso um absurdo, porque as mulheres, elas se esforçam tanto dentro de casa quanto fora, e eu acho errado”. (Nicole)

“Eu acho que a mulher é capacitada para fazer a mesma coisa que o homem, a mulher. É claro que é o sexo frágil, né, a mulher pode ser mais fraca um pouco, essas coisas. Mas eu acho que tem a mesma capacidade. (Essa questão) envolve um pouco de machismo, eu acho que é errado receber menos. Eu acho que é por conta de tradição, de antigamente, que a mulher não pode fazer isso, é coisa dos tempos passados”. (Kaka)

“Muito feio, né? Para não dizer nojento, porque as mulheres chegam a ser até mais caprichosas no trabalho do que o homem. Aí só por ser mulher recebe menos. É muito nojento isso aí, não existe um negócio desse...ou seja, até que existe, mas você ver o tanto que a sociedade ainda tá devagar, tá engatinhando...porque a mulher até no trabalho em obra as mulheres são mais elogiadas que os homens na hora de colocar uma cerâmica, a mulher vai dirigir e acontece muito menos acidente, com homens acontece mais. A mulher é muito mais cuidadosa com a casa e tudo, o homem eu não sei para quê existe não, eu não sei. Eu falo para o meu: que utilidade ele tem? (Por)que até hoje eu não descobri (risos), para mim não tem utilidade nenhuma (risos)”. (Cida)

“Eu acho que ainda tem um preconceito, e ainda vai ficar por muito tempo, se ninguém fizer nada. Porque são as mesmas funções, o que eles fazem de diferente? Eu acho que deveria fazer políticas públicas, se o governo também não agir, isso também nunca vai mudar. Acho que só se fosse uma lei para igualar os salários”. (Bruna)

“Eu acho injusto, tem que receber igual. Só porque a gente é mulher não pode receber igual? Eu acho que tem que receber o mesmo tanto...eu acho que isso acontece porque a mulher é mais discriminada. Porque você é mulher não pode tá dirigindo. Se tá no trânsito e bateu, fala que bateu porque é mulher. Eu acho que eles têm que prestar atenção que a mulher também tem que ser valorizada. Porque é mulher não pode fazer as mesmas coisas e ganhar o mesmo tanto? Eu acho que tá errado, que tem que ser a mesma coisa. Eu acho que o empregador mesmo que deveria ver isso aí. Só porque a gente é mulher não pode ganhar o mesmo tanto que o homem? É claro que pode”. (Kelly)

Assim, é notável que algumas entrevistadas naturalizam os fazeres domésticos, pois os mesmos fazem parte do “ser mulher”. Muitas vezes os trabalhos desenvolvidos em casa não são percebidos como trabalhos, mas como fazer parte de “ser mulher”. Outras já enfatizam a importância de tal trabalho, da carga que significa a mais para as mulheres, sobretudo em uma relação matrimonial.

6.5 AS MÃES E O CUIDADO DE SAÚDE HEGEMÔNICO JUNTO ÀS INTERAÇÕES CONTRADITÓRIAS

As mulheres tidas como mães terapeutas populares são consideradas responsáveis por cuidarem dos seus, a partir de suas próprias práticas terapêuticas para, posteriormente, irem em busca da medicina oficial. Assim, de acordo com Cabral et al (2011), os cuidados complementares alternativos podem ajudar a desafogar o sistema de saúde oficial. As questões de cultura, crença, religião e conhecimentos perpassados são de grande valia no processo terapêutico de cuidados individuais, norteados os itinerários terapêuticos subjetivos.

Outra forma de cuidado alternativo é a busca da cura por meio de plantas medicinais, que até o século XIX era um dos principais recursos terapêuticos de cura, estando presente até a segunda metade do século XX. Contudo, a medicina oficial é muito enraizada e pouco se aceita esses cuidados alternativos, muito embora tenha sido constatado pela Organização Mundial de Saúde – OMS – que 80% da população utiliza esses recursos terapêuticos para a prevenção, cura e tratamento de doenças (FIRMO et al, 2011).

Já sobre os cuidados durante a gestação e resguardo, o discurso médico ainda é marcante, pois as mulheres buscam seguir todas as recomendações passadas, mesmo com receios. Elas ainda utilizam práticas alternativas aprendidas em suas redes de cuidados

familiares cujos conhecimentos, segundo Gutierrez e Minayo (2010), são perpassados de geração a geração.

Nos relatos abaixo é possível observar que as mulheres utilizam seus recursos alternativos de cuidados, considerando que a pessoa mais experiente da família é quem dá o norte com relação ao processo de cuidado alternativo e domiciliar.

“Eu me cuidava bem, porque do jeito que eles me falavam lá, eu fazia certinho. Parece até besteira, mas eu procurava fazer tudo certinho. Eu me alimentava direito, comia saladas, legumes, praticamente eu não tive enjojo. E, assim, por isso que eu te falo dos cuidados que são importantes...que parece besteira, mas não é. Lá tem uma relação de alimentos que eles indicam para não comer, porque depois o bebê nasce cheio de cólica, e é verdade mesmo, porque eu não tive esse problema com a minha filha. Porque, assim, eu também nunca comi muita besteira...eu nunca fui muito de comer besteira”. (Rosa)

“Usava cuidados pessoais de cuidar do corpo, aqueles cuidados lá, de grávida, de cuidar da pele para quando (depois do bebê nascer) voltar direitinho. Eu que buscava os cuidados logo, (por)que eu não tinha minha mãe perto de mim, era só eu e meu esposo, e meu esposo trabalhava e eu ficava aqui só. Não tinha muita gente para me orientar não. Eu não ia em raizeiro nem benzedor não (risos)”. (Rosa)

“Resguardo. Resguardo é uma coisa boa, assim, o resguardo de cuidados para mim foi tranquilo, porque eu tive a minha filha normal, aí eu não tive nada assim. Em quinze dias eu já me sentia bem, né? Pronta para fazer qualquer coisa. Para mim resguardo não é ficar, assim, deitada. Eu ficava normal, o meu dia era normal. Claro que não fazendo tudo como diariamente antes do parto, mas eu fazia as coisas na medida do possível. Eu não ouvia o que as pessoas me falava para fazer no resguardo. Por exemplo, aquela questão do bebê de dar chazinho, dar não sei o quê, que por exemplo, a mãe da gente não gosta. A minha mãe ia vir para cuidar de mim, mas eu ganhei a minha filha antes do dia previsto, então ela chegou aqui já tinha mais de uma semana que eu tinha ganhado neném. E eu conseguia me virar sozinha, aí teve uma vez daquela questão lá que a mãe diz “faz isso, faz aquilo”, eu não dava muito ouvido não. Não é que eu estou criticando, mas assim, do chazinho, de dar papinha logo, eu não fazia. A minha filha mamou seis meses só o peito. Não dava outra coisa pra ela porque eu aprendi assim lá no postinho, e eu vi que faz bem. A minha filha é bem saudável, nem gripe ela, assim, não pega”. (Rosa)

“Assim, no resguardo eu tinha as restrições, tipo, (com relação a) alguma alimentação. Eu tinha algum cuidado, leite eu tomava o básico e refrigerante eu tomava o básico, esses cuidados assim, que eu tinha. E de remédio eu não tomei remédio. E durante o resguardo eu deixei de fazer as coisas em casa muito pouco, porque, por exemplo, eu que lavava as roupinhas da minha filha, que passava. E também era mais eu mesmo, minha mãe ficou poucos dias aqui comigo, ficou uns vinte dias, mas eu nem considerava mais que era resguardo”. (Rosa)

“Eu tomava o ácido fólico passado pelo médico, a vitamina e outras vitaminas lá que ele me passou, porque eu poderia perder o neném. Eu comia bem, assim, o povo falava fruta de casca verde é bom para a memória do neném até o terceiro mês. Aí eu saía comendo tudo que era de casca verde, tava igual um lagarto. Aí me falaram também que era bom tomar uns mastruz no final da gravidez para preparar o metabolismo para curar mais rápido. Aí eu tomei também. Aí, assim, tudo que ensinavam eu tomava e comia”. (Nilza)

“(Quem me instruía era o) médico, né, do pré-natal, e minha mãe. A minha mãe, ela é médica curandeira, aí ela passava um monte de garrafada. Aí nessas garrafadas, sabe lá Deus o que tinha lá dentro, ela passa para todo mundo”. (Nilza)

“Resguardo é repouso, a minha irmã ficar deitada, é não comer qualquer coisa...porque lá na minha terra, o povo fala que se comer carne de porco os pontos vão inflamar, tudo isso. Não pode pegar peso, não pode se abaixar, num pode pisar o pé no chão. Então isso tudo aí é repouso. E eu me cuidava no resguardo sem repouso (risos). Eu tive repouso só uma semana até tirar os pontos, porque o médico dá quarenta dias, né, de repouso. Mas aí eu fiquei só quinze dias. Eu usava só as coisas passada pelo médico e as raízes que minha mãe passava. E de religião, nada. A minha mãe vinha com umas histórias lá de água benta, mas eu não acreditava não”. (Nilza)

“Os cuidados que eu tinha comigo na gestação era de comer bem, mas os cuidados assim comigo mesmo, eu não tinha não, eu só trabalhava muito. E de resguardo eu fiquei só quinze dias de não fazer nada mesmo, e depois eu só comia muito pamonha, cuscuz, mocotó que a minha mãe fazia. Só isso mesmo”. (Nilza)

“Não existia repouso não. Mas rapaz, quase que eu falo um palavrão. Não existia isso de ficar de repouso não. Naquela época eu tinha mania de limpeza, e podia tá doente, e a minha casa tinha que tá limpando. Era cimento, então era o escovão. E aí, às vezes tinha dia que dez horas da noite eu tava atendendo freguesa. Aí eu terminava, ia limpar a casa. Aí tinha dia que eu ia dormir era duas horas da manhã, aí seis horas eu tava de pé. Minha vida foi sempre assim, eu não consigo deitar cedo. Quando eu deito cedo, o cedo meu é uma hora da manhã. Eu não tinha nenhum cuidado, o cuidado era trabalhar até ferrar (risos), não tinha cuidado de nada não. O cuidado era só de não passar fome (risos)”. (Cida)

“Naquela época eu era bem desligada de religião, era só por conta da minha casa e dos meus filhos, sabe? Não saía para lugar nenhum. Eu não saía de casa para nada, a não ser ir para o médico, e empinada, com o bucho empinado. Quando o mais velho tava com três meses eu já tava grávida, como eu ia para algum lugar (risos)? Eu nunca usei essas coisas de raízes, essas coisas, eu sou preguiçosa para essa coisa de chazinho de raízes, essas coisas”. (Cida)

“Ah, minha filha, resguardo é assim: o resguardo de pobre é você não passar raiva, não cair, essas coisas são o resguardo de pobre, outras coisas você não tem não, mas você não tem mesmo. Tem que evitar raiva, porque é difícil, né, não tem jeito. Eu acho que é só se resguardar desse tipo de coisa, não pegar peso...acho que é só isso. Aquelas meias eu nunca usei não”. (Cida)

“Deus, que era eu e eu mesma, e acabou. Só Deus. Eu nunca tive ninguém para cuidar de mim não. Mas já no resguardo, aquela criatura que os meninos chamam de pai fazia algumas coisas. Dava banho nos meninos, porque eu não conseguia, por causa da cesária. Eu fiquei muito fraca, fiquei muito ruim, desmaiava. Nossa, eu ficava muito fraca depois de ganhar neném, da cesária. Aí ele não deixava eu pegar o neném do berço para eu não cair. Mas de vez em quando ia a minha mãe ou a minha irmã para cuidar de mim. Mas assim, ficar uma pessoa só para cuidar de mim, eu nunca tive essa história não”. (Cida)

“Durante o tempo que você guarda quarenta dias, né, na média quarenta dias, aí tem umas comidinhas especiais, umas coisas que você não pode comer, que é pimenta, essas coisas, tempero forte, e só. E médico, assim, eu nem lembro se fui na revisão de parto. Às vezes devo ter isso porque era cesárea, né? Eu não usava raízes nem nada, eu sou muito preguiçosa para esses negócios”. (Cida)

“Não tinha nenhum cuidado na gestação, nem no resguardo. O único cuidado era evitar comer sal, porque eu chegava lá toda inchadona, aí o médico falava para eu tirar o sal do alimento. E eu falava para ele: “mas o que é isso?” Porque todo mundo ia comer e jogava um salzinho na comida, menos eu, porque da minha comida ninguém conseguia comer. E eu continuava inchada e tudo. Mas aí eles viram, porque quando eu fui internada, eles viram que eu não comia sal, nem nada, e a minha pressão não abaixava, só comendo comida hipossódica. Aí eles mandaram eu tirar da comida o sal, a pimenta, pimenta do reino, essas coisas. Tempero forte, né? Era só alho e cebola”. (Cida)

“Quando eu tava de resguardo, eu deixei de fazer as coisas dentro de casa, porque como eu te falei, eu não conseguia fazer, né? Eu ficava muito fraca depois que ganhava neném, que não era normal. Aí continuava comendo aquelas comidas fracas. Aí devido a ficar comendo aquelas comidas sem sal, aí quando eu ganhava neném, eu ficava muito fraca, muito fraca mesmo que às vezes eu chegava a desmaiar. Aí eu não podia ficar dando banho no neném, né? Ficar pegando, porque era perigoso desmaiar. Aí quando chegava alguém lá, pintava sempre alguém, né, aí eu falava para dar banho no neném para mim. Eram as vizinhas, as pessoas que iam me visitar”. (Cida)

“Não tinha nenhum cuidado especial não, só cuidava mesmo. Eu não fazia exercício nenhum, só ficava em casa mesmo, mas os remédios eu tomava tudo direitinho. Eles passavam remédio para infecção, para anemia, aí eu me cuidava. Tomava tudo direitinho, sempre eu tive cuidado, eu nunca precisei ficar em repouso. Minhas gravidezes mesmo nunca precisaram de ficar de repouso”. (Kelly)

“Não usava nada, eu só ia no médico mesmo”. (Kelly)

“Na verdade, eu nem tive resguardo, porque eles dizem que resguardo para os antigos é ficar de repouso, não fazer nada dentro de casa, ficar mesmo deitada, fazer mesmo só as coisas básicas. Eu mesmo não, eu não tive resguardo não, eu fazia era de tudo dentro de casa, lavava, passava, cozinhava, só não carregava mesmo balde de roupa cheia, mas eu fazia de tudo. Eu lavava, eu passava, eu cozinhava, a minha vida normal, como se eu não tivesse de resguardo. Eu não achava necessário, né, mas minha mãe sempre falava que eu tinha que ficar de repouso.

Aí eu dizia para ela que não tinha resguardo não. Vivía minha vida normal, eu não sentia nada, eu achava que era assim”. (Kelly)

“Não tinha cuidado nenhum, seguia minha vida normal, eu não sentia nada”. (Cida)

“Ah, eu mudei a minha alimentação, parei de comer porcaria, aí eu tava tomando as vitaminas e me alimentando bem. Não ficava mais de três horas sem comer porque não podia. Antes eu bebia água, mas depois que eu fiquei grávida eu bebia muito mais porque eu tinha que tomar por causa do líquido amniótico. Aí toda hora eu tinha que ficar tomando água porque eu não podia ficar sem tomar água. Aí eu só deixei de pegar peso, pegar muito peso, mas o restante eu continuei normal”. (Bruna)

“Nunca usei nada disso não, de remédio caseiro. Eu continuei fazendo tudo normal como eu fazia antes. Eu só ia no médico mesmo e usava o que ele passava, e a minha alimentação nunca foi assim tão cheia de porcaria. Eu comia algumas besteiras, mas não influenciou em nada não. Eu diminuí o refrigerante e essas coisas gordurosas”. (Bruna)

“Ah, eu acho que resguardo são aqueles primeiros quarenta dias depois que ganha o bebê. Ih, como o meu foi cesáreo eu tive que ficar os quarenta dias mesmo quieta, porque como eu tava toda costurada, aí eu tinha que ficar mesmo quieta, para não fazer alguma coisa e romper. Eu não fazia muito esforço, mas não deixava de fazer nada. Ih, como o médico passou muito remédio eu tomava os remédios tudinho e ainda tomei uns negócios caseiros que me ensinaram aí para cicatrizar logo. Eu tomava água inglesa, chá de algodão e fora um paracetamol, esses remédios para não sentir dor. Um foi a minha tia e outro a avó paterna que passou para eu tomar. Ih, a única coisa que eu deixei de fazer no resguardo foi de ficar andando muito porque como não podia ficar subindo escada, essas coisas, aí eu ficava quieta um pouco. E eu deixei de comer esses negócios de camarão, essas coisas, que a minha mãe dizia que era remoso [alimento que a dificulta cicatrização ou que provoca alergias]”. (Bruna)

“Só o peso, mesmo, que eu não tava pegando muito peso por causa da barriga, mesmo. Porque eu não podia ficar abaixando, só. Aí a alimentação. Depois eu comecei a comer tudo de novo”. (Bruna)

“Não, era normal, assim, eu comia. Eu só não tomava muito “refri”, essas coisas. O resto era normal, não teve nenhuma restrição não. Não deixei de fazer nada, continuou normal a minha vida”. (Joyce)

“É, só no médico mesmo, e fazendo as ecografias para ver como é que tava, né? O tamanho, se tava tudo certinho, se não tinha problema. Eu não fui em benzedor. Eu tomava só sulfato ferroso que é o que eles mandam no hospital, essas coisas, para não evitar anemia. Tomar vitamina, só esses remédios assim”. (Joyce)

“(Resguardo) é o tempo, né, a recuperação, porque eu fiz uma cirurgia, né? E o dele eu tive que ter mais cuidado, porque a cesária é mais complicada que o parto normal. Aí eu tive essa recuperação de evitar bastante coisas, para futuramente não ter nenhum problema. Ficar mais deitada, não pegar peso, essas coisas. Eu fiquei na minha sogra, aí eu pegava ele mais para dar mamar, aí ela dava banho, ela fazia tudo, porque eu não podia fazer muito esforço, né? Aí ela que arrumava a casa, fazia comida, essas coisas. Quando eu saí do hospital eles só passaram paracetamol, esses remédios para dor. Mas foi só no começo, depois já não tinha mais. Aí depois tinha que ir no posto para poder tirar os pontos, e marcar ginecologista para poder ver como é que ficou, fazer a prevenção. Nunca tomei nada de chá e raízes não, e nunca me indicaram. A única coisa depois que eu tomei, diferente, foi uma vitamina que a doutora passou, que a minha vitamina tava baixa. Aí foi só uma vitamina mesmo que eu comprei, e passou. Na verdade, quando eu tava grávida dele, a minha madrinha fez uma oração aqui em casa, mas aí depois disso não, depois eu não procurei (religião) não. Só depois que ele tava maiorzinho que eu fu na igreja, e a minha madrinha rezava, né, na igreja que ela é mais praticante do que eu”. (Joyce)

“(Eu me cuidava) de não ficar levantando toda hora, né, por causa dos pontos, para não poder abrir. De não ficar pegando peso, fazer esforço, essas coisas. Eu só não podia fazer muita coisa. Como na casa dela tinha escada, né, eu não podia ficar descendo. Aí eu não podia ficar saindo porque eu não podia ficar descendo e subindo. Aí eu ficava mais em casa mesmo, por causa da escada”. (Joyce)

“Ah, eu tomava comprimidos de sulfato ferroso, comia muita fruta, verdura, muito nutriente e fazia caminhada, ainda. Algumas eram passadas pelos médicos e outras era passada pelas

fontes da mãe mesmo, de falar que tem que fazer isso, que é bom. Ervas eu nunca usei não, sempre tive medo dessas coisas. De benzer eu não ia também, nem religião eu tenho”. (Nicole)

“Eu comia comida saudável, bem saudável, eu fazia até dieta. Não comia muito, eu só comia coisa que era bom para menino, principalmente milho. Comia muito milho e realmente dá muito leite, o médico que me falou, o próprio médico. No começo eu achava que era mito, eu usava cinta (por)que eu tinha medo de cair tudo. O (truque) da cinta eu aprendi com a minha mãe mesmo”. (Nicole)

“(Minha alimentação) mudou assim que eles nasceram. Enquanto eu tive grávida eu tinha a minha alimentação normal, mas assim que eles nasceram eles tavam sentindo muita cólica, aí eu mudei. Não tava tomando refrigerante, não tava comendo feijão, milho, que o povo falava que dava cólica. Mas depois de um ano eu voltei a comer tudo normalmente, mas quando eu tava gestante continuei a vida normal”. (Kaka)

“Eu tomava quando tava com dor dipirona. Dor de cabeça, tomava dipirona, só coisa assim porque eu não tomava muita coisa não. Na gravidez do meu filho do meio, como eu tava sentindo muita dor nas pernas, o médico me passou uma medicação para dor. Eu esqueci o nome, ele me passou uma medicação para dor, aí ele me passou. Agora dos gêmeos ele falou para eu tomar dipirona se eu sentisse dor em alguma coisa. Chá e raízes eu não tomava, e nem pedia para me benzer não”. (Kaka)

“Se eu te falar que eu nunca tive resguardo (risos)...Porque assim, quando eu tive os gêmeos, assim, eu não tive (resguardo) porque eram duas crianças, não tinha como eu deixar com outras duas pessoas para eu descansar, entendeu? Então, assim, eu não tive resguardo, assim, de repouso absoluto igual as outras mulheres deve ter. Foram todas normais, como foram todos cesáreos foi tudo normal. Eu não tive nenhuma complicação nos partos não. Para mim resguardo é não fazer muito esforço físico, não se estressar. É isso, eu acho”. (Kaka)

“(Pra me ajudar no resguardo) tinha a minha mãe, a minha irmã, o pai dos meninos, que ele me ajudou muito também no começo. Minha mãe me ajudava nos serviços de casa, assim, as roupinhas dos bebês ela que lavou, passou, fazia comida para mim, me levava nas consultas, me acompanhava nas consultas, era assim. E no resguardo minha mãe e minha irmã cuidava de mim, davam banho no bebê, dava mamadeira, essas coisas”. (Kaka)

“No meu resguardo, no começo eu fiquei quinze dias na casa da minha mãe até ela cuidar de mim e tudo. Aí depois de quinze dias eu voltei para casa. Agora do segundo ela não me cuidou, eu me cuidei sozinha, entendeu? Porque ela trabalha e tudo, e eu não queria dar essa dor de cabeça para a minha mãe. Então ela ficava com a minha filha, e eu fazia as coisas dentro de casa devagarzinho. Eu comia só coisa de nutriente, verdura, fruta, comida mesmo. Eu deixei de comer coisas gordurosas porque quando você tá naquela fase, a qualquer momento você pode engordar, e também você tá amamentando o filho. Eu não usava nenhuma bebida alcoólica, deixei. Resguardo para mim é você se cuidar, cuidar de você e do menino que tá ali, tipo assim, tá ali para você cuidar. O meu resguardo eu não saía para a rua, essas coisas, entendeu? Porque qualquer coisinha eles podem pegar por causa dos vírus, que eles são bem sensíveis”. (Nicole)

“Eu passava muito creme no corpo, hidratava bastante e tomava muita água, essas coisas. Deixei de pegar peso, essas coisas assim. Eu tomei cuidado. Eu deixei de tomar refrigerante”. (Kaka)

Melo et al (2013) salientam a importância da criação de vínculo entre profissionais da saúde e pacientes, principalmente no que diz respeito à relação entre o profissional e a mãe da criança, uma vez que a mãe que é tida como a responsável pelo cuidado com seus filhos. Dessa forma, as informações devem ser transmitidas a elas de forma que elas compreendam o que precisa ser feito para cuidar da criança.

É importante ressaltar que as instruções passadas pelos profissionais da saúde devem encaixar nas orientações e conhecimentos que essas mulheres têm (FREITAS, BARROS e GALVÃO, 2013). Assim, no que diz respeito ao cuidado com os filhos, as mães sempre abordam as questões das consultas até a criança completar um ano de idade. Posteriormente, elas buscam o médico – na maior parte dos casos, em questões emergenciais. Vale notar que algumas salientaram a necessidade de ter um plano de saúde para ajudar no cuidado com os filhos, por ser um fator facilitador de acesso.

“Oh, a minha filha, os cuidados que eu tinha com ela, eu me preocupei com todas as consultas, ela nunca faltou, aquelas consultinhas básicas. As vacinas ela nunca deixou de tomar, eu sempre me preocupei com isso. Na questão de cuidados em casa, eu sempre tive com a alimentação, dar uma alimentação certa para ela, né? E cuidar mesmo direitinho, dois banhos,

três banhos por dia. A minha filha até hoje é assim, parece um patinho: ela acorda de manhã (e) a primeira coisa que ela tem que fazer é tomar banho. E isso já vem de quando ela era bebê, de andar arrumadinha, penteadinha”. (Rosa)

“Eu fazia questão de levar a minha filha para as consultas e tomar vacina, porque eu acho que é necessário. Acho não, tenho certeza que é importante. E eu acho muito falho quando uma mãe esquece uma vacina ou uma consulta. Eu acho que no futuro pode ter uma consequência, né, com a saúde”. (Rosa)

“Levei (ao médico), agora só com dois anos porque ele já fez toda. E as vacinas agora só com quatro anos, porque ele já tomou todas nas campanhas. E a consulta agora só o mês que vem que eu tenho que ir lá agora para agendar. E no dentista eu já fui, e ele tá agendado agora para dezembro. Eu levava ele para ver se tava bem, se tava normal, se não tinha nenhum problema. Mas para acompanhamento mesmo da saúde dele e para as vacinas eu levei para todas, para ele ficar imune, né? Pra poder não ter nenhum problema futuramente, e nem agora também”. (Joyce)

“Levava para as consultas até um ano, para ver a fase do crescimento. No HUB via até a estatura, se a criança ia ser alta ou baixa. Era bem legal, era curioso, eu gostava. Para as vacinas eu levei. Eu chorava muito nas vacinas. Eu levava para eles serem saudáveis. Eu tinha medo deles pegarem sarampo, dengue, aquela febre amarela...eu tinha medo disso, então eu cuidava, entendeu?”(Nicole)

“Até hoje eu levo para as consultas periódicas. Eles que marcam as consultas, de acordo com a idade da criança eles vão marcando. Acho que é no primeiro mês de vida, assim, a primeira consulta. Assim que você sai do hospital você tem que ir marcar a primeira consulta. Aí com um mês, depois com três, com seis, eu acho, com nove, e depois com um ano. Eu acho que é assim, e para tomar as vacinas eu levo para tomar todas. Eu levo (às consultas) para a saúde deles, para saber se tá tudo bem. E as vacinas, (eu levo) para a prevenção deles de alguma doença, né?” (Kaka)

“A minha filha, depois de passar aquela fase das consultas que o postinho mesmo marca para você, que depois vai diminuindo e você tem que ir atrás...eu sempre tive preocupação de fazer os exames periódicos dela, né? Igual eu te falei, eu tinha o plano e nessa parte eu aproveitava

bem e até hoje. Foi nesse ano que eu perdi o plano, só nesse ano que a gente não fez consulta ainda, mas todo ano a gente se consulta, nessa parte aí eu aproveitei bem do plano. Aí eu levo ela nas consultas de rotina uma vez por ano, e tirando isso, só se ela sentir alguma coisa. E ela não é muito de sentir. Oh, quando ela era menor, ela tinha problema de garganta, né? Inflamava muito. Aí ela fez cirurgia. Eu me preocupei, eu corri atrás, porque foi assim: a cirurgia da minha filha eu corri muito atrás, porque isso incomodava muito ela. Ela não dormia direito, ela tinha adenoide, né? Ela roncava muito à noite. E eu trabalhava no comércio e eu tinha o plano de saúde lá. Aí eu saí (do emprego), foi na época que eu resolvi sair mesmo para ficar por conta dela, aí eu perdi o plano. E aí eu falei: “e aí, como eu vou fazer a cirurgia da minha filha?” Mas na mesma semana que eu saí, eu já corri para dar entrada no hospital público. Aí eu deixei ela lá na listinha, na fila de espera. Aí eu perdi o meu plano de saúde, aí eu falei: “agora ela não vai fazer a cirurgia, meu Deus!” Aí por coincidência, assim, a loja que eu trabalhava...eu gostava de trabalhar lá, apesar de lá ser rígido, né? Mas era bom, era compensador. O salário era bom, o plano de saúde era bom...mas aí Deus é bom, né? O meu marido, ele tinha sido transferido de outra empresa lá para Vitória. Aí ele voltou pra cá e saiu da empresa que ele trabalhava, e entrou na loja que eu trabalhava. Aí eu saí e ele entrou, ou seja, a gente voltou a ter o plano, né? Aí foi quando a minha filha fez a cirurgia, né, foram muitas vindas e idas ao médico. Aí ela fez a cirurgia no particular e as consultas ela tinha feito no particular também. Mas quando eu perdi o plano eu fui para o público e o médico atendia lá também. Aí ficou bom, né, porque mesmo que fosse no HRC ia ser o mesmo médico que ia fazer a cirurgia. Mas quando voltou o plano, aí ela fez a cirurgia no particular mesmo”. (Rosa)

“Eu levo a minha filha ao médico mais por prevenção a saúde. Graças a Deus, assim, eu nunca precisei de correr para o médico...ou até hoje eu não tenho nada que me preocupe com a saúde dela não. É prevenção mesmo, graças a Deus”. (Rosa)

“Como eu cuidava? Vichi maria, você não vai escrever isso não, né? Tu corta algumas coisas (risos), mulher, eu não sou boa mãe não...dependendo do calor, com quinze dias eu botava o menino no tanque para tomar banho. Eu cuidava assim, o povo diz que eu cuidava bem, mas eu acho que não. Eu vendo outras mães aí como é que era, eu acho que eu não cuidava bem não. Primeiro que eu tinha preguiça de amamentar, com dois meses eu já dei comida para ele, feijão com abóbora amassada, porque eu tinha preguiça de tá sentada amamentando. Pra mim era uma agonia. Aí eu falei isso para o pediatra, aí eles me encaminharam para o psicólogo, aí o psicólogo disse que eu tava com depressão pós-parto, início, né? Porque eu não aguentava

o menino mamando no meu peito não. Isso me dava um agonia...uma agonia, que dava vontade de jogar o menino lá na parede. Aí o que que eu fiz...aí com dois meses ele tava mais durinho, aí eu dava laranja, dava comidinha de sal com um pouquinho de sal para ele poder largar o peito e o “bubu”, o bico”. (Nilza)

“Levei para todas as consultas e para tomar as vacinas. Porque, no começo, eu achava que não era tão importante, até eu ver as coisas na televisão...paralisia, essas coisas. Aí eu comecei a me policiar mais. Porque as vacinas era muito raro eu dar no dia certinho, aí todo mês era as meninas no posto falando. Mãezinha, aí eu fiquei com medo deles chamarem o conselho tutelar. Quando eu ia lá faltava pouco eles chamarem a assistente social, porque tava atrasada uma semana a vacina, que não podia que num sei o quê...falavam que eu tava sendo inadimplente, falavam um monte de coisa para mim. Aí depois que elas sentaram comigo e informaram a função da vacina, aí eu ia. Era até antes com medo, as enfermeiras que sentavam comigo”. (Nilza)

“Antes, quando ele era bebezinho, eu levava todo mês para fazer o CD. Aí com dois anos eu levo uma vez ao ano, tipo para dar remédio para verme, essas coisas. Eu levo ele no posto, eles que marcam as consultas”. (Nilza)

“Ah, eu tinha todo cuidado. Para falar a verdade eu ficava com eles mais no braço, eu não deixava eles nem na cama. Para mim, se deixasse na cama eles iam morrer, sei lá, engasgado ou com alguma coisa. Eu sempre cuidei assim, as pessoas até diziam que eu acostumei eles muito mal, né, porque eles só dormiam comigo. Porque eu tinha medo deles dormirem só e morrer, eu sempre tive os cuidados assim. Foi mais assim de ver como eles tavam, se tava precisando de alguma coisa. Se tivesse quentinho eu já ficava doidinha, meus cuidados foram sempre assim. Eu amamenteei eles até os quatro anos, o povo dizia que nem precisava, que era só até os seis meses, mas eu sempre amamenteei eles até os quatro. Só os mais novos que amamenteei até os dois anos, mas as duas mais velhas foram até os quatro anos”. (Cida)

“Eu sempre levava ao médico de três em três meses, ou de seis em seis meses, e quando sentia alguma coisa importante. Mas eu sempre levei eles ao médico. Realmente eu quem ia atrás para marcar as consultas de rotina”. (Cida)

“Levava eles para todas as consultas, era normal mesmo, levava e eles viam que tava tudo bem, era normal. Eles que marcavam as consultas, e levei para tomar todas as vacinas porque as vacinas são importante para os filhos, né? Eu não poderia nem deixar de levar, porque se acontecesse alguma coisa eu ia imaginar que era porque não tinha tomado as vacinas. E para as consultas eu levava porque eu imaginava que, se acontecesse alguma coisa, e tava marcada, e se eu não levasse, aí era responsabilidade minha, num era?”. (Kelly)

“Era mesmo mais assim quando eles tavam se sentindo mal mesmo (que eu levava no médico), às vezes tava sentindo dor de cabeça, ou febre, ou dor na barriga...aí eu sempre levei”. (Kelly)

“Sim, todas as consultas ele ia. Até hoje ele tem. Cada consulta que a gente vai eles já marcam a próxima. Começava a ser até os seis meses, todo mês ele tinha. Aí depois passou de ser em três em três meses, e a última dele foi agora com um ano e seis meses. Aí agora a próxima só com dois anos. Levei para tomar todas as vacinas, todas. Todo mês ele tem vacina para tomar, eu levo ele porque eu tenho medo dele pegar alguma coisa e não tá protegido. E para as consultas é porque tem que cuidar, né? E sempre que ele fica doente, com febre, por causa de reação de vacina, aí eu sempre levo ele também”. (Bruna)

Freitas, Barros e Galvão (2013) afirmam que deve existir a escuta por parte dos profissionais da saúde parente às mães, pois elas só acatarão as instruções passadas se forem adequadas às suas subjetividades. De acordo com um estudo de Briolo (2013), as mulheres que aderiram às orientações nutricionais passada pelos profissionais da saúde foram aquelas que tinham uma renda familiar maior que dois salários mínimos. Isso pode estar diretamente relacionado às orientações não se encaixarem na economia da família das que não atenderam os pedidos.

Assim, sobre o acompanhamento dos filhos ao pediatra, as mães relataram que muitas vezes seguiam as recomendações passadas pelos médicos, mas elas só atendiam aquelas que elas acreditavam que serviriam e que estavam de acordo com as suas necessidades e condições. Todas relataram que os médicos nunca perguntavam se elas tinham condições financeiras para comprar os medicamentos prescritos e nem perguntavam como eram as suas rotinas para saber se a prescrição poderia ser realizada.

Nesse momento fica uma crítica ao poder hegemônico enraizado, que não leva em consideração as singularidades de cada um, De fato, por muitas vezes as entrevistadas relataram não terem atenção por parte do médico ou até mesmo não serem ouvidas, o que gera um

desconforto na criação de vínculo entre profissionais e mães. Isso também pode acarretar na não realização da prescrição.

“Eu sigo de horário certinho do remédio, eu sigo os horários. (Eu sigo as prescrições de) alimentação, se (o médico) falar dá isso, não dá isso. Eu sempre procurei seguir as orientações que eu me lembre. Assim...acho que teve uma vez só que eu descumpri. Eu faço o que o médico fala porque eu acredito neles, né, eu acho que eles não ficam anos lá, né, para falar qualquer coisa para a gente. Infelizmente tem médico que você (vê) que não trabalha por amor. Já aconteceu comigo de você sentir, assim, que a pessoa só te atende e não te olha direito, que eu acho que isso é importante”. (Rosa)

“Sim, sigo (as prescrições do médico) mais ou menos. A última vez que ele teve febre e não parava me mandaram ir para a emergência, aí eu não fui não. Voltei para casa, dei um banho nele, dei remédio e ele melhorou. Ah, a pediatra dele fala que eu tenho que dar o sulfato ferroso e o Redoxon, que é vitamina C. Eu só dou o Redoxon, porque o sulfato ferroso é horrível, ele não gosta e ele não deixa eu dar para ele. Aí eu dou os alimentos que tem ferro mesmo. Porque o ferro mesmo que mandam dar ele não toma de jeito nenhum, esse daí eu não sigo (a prescrição) dela. Mas as outras recomendações eu sigo, porque se eles falam que tem que fazer isso, é porque tem que fazer. Mas as outras eu não sigo porque eu não consigo. Mas é só essa do remédio mesmo que eu não consigo dar para ele...aí é a única que eu não sigo”. (Bruna)

“(Eu sigo) oitenta por cento (das recomendações), tipo as horas de dar o remédio. As horas eu sigo certinho. O retorno quase nunca eu volto, porque já melhorou, né, aí não tem mais necessidade (risos). Aí o retorno eu quase nunca volto, é isso aí...E os oitenta por cento eu sigo porque ele melhora, aí a gente começa a relaxar...e os vinte por cento eu não sigo porque tem que voltar lá, e o médico ver, tudo...mas ele já tá bom, tá brincando, tá caindo, aí não precisa mais”. (Nilza)

“Na maioria das vezes. né, eles levam o que eles querem. Infelizmente tem muitos médicos que hoje em dia não dá muito ouvido para você. Até mesmo semana passada uma cliente me disse que ela foi ao médico, e ela que tinha que ficar, assim, tentando falar mais e ficar conversando com o médico, porque, assim...eles falam lá as coisinhas básicas mesmo, e não querem nem ouvir. Não é (só) você ficar lá duas horas, mas é importante também ele ouvir a pessoa, (saber) por que que tá lá...o porquê, né?” (Rosa)

“Seguia tudo direitinho, tudo que ele falava eu fazia. Sempre eles passavam as recomendações de “não deixar de comer isso”. Os remédios eles passavam, eu dava tudo na hora certa, tudo direitinho. Eu seguia porque já é difícil a gente conseguir uma consulta, aí ele passava e a gente não seguia, aí tinha que fazer tudo de novo...Aí ele passava e eu sempre fazia, cuidava disso aí, porque se eu não fizesse tinha que voltar tudo de novo”. (Kelly)

“Dependendo do médico ele escuta, tem uns três pediatras aí que eu fui que ele não olha nem para sua cara. Não pediu nem para tirar a roupa dela, aí já tem médico que escuta, tira a roupa, examina...tem uns que parece o Chico Xavier, é só escrevendo (risos). O médico não pergunta nada, só fala “dá isso aqui, esse daqui, dá assim, de tantas em tantas horas”, e só. Não pergunta nada, só escreve”. (Nilza)

“No caso da minha filha eu sempre tive muita sorte. Os médicos sempre foram muito bons, tanto comigo quanto com a minha filha. Eles sempre me escutavam, porque tem gente que, assim, reclamam que os médicos são chatos, que não dão atenção...assim, no meu caso, no pré-natal eu sempre tive muita atenção. Quando eu ganhei a minha filha eu tive muita atenção, eu falo que Deus foi muito bom comigo e generoso. Porque assim, as pessoas falam, assim, que é sofrido ter um parto normal. Mas para mim foi tranquilo, não é como as mulheres falam, né, e ficam colocando medo nos outros, né? Aí eu sempre tentei, assim, manter a calma. No dia do parto eu fiquei calma, eu lembro até hoje. Aí voltando para a minha filha eu acompanhei muito ela aqui no postinho, aqui no postinho, né? As consultas sempre foram aí. A médica que atendia, ela trabalhava com amor. Aí depois que eu comecei com o plano, aí eu mudei para o particular. Mas dependendo do médico que te atende na rede pública, não são todos que te dão devida atenção. A pediatra da minha filha ela dava atenção, e o povo sente falta”. (Rosa)

“No meu caso, não sei se com todas, os médicos preocupavam sim. Porque, assim, tem remédios mais baratos e mais caros, dependendo do laboratório. Eu sempre pedi para passar do mais barato mesmo. Às vezes a gente fica assim: “será que o genérico é a mesma coisa?” Mas eu acredito que seja, e eu sempre optei para o mais barato mesmo. Eu que já pedia o mais barato. Na maioria das vezes eles já passavam o medicamento sem indicar o genérico. Eu não sei se eles ganham alguma coisa para indicar o laboratório...aí eu que tenho esse cuidado de sempre pedir para o médico um que seja bom e seja mais barato. né? Mas ele não perguntava como era meu dia a dia não, na hora de passar as recomendações”. (Rosa)

“Seguia as recomendações completamente. Só não seguia essa história da água, que o médico dizia que “não precisava dar água”, então tá bom viu...Eu dava água para os meus filhos normalmente, gente, eu tomo um suco, eu tenho sede. E os meus filhos porque mamam no peito não têm sede? Eu dava água normal. Eu seguia quase todas as orientações porque eles sabem mais que a gente, né? Estudaram pra isso, mas tem coisa, né, nem na religião tem coisa que eu não concordo...e, no entanto, sou religiosa, hoje eu sou, mas nem tudo eu concordo. E bem assim, no médico, nem tudo você concorda, a história da água mesmo. O meu filho mais novo tava engordando demais, aí o médico falou que eu ia ter que dar um jeito, que ele tinha que perder peso, tava muito gordo. Mas qual é a mãe no mundo que vai ver o filho chorando com fome e não vai dar? Tá doido, rapaz? Eu dava menos para tentar enganar, mas não dava. Aí o médico falava que se eram duas mamadeiras que era para dar menos, que era pra alternar, dar uma frutinha. E tudo que botava na boca dele em termo de fruta, ele jogava fora. Aí eu ia matar meu filho de fome? Aí ele emagreceu só depois que ficou grande, que começou a jogar bola. Aí foi perdendo peso...mas eu não ia matar meu filho de fome não. Aí o pai dele falava que ele tava “de dieta”, que o médico disse. Aí eu falava que só se fosse lá na casa do médico, que aqui em casa ele ia comer! Nossa, eu vejo essas crianças obesas, eu sei o sofrimento da mãe porque uma criança que se alimenta direito, aí você tira...aí eu ficava pensando “vai que ele adocece, e vai ter vontade de comer, e não pode”. Ele explicava que ele tava obeso, que ele tava obeso para idade dele, que ele só tem cinco meses. Aí eu falava, “mas como é que eu faço? Ele não se satisfaz com uma mamadeira, e às vezes eu atraso porque eu trabalho”. Aí o médico falava que eu tinha que ver um horário certo, parar tudo para não deixar ele com muita fome. Aí eu falava para o povo, para esperar um pouco que eu tinha que fazer a mamadeira do meu filho. Aí a pessoa, quando tava com pressa, eu colocava os ingredientes e falava para ela ir mexendo para mim e não deitar empelotar, porque se empelotasse eu ia ter que jogar fora e fazer outro”. (Cida)

“Escutava muito pouco, né? Você sabe, eles não são muito, nem sempre escutava, só falava que tava tudo bem e era só isso que tinha que fazer: evitar as mamadas com massa, e dar só o leite puro, que era importante equilibrar o peso dele. Mas ele não deixava eu explicar...eu tentava falar que ele não se satisfazia com uma mamadeira só, aí o médico falava que eu era uma criminosa, que tinha que esperar uns dez minutos, que depois o cérebro já indicava que ele já tava alimentado. Aí eu dizia, “então tá, mãe ver um menino chorando e deixar, então tá, né?” Ele não se satisfazia com uma mamadeira, era só as duas”. (Cida)

“O médico não perguntava nada, e naquela época não existia essa história de genérico, e era tudo caro mesmo. Ele não perguntou se eu tinha condições de comprar, não perguntava nada. Médico do governo fazer isso, não, não...e eu acho engraçado que o mesmo médico que atende na fundação atende no privado, e no privado eles faltam te levar no colo. Nossa, eu fico olhando, assim, não é a mesma pessoa. O cardiologista que cuidava de mim, porque quando eu detectei o problema de coração mesmo eu procurei o médico particular de imediato, aí eu corri pra o médico particular. Aí ele me examinou lá, colocou o estetoscópio e falou que eu só ia fazer uns exames, e que nós íamos descer para Goiânia porque ele tava fazendo cirurgia lá, e no Hospital de Base não tava fazendo cirurgia, porque lá tava em reforma naquela época. Aí ele disse (que) para ficar mais em conta ele ia tá quarta-feira no Hospital de Taguatinga e ia pedir os exames para eu fazer lá no Hospital de Taguatinga. E era para fazer lá na clínica só o ecocardiograma, e os outros exames deixar para fazer lá no Hospital de Taguatinga. Aí ele falou que ia estar lá, e aí já foi outra coisa, já era outra pessoa. Era o mesmo médico, mas muito diferente, lá no particular ele pega na mão da gente, puxa a cadeira, você senta, aquele lance todo, né? Quando foi lá no Hospital de Taguatinga, em pé eu tava, em pé eu fiquei. Ele disse que ia fazer só a listagem dos exames que eu precisava fazer, ele não olhou nem na minha cara, na hora que eu entrei ele falou só “tudo bem” e pronto. Mandou eu ir no guichê e pronto, e isso tinha só um dia. Foi na terça-feira à noite, e na quarta-feira ele tava lá no Hospital de Taguatinga. Ele falou para eu fazer os exames lá para não fazer tudo particular, ele que quis agilizar, porque ele viu que eu não tinha condições para tantas coisas de urgência”. (Cida)

“Na maioria do tempo, lá mesmo na Paraíba, eles mal olham na sua cara e vão logo escrevendo. Tem vezes que não sabe nem o que a pessoa falou e já vai logo escrevendo. Nunca escuta. Aqui realmente é diferente, eles escutam, botam aquele aparelho neles, olha o ouvido, a garganta. Lá na Paraíba não, aqui eles sempre escutam. Ele prescreve o que eles querem e pronto. Nunca perguntaram para mim não, eu chego lá e entro e ele vai logo dizendo o que é que a criança tem. Tem canto que ele nem escuta e já vai logo prescrevendo, já passa logo o remédio e pronto, não pergunta nada da minha vida”. (Kelly)

“Ela pergunta, ela conversa sobre tudo. A gente chega, ela primeiro faz alguma coisa no prontuário dele, pergunta como que ele é, se ele tá doente, se ele teve alguma coisa nos meses atrás. Aí ela vê como ele tá e pronto, eu levo no postinho”. (Bruna)

“Ela não pergunta se eu quero o mais barato não. Ela só pergunta se ele tem alergia a alguma coisa e só. Às vezes ela fala que tem na farmacinha do posto, mas não pergunta se eu tenho condições de comprar não. Ela só fala que às vezes pode ter genérico, porque geralmente ela só passa o sulfato ferroso e uma vez ele teve problema, e ela passou uma pomadinha, mas ela não era muito cara. E esse que ele não toma o sulfato ferroso eu falo para ela, e ela fala que tem que insistir. Mas eu não consigo dar todas as gotas que ela fala porque ele não toma. E não tem outro, são tudo o mesmo gosto”. (Bruna)

“Sim, quando eu vou no médico sim, quando ele pede para dar vitamina, ou alguma coisa assim, aí eu sempre faço. Ou ele fala para dar algum medicamento, assim, (e) eu sempre dou para ele. Geralmente sempre que ele vai ele tá normal, aí eles não passam nada. Normalmente eles só passam a vitamina mesmo, que é para todas as crianças. Nunca passou uma coisa diferente para ele não. Eu sigo as recomendações porque eu sei que ele é mais estudado, que o que ele fala é. É difícil ele falar uma coisa que ele não tá certo. Aí é para o bem dele aí eu sempre faço, aí sempre que ele fala para fazer uma coisa assim, eu sempre faço”. (Joyce)

“Geralmente eles verificam tudo, eles falam, perguntam se tá normal. Aí eu falo que tem alguma coisa acontecendo, que eu não sei se é normal. Aí ele responde se é normal ou não, e se tem que fazer alguma coisa. Aí às vezes ele mesmo pergunta, ou então a gente mesmo fala se ele não perguntar nada. Geralmente quando chega ele sempre olha as medidas, olha a boca, o peito, as costas, essas coisas. Aí se ele falar que tá normal, ele pergunta se eu vi alguma coisa de diferente, aí eu falo se tem ou não”. (Joyce)

“Ele só passa (o remédio), ou às vezes ele fala que tem no posto, ou fala se tem que comprar. Mas ele nunca pergunta se tem condições de comprar ou não o medicamento. Geralmente eles só passam mesmo. Aí as vezes quando chega na farmácia, aí o farmacêutico fala que tem outro remédio que é o genérico, que é um pouco mais barato e é igual. Mas o médico já foi logo passando”. (Joyce)

“Sim, mas às vezes não sigo. Quando eles passam antibiótico, às vezes eu não vejo necessidade. Realmente, uma vez passaram um antibiótico para a minha filha, eles nem viram o que realmente ela tinha e passaram um antibiótico, e também engordava a criança. Era um antibiótico que era para curar tipo uma alergia, e eu não dei porque eu sabia que ela ia engordar, e o médico também falou. E eu não dei porque a minha filha podia ficar obesa e

como o pai dela também já tinha conhecimento desses remédios de farmácia, aí ele falou para não dar. Mas as outras eu sigo, porque eu vejo que aquilo ali vai fazer bem para eles. Mas quando eu vejo que não vai fazer bem, que não vai fazer mal, que vai prejudicar a criança...Igual, tem criança que você acha que ela é gorda, mas ela não é gorda, ela é inchada. Quem usa principalmente aqueles medicamentos com corticoide, quem tem alergia usa muito. Nesse medicamento mesmo que ele passou para minha filha tinha”. (Nicole)

“Já teve vezes de eu, tipo, dar um chama no médico, que nem nessa da minha filha, porque ele não me escutou, ele já começou a prescrever. Algum deles escutam, mas outros não. Mas eu sempre falo quando eles fazem isso. Aí quando ele não me escuta, eu falo que ele tá aqui para trabalhar e olhe dentro dos meus olhos, e chamo ele de funcionário público. Aí alguns ficam meio irritados, mas aí eles fazem o trabalho deles, atendem normal, se não eu já trocava de médico”. (Nicole)

“Eles não perguntam se eu tenho condições não. Eles apenas quando eu falo o problema dos meus filhos, algum deles escutam, olha para mim e prescreve. Mas eles não perguntam se eu tenho condições não. Acho que eles passam o mais caro mesmo”. (Nicole)

“Sigo as recomendações, mas tudo não, porque tem uns xaropes que eles passam que não faz efeito nenhum. Mas antibiótico eu sigo. O que eu não sigo normalmente são os xaropes que são fracos, e o que eu sigo normalmente são os antibióticos e os antitérmicos. Eu sigo porque eles devem saber mais do que eu, né, o médico. E na maioria das vezes dá certo”. (Kaka)

“Ah, tem de todo tipo, tem uns que escutam, tem uns pediatras que são bons. Mas tem outros que não escutam, já prescreve, porque já sabe o que as mães falam, aí não tá nem aí. Mas eu questiono eles, eu falo, não doutor, esse antibiótico ele já tomou e não faz mais efeito não, pode passar outro (risos). Porque tem uns que o organismo já se acostumou e não faz efeito não. Uma vez eu falei para um que era água o remédio, que não dava certo não. Mas eu nunca briguei com nenhum não, se ele passar um remédio errado eu nem dou e pronto. Não discuto não”. (Kaka)

“Eu chego para consultar, e ele fala para eu falar o que o meu filho tem. Aí eu falo se tá com febre, com a garganta inflamada, se apresentou vômito ou não. Aí ele vai e prescreve, e fala “dá isso aqui”. Só explica o que ele prescreveu lá e pronto. Geralmente quem pergunta se quer

o mais barato é o cara da farmácia onde você vai comprar. Aí ele pergunta se pode ser o genérico, geralmente é mais o farmacêutico (que pergunta)”. (Kaka)

Já no que diz respeito ao contraste entre as mães que levam seus filhos para tomar vacina e consultar no dia certo e aquelas que deixam de levar o filho, foi observada uma diferença no atendimento por parte dos profissionais. As primeiras têm um atendimento melhor por cumprirem a agenda. Algumas mães inclusive mencionam uma diferença no atendimento quando as mães são mais calmas ou mais nervosas, sendo que as mais calmas têm privilégios na unidade de saúde.

“Não, porque igual eu te falei, deixei não. As vacinas dela são completas e as consultas todas eu fui. Só essas que tem uma consulta se é com onze ou doze anos que eu não fiz aí, porque eu já tava habituada a levar ela no plano, aí eu não levei. Mas não que eu não deixei ela sem consultar, mas eu não levei aqui, né, igual tava no cartãozinho. Eu vejo diferença de ter levado ela para tomar as vacinas, eles ficam felizes. E tem diferença de quem não leva, tipo, no dia. Voltando lá no parto, o pessoal fala que se você não ficar calminha, não sei o quê...e eu acho que isso dá diferença mesmo. Porque quando é uma mãe nervosa, é claro que a pessoa não tem culpa, cada pessoa tem uma reação, mas no meu caso eu mantive calma e tudo deu certo. No caso, no dia que eu ganhei a minha filha, eu acho que, não sei se é verdade, mas eu acho que praticamente ela morreu, assim, o bebê morreu também. Porque assim, a questão do parto normal eles passaram muito do tempo para fazer o parto...porque assim, você dá preferência para o parto normal, mas tudo tem um limite, ver até aonde aguenta, né? Ela tava desesperada, cada um tem seu limite. O meu é um, e o dela é outro. Então a gente não pode ficar julgando, e o médico não dá ouvidos a isso, né? Às vezes tem uma mãe mais nervosa, mais alvoroçada, aí eles pensam: “ah, vou fazer assim, né, já que ela está agindo dessa forma”. Eu já acho que é errado, é claro que tem gente que é exagerado mesmo, né? Mas não são todos os casos, aí eu acho que ela morreu, porque deixaram passar do tempo, porque ela tava nervosa. Eu tenho caso na minha família mesmo, que não é sangue meu, mas é da minha família porque é amiga minha, né, mas é de muitos anos. Assim, ela fez pré-natal, no caso dela foi lá no HFA (Hospital das Forças Armadas). Eu sei que lá eles iam fazer o parto normal dela, mas ela passou muito, e ela perdeu a bebê também. E para ela foi um trauma, né, tanto é que ela acabou mudando daqui, né, (por)que eles ficaram revoltados. E aí você vê mesmo que foi erro médico, porque forçaram tanto para ela ter um parto normal, se ela não tinha condições, aí o bebê nasceu vivo,

mas passou meia hora e ela morreu, tava toda pretinha, toda roxinha. Não resistiu porque eles forçaram muito, aí fizeram um parto normal sem ela ter condições de ter”. (Rosa)

“Quando eu levava para tomar vacina atrasado eles chamavam a minha atenção, falavam que não podia. Que, no máximo, com dois dias de atraso, que não pode passar mais do que isso. Eles falavam que iam chamar o conselho tutelar porque a criança não tava sendo bem cuidada, aí eu falava que tava sendo bem cuidada, e que eu não tava tendo era tempo de levar. Aí eles falavam que, tipo assim, se atrasasse, e se no mês que vem atrasasse de novo, ia chamar o conselho tutelar. Eu atrasava porque eu esquecia o dia. Teve uma consulta que eu perdi (por)que eu botei na minha cabeça que era dia dezoito e era dia oito, aí quando eu fui já tinha passado dez dias. Aí eles falaram que não tinha esse médico lá no dia que eu fui não”. (Nilza)

“Não falavam nada. Vacina eu nunca atrasei, só consultas que, às vezes por eu não estar em condições de não levar, não por eles, que por eles eu fazia de tudo, mas aí já tinha que perder um dia de serviço. E o pai e alguma coisa que tivesse fazendo por acaso, que não era muito de trabalhar, aí o pai ia remarcar as consultas porque eu não tinha condições de ir...e deixar as crianças com quem? Com ele? Eu não ia deixar que eu não confiava, aí no dia da consulta eu falava para o doutor que eu faltei porque eu não tinha condições de ir, aí ele não falava nada não. Eu falava que tinha faltado e pronto, eles mesmo não tomam nem conhecimento. Faltou, faltou. Morreu, morreu (risos)”. (Cida)

“Não, eles não falava nada, nunca importou não. Se levasse ou se não levasse era a mesma coisa”. (Kelly)

“Às vezes quando eu não podia ir, aí alguém levava para mim. Mas aí eu nunca deixei não. Como eu trabalho meio período, aí eles não liberam não para ir nesses lugares. Aí dependendo do horário não dá pra trocar, porque se a consulta é à tarde, eu saio de lá uma hora e chego aqui às duas e meia. Aí geralmente a consulta é uma hora. Aí geralmente a minha cunhada a ou a minha sogra levam, e eu já vou direto para o posto, aí dá tempo de chegar lá e ele ainda não consultar. Mas de todas as consultas que ele teve, eu levei. Nunca reparei, às vezes pode ser que não, mas eu já vi elas reclamando de quem faltou, mas eu não vejo com muita diferença não. Geralmente quando tem os pacientes da reposição é só quando falta algum, aí eles colocam outro no lugar. Mas eu nunca vi eles reclamando não”. (Joyce)

“Eu sempre ia para todas as consultas porque eu achava isso importante. Eles me tratavam normal, todo mundo igual. Eles elogiam pela saúde, que meu filho tava muito bem, essas coisas assim, mas não tratavam diferente não”. (Nicole)

“Já deixei de levar uma vez porque eu tinha esquecido da consulta, mas aí ela encaixou para um dia lá que dava para encaixar. Aí encaixou e eu levei, mas eles reclamam, com certeza. Eles perguntam porque esqueceu de levar o filho, essas coisas. Falam que da próxima vez não vão marcar, (por)que é muito difícil para marcar de novo. Quem leva certinho tem um tratamento diferente. A mãe que não leva, que faltam, que dá vacina atrasada, eles falam firme mesmo. Eles perguntam porque não levou. Mas agora quando leva certinho, eles conhecem até a cara da mulher, te tratam de outro jeito”. (Kaka)

Sobre as redes de atenção hospitalar pôde-se observar interações contraditórias, pois apesar das entrevistadas relatarem dificuldades na rede de saúde pública, foram relatados fatores positivos no SUS. Também foi detectada uma diferença entre o atendimento no médico da clínica particular e do hospital público, pois apesar de ser frisado que o atendimento particular é mais rápido, a entrevistada Nicole afirmou que o SUS tem mais recursos e equipamentos.

“Tem diferença, no público nunca mais eu precisei, faz muitos anos. Aí eu falo assim, aí agora a gente vê essa questão aí que a saúde tá uma negação mesmo. Aí a gente pede a Deus para não precisar ir, porque você enfrenta filas, e às vezes não consegue ser atendido e ainda é humilhado. E às vezes tem médico lá dentro que você vê que ele não tá nem aí pra o ser humano, não percebe que ele também é um ser humano e tem suas limitações, e não tá nem aí, e fica lá dentro. Igual uma reportagem que eu vi um dia, que o hospital cheio de gente e o médico lá dentro dando um cochilinho. E outros que vão e assinam o ponto, e vai e voltam para atender numa clínica particular, né? E o amor pela profissão, onde que fica? É revoltante, eu acho que é diferente o atendimento sim, porque no público eles pensam assim: “meu salário tá certo, vai entrar no final do mês”. Infelizmente é assim, eles pensam assim. Aí é quando eu falo que não tá nem aí pela profissão, é só pelo dinheiro. E no privado, se ele atender bem, vai ficar; se não atender, aí o dono da clínica não vai ficar com ele. Aí ele vai ter que sair de lá, mas nesse caso eu acho que é quando a pessoa não faz por amor, sei lá”. (Rosa)

“No SUS, porque eu não consegui colocar ele no plano de saúde da minha mãe. Ter pode até ter diferença, mas eu acho que no público é melhor. Eu pelo menos gosto muito do posto que eu levo ele, o atendimento é melhor. No público a gente espera um pouco pra ser atendido, mas eu acho que o tratamento é bem melhor do que se fosse no privado. Eles dão mais atenção. No público eles têm um maior cuidado com as crianças. Porque a gente tem que passar na triagem para pesar, medir a circunferência da cabeça para ver como é que tá, ver o tamanho dele. E eu acho que no privado não tem essa diferenciação, é mais visando só mais um paciente ali. Na médica que eu consulto ele sempre, desde que ele nasceu, ela é muito prestativa. Tanto é que as consultas dela demoram muito mais tempo, é uns 40 minutos mais ou menos. Ela vê tudo. No privado era mais rápido as consultas, eram prestativos também”. (Bruna)

“Igual eu te falei agora, eu nunca mais levei ela no público, e eu rezo a Deus para não precisar levar. Porque, assim, eu vejo que as pessoas vão e não conseguem ser atendidas, porque elas são mal tratadas. As pessoas não tão nem aí. Começa mesmo pela recepção, aí a gente tem até medo de ir no público”. (Rosa)

“Eu levo ele mais no SUS porque eu acho o SUS mais completo. Quando tem médico, né? Porque, por exemplo, igual uma vez que ele precisou, ele caiu, né? Aí teve que levar ponto. Então eu levei pelo SUS e eles foram bater um raio X, até dar ponto. Aí teve uma vez que ele cortou o pé, aí teve que levar ponto também. Vai já dizer que o menino parece o Frankenstein, (risos). Aí teve que levar ponto, aí eu levei ele lá no Hospital das Clínicas, aí foi direto levar os pontos, não tirou raio X, nem nada, para saber se tinha quebrado alguma coisa. Então eu acho que o atendimento no SUS é melhor em termo disso”. (Nilza)

“A diferença do público é só a demora, porque o privado é mais rápido. Mas a diferença do público é que, quando pega um médico bom, ele te examina e tudo. E a maioria dos privados eles mal olham na sua cara. Eles falam o que você tem e vai logo escrevendo, vai tipografando. Dependendo do médico, o do público é melhor do que do privado. Mas eu acho que tem médico bom e ruim nos dois. Mas ultimamente eu ando tendo tanta sorte no SUS, mais que no privado. Igual, eu tô com uma consulta no ginecologista que eu tô para matar ele, no privado, ele nem olha na sua cara. Eu não sei como é que vai ser a minha prevenção, semana que vem eu vou pegar o resultado porque eu acho que esse homem não pegou a minha prevenção direito não. Já no SUS, né, eu já peguei médico melhor. Aqui no postinho a médica é ótima, ela tira todas

as suas dúvidas. O médico que eu peguei no privado, meu Deus, tudo para ele é “normal, normal, normal”!” (Nilza)

“Sempre do governo, por causa de condições financeira que não tinha, a não ser uma coisa grave que não tinha jeito como aconteceu. Mas, assim, no particular não resolvia nada, só detectava que menino tava morrendo, mas tinha que levar no outro”. (Cida)

“Eu acho que todos os médicos são a mesma coisa. O que eles fazem é que as consultas no hospital do governo são só para ter, como é que fala, correndo atrás dos recessos. Os médicos ganham dinheiro mesmo é no particular, só fica atrás dos recessos, se ganham bem ou se ganham mal, não ninguém ganha bem, por que eles têm que ganhar? Eu trabalho aqui e acho que não ganho como eu deveria ganhar. Tá todo mundo reclamando, a diferença é que tem estabilidade, é do governo, faz parte do quadro do governo, tem estabilidade, a regalia dos recessos...e no particular eles trabalham de domingo a domingo, então para eles tanto faz, já passou mesmo no concurso, tem que segurar”. (Cida)

“Eu levo mais no SUS, porque no privado as condições não dá. Eu mesmo que trabalho pago aluguel, as condições nunca dá para levar. Quando eu levo no privado é alguém que arrumou para mim de graça. Como os meninos têm glaucoma né, aí a menina conseguiu um encaixe para mim no privado, mas não foi eu pagando, foi consciência deles de ver que eu não tenho condições, e foram os médicos mesmo que quiseram atender. Agora mesmo fazem três meses que eles são acompanhados no privado, mas se fosse para eu pagar não tinha com o quê, porque eu não tenho condições. Foi a menina que viu eles, o jeito deles, ela trabalha lá como secretária e perguntou se eu não queria, porque qualquer um que trabalha lá pode encaixar. Aí ela perguntou se eu não poderia, se eu gostaria, aí eu disse que sim”. (Kelly)

“No privado é sempre melhor. No privado sempre eles dão mais atenção para você, eles olham mais direitinho, mesmo sendo encaixe, (por)que eles atendem porque querem, por vontade deles. É totalmente diferente, porque no público você passa dia e noite esperando, e lá não, eles atendem, eles conversam, explicam tudo direitinho. Lá no privado é bem melhor”. (Kelly)

“Eu levo ele mais no SUS mesmo. Ele tava com o convênio da vó dele, mas como é do servidor público, quando usa muito não consegue. No dia que ele deslocou o braço aí a minha sogra levou ele, mas como a bisavó dele tinha feito uns exames recentes, ele teve que ir para o da

Ceilândia mesmo. Mas até que foi rápido, foi super atencioso. Aí depois que eu entrei, o médico olhou, pediu para eu esperar lá fora, aí quando eu voltei o médico já tinha voltado o bracinho dele para o lugar. Aí foi até rápido, não demorou”. (Joyce)

“Depende né, porque depende da pessoa. Porque às vezes no particular também não tão nem aí, e às vezes no público também, mas depende da pessoa, depende do humor. Às vezes você chega lá e a pessoa atende bem, aí às vezes já atende com ignorância, essas coisas assim. Eu acho que não há tanta diferença não, depende do profissional, tanto que a maioria que trabalha no posto trabalha no hospital particular também”. (Joyce)

“Eu levo agora eles para o privado quando é tipo gripe forte e tudo. Eu levo no privado porque eu tenho plano. Eu levo no privado porque é mais rápido o atendimento, porque uma vez eu fui, e eu tinha até perdido o meu cartão, e eu não sabia como funcionava, (se) podia ser atendido sem ter o cartão. Aí eu levei no público e fiquei cinco horas dentro do hospital da Ceilândia para ser atendida. Aí eu sempre levo no privado porque é mais rápido. É mais por rapidez mesmo, porque é tudo sempre a mesma coisa”. (Nicole)

“Eu vou falar que alguns têm diferença, porque no privado o médico olha assim para você porque você tá pagando aquilo ali. Alguns médicos são assim, não vou falar para você que são todos, é variado isso. É igual eu te falei, varia, tem uns que amam o trabalho deles, essas pessoas que amam o trabalho deles, tratam as pessoas normais, escutam. Varia”. (Nicole)

“Levo mais para o SUS, porque é a mesma coisa: hospital público e hospital particular. E hoje em dia, o particular demora o mesmo tanto de tempo para atender que o hospital público, e esses dias eu tava me questionando que o hospital público tem mais condições de atender uma criança que o hospital particular. Tem mais recursos para atender uma criança, tem muito mais suporte que o hospital particular. E o mesmo médico que trabalha no hospital público trabalha no hospital particular, porque olha só: o médico que trabalha lá no hospital que eu trabalho, ele trabalha aqui no posto, entendeu? Então não tem porque eu levar ele lá no hospital particular, pagar outra consulta, se eu tenho o mesmo atendimento aqui no público, de graça. Eu acho que tem diferença no atendimento do público e privado, porque, assim, no particular, como você tá pagando, ele tem que tá lá o médico, ele tem que cumprir a carga horária lá. Agora aqui, o médico marcar todas as gestantes tudo para mesma hora, aí ele chega e sai atendendo voado...um atrás do outro para ir embora logo. Então a consulta aqui é muito

mais rápida, se você não perguntar, ele não questiona nada. Então a consulta aqui é muito mais rápida que o particular". (Kaka)

Portanto, analisando todos os relatos a cima, é notória a importância da escuta e do vínculo dos profissionais da saúde perante as famílias, principalmente no que diz respeito ao vínculo com a mãe, pois ela conhece os seus entes em suas totalidades e já tem o norte pré-estabelecido do que deve ser seguido ou não.

Lembrando que no estudo de Rabelo et al (2011) foi ressaltado a importância da comunicação verbal e não-verbal com as mães, para que exista a compreensão dos significados, angústias e crenças que cada uma tem. O objetivo, assim, seria adequar o cuidado às reais necessidades, incluindo a experiência das mães como cuidadoras.

6.6 POLÍTICAS E PROGRAMAS

Em contextos populares, as mulheres mal sabem sobre os seus direitos de parto humanizado, e para algumas não existe diferença se o filho é levado para tomar os devidos cuidados ou se são colocados em seu colo, logo após o nascimento (CRUZ, SUMAM e SPINDOLA, 2007). Assim, esse é um dos nortes para entender o motivo pelo qual as entrevistadas a seguir relataram não saber ou “terem escutado falar” a respeito dos programas destinados a elas.

O Portal da Saúde do Ministério da Saúde (2016), visando a promoção da saúde, construiu a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Contudo, as entrevistadas abaixo pouco sabiam falar da existência dos programas de governo. E, quando conheciam algum, não sabiam especificar o nome do programa, apenas sabiam que existiam porque “já escutaram falar”. De fato, existe pouca informação de como se cadastrar, como participar do programa, como ele funciona, ou quem tem direito. Lembrando que apenas uma das entrevistas tinha conhecimento e já foi atendida pela Estratégia de Saúde da Família.

“Conheço, vejo falar do Bolsa Família, tem outros, né? Eu conheço pessoas que têm, mas assim, eu nunca fui atrás não...porque assim, você ir atrás também é uma burocracia imensa, aí você já perde a paciência também. Eu sei que tem o Bolsa Família, eu vejo falando de tanto vale aí, né? Bolsa Família, vale não sei o quê...aí tem o do estudante, né, que eu não sei qual é o nome do programa. Mas eu sei que tem, né, que quando as crianças voltam às aulas elas tem um valor “X” para pegar. É um benefício desses, né? Mas para falar a verdade eu não sei

quais que tem não. Se você me perguntar quais os meus direitos, eu nem sei os que tem, quais são os direitos que eu tenho para a minha família, desses aí tipo bolsa família, esses assim”.
(Rosa)

“Só quando a mulher tá grávida e ela tem carteira fichada, eu acho que é auxílio maternidade, é alguma coisa assim, mas é só três meses. Mas ela já deveria ter trabalhado antes com carteira assinada, parece que mesmo que ela já tenha saído do emprego (ela) pode receber, mas eu não sei o prazo. Fora esse conheço o Bolsa Família. A pessoa tem que ter num sei quantos filhos e a pessoa deve receber um salário mínimo, eu acho. Mas também não é lá essas coisas não, é uma ajudinha”. (Bruna)

“Mais só o Bolsa Família mesmo, sei mais ou menos como funciona, que dependendo da renda consegue pegar. Mas eu nunca fui atrás não, aí eu não sei. Conheço mais só o Bolsa Família, como quando eu ganhei ele eu não tava recebendo o da empresa, aí eu fui atrás de um que fala que quando a criança nasce, recebe duzentos reais. Só que nunca me ligaram, porque como a minha carteira tava fichada mas eu não tava trabalhando, deve ser por isso que eu não recebi. Mas aí eu fiz o cadastro dele, levei os documentos tudinho e nunca me ligaram. E ele já vai fazer dois anos, provavelmente eu não recebe mais. Mas de programa social eu só conheço o Bolsa Família mesmo. Creche eu sei, mas aqui mesmo não tem, é mais na Ceilândia. Aqui tem um, é o Cantinho do Girassol, mas eu não sei se lá é paga. Mas lá também é bem complicada de conseguir, tem muita gente que fica na espera, e eu acho que aqui também tem a Boa Árvore que é, mas tem que fazer um cadastro e entrar em uma fila de espera. Mas essas creches novas do governo mesmo aqui na M Norte não tem, tem mais na Ceilândia. E em Taguatinga eu nem sei onde é que tem. E outro benefício assim do governo eu não sei se tem não”. (Joyce)

“Eu conheço o tal do Bolsa Família, creche pública eu conheço, eu conheci pela propaganda na TV, mas eu nunca fui atrás. Porque eu via pelo termo que para participar tinha que ganhar menos que um salário mínimo, tinha que morar em terreno baldio, e tudo isso. Então eu nunca me escrevi, e eu já vi que meus parentes aqui na M Norte mesmo já tentaram se escrever, e não conseguiram. E pelo meu salário eles nunca iam deixar. E a creche fiquei conhecendo pelos amigos, tinha que fazer o cadastro, aí eu fui atrás. Só que a creche eles ficam com a criança só até cinco e meia, e na creche que eles ficam eles podem ficar até sete. Eles não ficam até sete, mas eles podem ficar até sete da noite. E na creche pública se você ficar atrasando já perde a vaga, já perde a vaga da criança. Então é pouco tempo, para mim é muito pouco tempo,

não é muito integral, entendeu? Então para mim nunca compensou a creche do governo. Só conheço esses mesmo”. (Nicole)

“Não, eu já tentei fazer a inscrição deles, mas é muito burocrático, muito papel, aí era muita coisa, muito papel, e eu tinha acabado de ganhar bebê. Tinha que ir no Centro de Referência de Atenção Social (CRAS), eu não sei o nome do programa. Aí acabou que eu desisti pela burocracia, eu acho que era o Bolsa Família, não conheço mais nenhum, só esse”. (Kaka)

“Conhecer eu conheço um monte né, ter é que eu não tenho nenhum. Tem o Bolsa Família, num sei o que vale gás, que a vizinha aqui tem tudo isso, né, tem o bolsa material...ah, só esses que eu conheço de benefício”. (Nilza)

“Não conheço o ESF, eu vejo isso aí funcionar quando eu viajo para o nordeste. (Por)que uma vez por ano eu visito a minha mãe, lá tem isso. A “dindinha” mesmo quando tá lá, tem alguém que acompanha ela lá, por mês. Do jeito deles, mas atende, né? Não sei se isso funciona aqui, talvez falta informação, né? Eles tarem divulgando, né?” (Rosa)

“Eu conheço só o Bolsa Família. Fiquei sabendo lá no Nordeste. Passam os agentes de saúde explicando que você tem direito de fazer, e fazem o cadastro da gente, e leva pra a prefeitura. E quando vem o cadastro da gente a gente começa a receber. Eu conheci assim, mas infelizmente eu não tiro mais porque, como os meninos estudam aqui, lá eles cortam. Mas é a única coisa que eu conheço, por causa disso mesmo”. (Kelly)

“Não sou atendida pelo ESF, mas aqui no postinho acho que tem. Eu conheci lá no posto de boato, mas não sei como funciona”. (Nilza)

“Não, e nem conheço o ESF”. (Bruna)

“Eu já ouvi falar desse programa, mas eu não sou atendida não. Nunca tive conhecimento não, não sei como é que funciona não”. (Joyce)

“Não conheço a Estratégia de Saúde da Família, não, nem lá no Nordeste não vi”. (Kelly)

“O que é Estratégia de Saúde da Família? Não sou atendida e nem conheço o programa”.
(Cida)

“Não conheço, mas já ouvi falar, nunca foi atendida por ele. Na verdade eu nunca paro em casa, uma colega minha que já falou deles bateram na porta. Eu já vi até no Fantástico eles falarem disso, mas eles foram lá para a banda da Estrutural esses médicos. Para cá eu não fiquei sabendo não”. (Nicole)

“A gente participava quando a gente morava aqui na M Norte. Tinha um médico que vinha toda semana aqui em casa, ela vinha aqui e perguntava se queria marcar alguma consulta, se tinha alguém doente, se queria marcar prevenção, essas coisas assim. E como o meu pai era doente, acamado, elas vinham bastante. Toda semana eles tavam aqui, a médica e as enfermeiras lá do posto. Toda semana elas tavam aqui, perguntava se tava precisando de alguma medicação, se tava precisando de fazer exames, de alguma consulta, essas coisas. Dependia do estado do meu pai, aí quem podia ir, a consulta era no posto”. (Kaka)

“Não utilizo nenhuma outra coisa sem ser o médico, e nem conheço”. (Rosa)

“Não, e nem conheço nenhuma. Eu acho que se tiver alguma coisa no posto é só para idosos, não é não?” (Bruna)

“Só uso as raízes que a minha mãe me ensinou. Homeopatia é muito caro, se não fosse tão caro eu preferiria, porque é mais natural. Porque esses remédios são muita droga, a gente vicia. É igual ao Dorflex, eu tô viciadinha...não posso sentir uma dorzinha que tô no Dorflex. Não posso sentir uma dorzinha que tô no Torsilax. Vicia isso”. (Nilza)

“Não, num acompanho não. Eu conheço mas nunca fiz não. Conheço só a ioga que eu fui uma vez lá e vi as pessoas fazendo lá no centro de saúde. Mas eu não procurei saber como era não”.
(Kelly)

“Não, o que eu usei do governo mesmo que eu te falo foi essa questão aí do pré-natal, mas outra coisa eu nunca tive não”. (Rosa)

“Não recebo nada do governo de benefício e nunca utilizei nenhum, só o da creche que ele tá na fila”. (Nilza)

“Não, também não sabia que tinha, porque geralmente essas coisas eles nunca falam que tem. Você que tem que ir atrás ou só sabe por outra pessoa. Porque geralmente no posto eles nunca dão essas informações assim”. (Joyce)

“Não utilizo nenhuma e nunca ouvi falar”. (Nicole)

“Não conheço nenhuma não, nem sabia que tinha”. (Kaka)

“Não utilizei creche pública, mas eu sei que tem algumas por aí, e também não são fáceis, né, as vagas. Eu nunca fui atrás, mas eu acho que a creche faz parte, é bom para a criança, ela desde de pequena. A mãe precisa trabalhar, né, e deixar a criança. Mas na minha época eu não me dei conta disso, de deixar ela na creche. E porque também a creche tem a questão de você ser um pobre que não tem nem um carço de feijão para conseguir colocar seu filho lá, aí você tem que provar e é muita burocracia. E também o que eu vejo é questão de indicação, você trabalha lá, e vai, e consegue vaga para alguém. Aí às vezes a pessoa nem precisa. Igual, tem outras que precisam mais de ter o filho lá e não consegue. Aí a pessoa que não precisa muito tem o filho lá, e uma que realmente precisa não consegue colocar o filho lá. E isso aí realmente é muito falho”. (Rosa)

“Não uso a creche, mas eu sei que tem. Mas eu prefiro ele aqui em casa, pelo menos até atingir a idade escolar, porque eu fico mais perto dele. Eu acho que ia mudar a rotina dele totalmente”. (Bruna)

“Não, nunca usei a creche pública, porque a princípio eu ainda não precisei. Porque como ele fica com a tia dele, eu acho melhor, né? Porque aí ele fica praticamente em casa, e na creche já é um pouco complicado. E como o meu horário é um mês de manhã e outro à tarde, aí as creches fica mais complicado para mim. Porque se é à tarde, aí tem que pagar alguém para pegar ele, porque o pai dele também não sai cedo. Geralmente nas creches é até cinco e meia, e eu saio às sete horas. Aí ia ter que pagar outra pessoa para pegar ele, essas coisas. Aí por isso que eu ainda não procurei, mas eu tô pensando em ver se eu arrumo uma para ele no final do ano ou no começo do ano que vem. Mas aí eu vou ter que ver essa questão. Mas aí quando

eu tô de manhã é mais fácil, porque o pai dele pode levar ele e eu posso buscar, porque eu chego umas duas e meia. Mas quando eu tiver à tarde, aí para mim já é mais complicado”.
(Joyce)

“Não uso a creche pública não”. (Nicole)

“Já utilizei a creche quando os meninos tavam novinho, quando eles tinham uns três meses, aí eu utilizei da creche pública. Foi assim: eu fiz a inscrição deles e fui no conselho tutelar para eles me darem uma declaração falando que eu precisava muito. Aí eu levei lá na Regional de Ensino, aí eles aumentaram a minha pontuação. Aí depois de uma semana eu consegui, até que foi rápido. Eu gostava, era bom, era integral. Eles entravam de sete e meia às cinco e meia. A alimentação eles davam, nunca faltou nada, tinha nutricionista, tinha tudo, lá não tem médico”.
(Kaka)

“Não, porque eu não consegui vaga na creche. Eu fui no CRAS, aí faz a inscrição. Aí depois vem a assistente social para saber se você pode. Aí depois vai procurar a vaga na redondeza, aí não tinha nem em Taguatinga nem em Ceilândia. Aí tô esperando até hoje. Já tem dois anos, o meu filho tinha um ano na época”. (Nilza)

“Creche nunca utilizei, mas eu sabia que tinha”. (Kelly)

“Eu conheço só a aposentadoria no caso do INSS e do LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), e a minha filha tem aquele negócio do Bolsa Família. Mas nunca fui atrás, porque ela foi informada que se ela tivesse o Bolsa Família ela não aposenta, porque já tem um benefício. Então a gente tá tentando, a gente tá marcado para o dia dezenove de dezembro para tentar a aposentadoria. O Bolsa Família é o quê? Cento e poucos reais, duzentos reais...então a gente tá esperando a aposentadoria. Fora esses não conheço mais nenhum”. (Cida)

“Não recebo nada. Se eu utilizo algum programa do governo? Também não”. (Bruna)

“Não, nadinha. Vou tentar em dezembro agora de novo, (por)que às vezes que eu já tentei não consegui. Agora não é a aposentadoria, porque LOAS é só um benefício, é um auxílio doença. Aí parece que quando eu completar os sessenta e cinco, aí parece que eles jogam para a aposentadoria, mas só com sessenta e cinco que eles vão me jogar para a aposentadoria. Por

enquanto se eu conseguir é só pelo LOAS. Mas eu fiz sessenta e quatro agora em junho e tá marcado para dezembro. Então vai faltar só seis meses, então pode ser que eles me beneficiem agora com o LOAS. Mas para mim tá bom, já de bom tamanho, e a minha filha quem sabe Deus abençoa. Porque minha filha, o cara que mora com ela, dá licença...essas crianças só não passam fome por causa da gente, ele trabalha todo dia, mas é como ele diz, que se ele pudesse nem ele comia, é só guardando o dinheiro. Pra quê eu não sei, ele quer largar dela e quer sair bem daqui enquanto não paga aluguel, tá só guardando, e não paga nem conta de água, nem luz. Quem paga sou eu a parte dele, eu tô boquiaberta com essa situação. Porque é duzentos e quarenta para cada um. É duzentos e quarenta para eles lá em cima, e duzentos e quarenta para a gente aqui embaixo. Aí dividi cento e vinte para mim e cento e vinte para ele. Eles lá em cima pagam duzentos e quarenta porque eles não fazem economia de nada. Eles lavam carro e eu não tenho carro. Aí era para eu pagar metade e ele metade aqui debaixo, mas ele não paga, aí eu tenho que pagar sozinha. Aí não sobra nada, tá difícil. Deus me abençoa que eu consigo sem. Olha, o meu filho mais novo me ajuda, mas ele anda tão apertado que ele me liga perguntando se eu preciso de alguma coisa e eu digo que não. Eu fico comprando de picadinho para não mexer com ele. Ele trabalha com vendas, e as lojas não tão essas coisas, o que ele ganha melhor é a comissão, mas as lojas não tão vendendo nada, aí como é que eu vou ficar pedindo as coisas para ele? Aí o que faço? Às vezes ele abre o armário e fala que não tem nada, aí eu digo para ele que como que não tem nada, que o indispensável tá lá. Aí ele fala para eu parar. Aí ele vai lá, sai caladinho e traz as coisas. Agora eu falar para ele trazer as coisas, ah, isso eu não faço. Eu não faço porque se eu não puder dar, tirar que eu não quero tirar de nenhum. Eu sou muito esquisita nesse sentido, muito. O que mora aqui comigo lá em cima não ajuda em nada porque ele também está desempregado e tá trabalhando no carro do pai sexta, sábado e domingo dia e noite para poder sustentar a família. (Por)que a mulher dele também tá desempregada e não tem como ele me ajudar em nada não. Mas nem se pudesse, eu não queria não, não é a mesma coisa do outro não, eu fico na minha, não peço nada. E o meu ex marido às vezes chega aqui, aí eu digo para ele buscar umas frutas, umas verduras, aí ele pega e vai. Ontem ele saiu daqui prometendo que ia trazer umas coisas, mas vamos ver se vai, que ele disse que no meio da semana ia fazer umas compras para mim. Eu nem sei se ele casou de novo, nem procuro saber não, eu só sei que homem safado, né, ele chega aqui o maior carinho comigo...é beijinho para cá, beijinho para lá, eu não dou moral não. Ontem mesmo ele ficou aqui até uma hora da manhã porque ele ficou esperando o meu filho mais velho chegar com o carro. Porque no domingo à noite ele pega, aí enquanto ele ficou aqui, eu fiquei aqui costurando. Não dou mole para ele não, passou, já foi. Mas ele, assim, me deu muita assistência

durante a cirurgia. Não deixou faltar nada, inclusive pagou pessoa para ficar aqui comigo cuidando de mim, porque eu não ia no banheiro, né? Tinha que me ajudar a deitar, me ajudar a levantar. Nossa, graças a Deus passou essa fase”. (Cida)

“Meus meninos, os dois mais velhos recebem o amparo que é do INSS, que não é tipo assim do governo, é só o amparo mesmo que eles recebem todo mês. Um salário por modo da deficiência que eles têm, para comprar o remédio, o colírio, (por)que nem o Bolsa Família eu não recebo mais não”. (Kelly)

“Não, eu não. Eu recebia quando meu avô era vivo, mas do meu filho eu tentei e não consegui esses que eles falaram que quando ganha bebê recebe um dinheiro. Eles não me deram. Eu recebia o Bolsa Família e o Renda Minha quando o meu avô era vivo, mas eu não lembro certo. Mas depois a gente não recebeu mais”. (Joyce)

“Como eu te falei, não (recebo benefícios do governo). Do Bolsa Família uma vez eu fui ver e tudo, mas por causa do meu salário, eles pedem a carteira. Mas eles não aceitam, até eu falando que moro de aluguel e tudo, eles não aceitam. Eu falando que moro de aluguel e tudo, eles não aceitam, eu acho isso um absurdo. Eu não utilizo nada do governo”. (Nicole)

“Não, e nunca recebi nenhum, e nem sou beneficiada por nenhum”. (Kaka)

Quando perguntadas a respeito do que o governo poderia fazer com relação à criação ou melhoria de novos programas, todas entrevistadas relataram que a saúde e educação deveria ser melhorada, por estar “cada vez pior”. Muitas observaram a importância da existência de mais creches para auxiliarem as mães chefe de família que saem para trabalhar e que não têm com quem deixar seus filhos.

Na atualidade, as políticas de saúde visam à ampliação da assistência à saúde da criança. Ou seja, é descartada a ideia de que apenas o biomédico é necessário, pois a família também é importante no cuidado da criança a fim de que ela tenha o cuidado pleno. De fato, isso pode diminuir a mortalidade infantil e agravos de saúde da criança, sendo adotado métodos de cuidados que se encaixam em diferentes culturas, crenças e ordens de cuidado da família brasileira (FURTADO et al, 2013).

Portanto, vale salientar a importância da criação de políticas públicas de saúde no que diz respeito aos cuidados terapêuticos populares. As famílias, principalmente da camada

popular, são detentoras de saberes e práticas que norteiam as suas formas de cuidado que não são observadas pelo saber médico científico. Da mesma forma, devem ser criadas políticas de saúde que abordem a desigualdade de gênero (GUTIERREZ e MINAYO, 2010).

Assim, no que concerne a importância que o governo tem em disponibilizar recursos para promover benefícios na saúde de mulheres que são acometidas por mais agravos de saúde, foi relatado pelas entrevistadas que elas se preocupam mais com seus entes. Isso também gera danos à saúde da mulher, pois ela tem menos tempo de cuidar-se. Portanto, a mãe é considerada a promotora de saúde da família, sendo responsável por dar assistência aos seus filhos sobre qualquer cuidado que ele precise (FREITAS, BARROS e GALVÃO, 2013).

O destaque nas falas sobre a criação de creches públicas levanta a questão das múltiplas jornadas de trabalho. A mãe exerce uma atividade externa e precisa deixar os seus filhos em casa. Assim, a criação de mais creches pode dar mais segurança e alívio para as mulheres na hora de irem para o trabalho. Nos relatos, a saúde e a educação foram fatores marcantes a serem melhorados.

“Ah, tantas coisas, né, sei lá, né...eu acho que muita mãe tem vontade de trabalhar e outras trabalham e, muitas vezes, o dinheiro só dá para pagar uma pessoa para ficar com o filho dela. Eu acho que deveria ter mais creches e mais pessoas para poder cuidar do filho dela, ter mais opções para a mãe poder sair de casa e deixar o filho tranquilo. Outros mais, acho que são muitos, questões de saúde, mais cuidados assim, com as mulheres, as carentes, principalmente, que não têm condições de tá acompanhando. Porque, por exemplo, eu tive a sorte de ter plano antes, porque agora eu não tenho plano. Aí igual eu tava te falando: eu tenho vontade de ir ao médico, aí a gente fica pensando...a gente vai ali, consegue pegar uma senha e marca consulta. Mas até chegar o dia da consulta, demora. Aí você vai lá consultar, aí ele pede os exames, aí se você não tem o dinheiro para fazer os exames e vai fazer no público, aí demora demais. Isso aí deveria ser diferente, né? É por isso que tantas mulheres adoecem mais do que os homens, né? Não que eles também não precisem, né? Mas ver de forma diferente, a questão da mulher e da criança e da educação também. As mulheres adoecem mais porque é lógico mesmo da vida, né? Os homens são guerreiros também, mas a mulher é diferente, a mulher pensa muito nos outros. Igual as mães: elas pensam muito nos filhos, né? Se preocupam mais com isso, e vai esquecendo o lado delas, de que tem que ir uma vez por ano ao médico, que tem que fazer aqueles exames todos, né, de mama principalmente. Tantas que morrem aí, aí quando vão ver já estão nas últimas, porque quando chega lá também na rede pública não tem o que é necessário. A educação eu já falei, né, enquanto não mudar a educação não vai ser diferente.

Mas tem muitos aí, eu falei da creche, né, são muitas coisas assim, né, na verdade, que precisa, mas os principais são saúde e educação, que eles inventassem algum meio de ver as pessoas de forma diferente. Ver as pessoas de forma diferente, não tratar as pessoas igual eles tratam aí na rede pública. Porque sempre foi assim, né, mas cada dia que passa tá pior”. (Rosa)

“Ah, menina, acho que o governo tinha que investir mais na saúde, na educação. (Por)que o povo fala assim que fiz tal creche, mas a creche tá faltando comida, tá faltando material, tá faltando chuveiro. Igual, tem uma creche aqui que tá faltando chuveiro, então tudo isso tem que fazer benefício. Eles preferem pagar planta para enfeitar o plano. Igual dessa de os médicos ir nas casas. Eu acho que tinha que ser melhor, porque quase ninguém sabe, não tem médico nem nos hospitais, né, imagine nas casas. Eu acho que, assim, lá no Maranhão de vez em quando tinha, né? Aqui nem tanto, mas no Nordeste eu acho que tem mais coisas. O governo oferece cursos nas escolas, né? De pintura, de crochê, de artesanato em si. E é mais divulgado que aqui na capital, porque aqui tem, só que ninguém divulga. Tem reforço que é pelo público também. E assim, eu acho que tudo isso que tem lá, que é desvalorizado lá pelo Nordeste, deveria investir lá e aqui também. Porque já que não tem muito capital, poderia investir aqui também para tirar também esse bocado de menino da rua. E para as mulheres deveria colocar ginástica (risos), curso de estética, de cabeleireira, né, com a creche lá...tendo a creche para deixar os meninos, porque se não eles não deixa a gente fazer nada, essas coisas. E para a criança deveria ter melhoria nas creches, e mais creches, porque (passaram) dois anos e eu (ainda) tô na fila”. (Nilza)

“Ah esse programa de “médico na sua casa” foi falado. Foi falado, mas eu não sei se alguém recebe um médico em casa para te examinar, para poder falar. Eu não entendo, não sei se alguém é atendido. Eu vi falar na televisão desse programa do médico ir na sua casa, e eu acho que a consulta ia ser melhor, porque ele ia conhecer o ambiente que você vive, as suas necessidades...e aí ia ajudar muito, porque, por exemplo, o médico que vem me atender e eu digo que hoje não tem nem o que comer, aí ele vai chegar lá e comunicar isso para a assistente social. Aí a assistente social ia vir e o governo ia tá ali te garantindo uma cesta básica, pelo menos, até você se recuperar e ter condições de trabalho. Eu acho que ia ajudar muito nesse sentido, eu acho que não é para sempre (que) essa mulher tá doente, tá precisando, tá faltando o alimento principal para ela. Além de tá doente, tá faltando o indispensável, aí chegando lá o médico fala, e vem uma pessoa fazer a verificação, e ver o tamanho da sua necessidade. Aí o governo entraria com uma cesta básica até você se recuperar. Eu acho que é muito importante.

Se eu não tivesse o marido que tenho, apesar de não prestar me dá toda a assistência. Se eu adoecer, ele deixa de pagar as contas e não deixa faltar nada aqui, e o meu filho mais novo é a mesma coisa. Mas se eu não tivesse essas duas pessoas eu tinha passado muita fome aqui, porque foram seis meses depois que eu fiz cirurgia, eu fiquei cinco meses sem vir na máquina. Com seis meses eu já tinha um mês trabalhando aqui, eu teria passado muita necessidade sem ajuda de forma nenhuma...é porque nessas horas ele chega". (Cida)

"Então, ano passado eu tentei a creche para os meus netos, mas eu internei e não fui lá ver se eles tinham sido agraciado com as vagas lá. Mas eu acredito que foi, e eles colocaram outras pessoas, porque como eu expliquei que a minha filha tem problemas mentais e eu não tinha condições de cuidar das crianças. Eu usava a cinta, antigamente eu usava a cinta aqui por cima da roupa, aí eu não tinha condições de cuidar das crianças. Ela tem problema mentais a mãe deles, aí eu tava internada e não pude ir atrás. Mas eu acho que ela conseguiu sim essas vagas em Taguatinga e eu tô precisando colocar o mais novo na creche, porque até agora eu não sei mais o que fazer, porque colocar ele agora na escola ele vai ficar muito perdido junta a essas crianças porque ele tem problema. Você não viu ele? Ele é igual a mãe dele, ela tem retardamento e é bipolar, então não é confiável as crianças com ela. Eu tava no hospital, mas meu Deus do céu, todo dia meu filho mais novo ligava, o pai dela ligava, e eu tava confiante que o meu filho que mora lá em cima [no lote tem três casas: a filha mora embaixo e o filho em cima] tava de olho. Mas para ele tanto faz se morrer amanhã ou hoje, tanto faz. Mas só Deus sabe como eu tava lá no hospital por causa dessas crianças...com medo dela ter uma crise e fazer alguma coisa com as crianças. Porque quando vem as crises, meu Deus do céu, ai ai". (Cida)

"Minha filha, olha, na hora da doença a gente precisa de tudo, porque você estando com saúde é uma história, agora você estando impossibilitada de trabalhar de lá (do hospital)... dependendo das minhas condições que eu tava lá no hospital de uma cirurgia de coração, da minha coluna, todo mundo andava lá no hospital, menos eu. Eu não tinha condições de andar porque, por ficar deitada, me atacou o nervo ciático, e eu andava só com a perna direita. A esquerda eu puxava. E eu acho que, igual...a assistente social foi lá e perguntou se eu já era assegurada do governo. E eu disse que não. Ela disse que eu poderia ir com a minha papelada da coluna e do coração lá levar, para conseguir os benefícios. Porque ela disse que eu já tinha feito a cirurgia, e a minha recuperação ia ser muito lenta, e que eu poderia ir que eu conseguiria. E não era já para eles por si só dar início lá, porque eu mesma não tenho

condições de descer e pegar um ônibus e ir para lugar nenhum. Então do jeito que eu estava lá, eles já estavam vendo as minhas necessidades. Então já era para eu chegar com isso em casa em ordem, e não chegar em casa e ter que ir correr atrás disso não. Já era para correr atrás disso lá. A assistente social que tinha que correr atrás das coisas lá, e trazer para eu assinar lá no hospital e pronto. São providências, não é previdência não, é providência que precisa ter com as pessoas de mais idade. Porque os jovens são uma coisa, mas a gente já dessa idade não consegue muita coisa não. Aí ela disse que com a papelada era só eu levar lá que ia conseguir, mas se é um direito meu porque que eles não fazem isso? Afinal de contas quem conversou comigo foi a assistente social, porque ela viu que eu necessitava disso, mas porque ela mesma não foi atrás? Que eu tinha muito mais chance de resolver isso, mas é tudo parado. Ah, esse negócio do médico em casa para mim é muito importante, porque no dia que eu cheguei no Hospital de Base, tem uns trinta dias, eu tava passando mal, tava passando mal, eu não tinha condições nem de tomar banho. Aí eu fui para o Hospital de Taguatinga, aí não tinha ninguém no Hospital de Taguatinga. Eu acho que estavam esperando para fazer reportagem, eu não sei. Aí meu ex marido desceu, e falou que eu tava passando mal, que eu tinha feito cirurgia do coração recente e passando muito mal. Aí falaram que eu ia passar pela clínica médica, e o clínico que ia indicar se eu tinha necessidades de passar pelo cardiologista. Aí ele disse que podia deixar, que ia me levar para o Hospital de Base. Aí quando foi para ir para o Hospital de Base, antes de chegar na Sandu, eu falei para ele parar o carro e eu vomitei. Eu tava o dia inteiro passando mal, aquela agonia, eu querendo desmaiar. Eu ia no espelho, não tinha uma gota de sangue em lugar nenhum, tava tudo branco. Aí eu sabia que tinha alguma coisa errada. Aí a gente chegou no Hospital de Base e os cones tavam lá na rua, no meio da rua, impedindo que as pessoas entrassem no hospital para o pronto socorro. Aí chegou lá, o meu ex marido perguntou como entrava no pronto socorro, aí o guarda falou que não estava atendendo. Aí ele disse que eu era assistida lá e que eu tinha feito cirurgia cardíaca e “como eu não ia ter atendimento?” Aí o guarda mandou ele entrar e me deixar, e tirar o carro porque se alguém visse o carro lá dentro ia querer ser atendido também. Eu era a única paciente naquele pronto socorro do Hospital de Base, aí a moça me atendeu lá, mediu a minha pressão e disse que o médico já estava me esperando lá. Aí ele me empurrou e eu já fui atendida de imediato lá com o cardiologista. Aí ele pediu uns exames de sangue, colocou o estetoscópio e falou que eu tava passando mal porque tava com água no pulmão. Aí ele mandou eu voltar a tomar o remédio para tirar a água, o Furosemida que eu tinha parado de tomar. E com os exames de sangue ele ia decidir se eu ficava internada, aí lá com o Léxica que ele mandou me aplicar lá eu urinei muito. Aí quando cheguei em casa urinei outro tanto. Aí quando deitei

fiquei com cãimbra. Aí quando não era em uma perna, era na outra. E aí, quando foi no outro dia, eu tinha cãimbra nos dois pés e no pescoço. Então desse portão para ali, eu sou inútil. É porque eles não tomam providência, é só previdência. Eu quero é providência. Olha, eu acho que se já tiver um bom pai e uma boa mãe já tá bom. (Por)que se tiver os cuidados, carinho...mas, assim, tem crianças que não tem, são jogadas mesmo. Essas precisam de benefícios. Eu acho que esse negócio de conselho tutelar eu não sei se funcionam. Eu acho que a maioria das crianças que vão para o conselho tutelar, elas sofrem demais lá também, aí eu não sei. Mas eu sei que, se você é uma mãe e maltrata o seu filho e você fica aí exposta para ter mais um...eu acho que se mãe judiou, bateu, matou de tanto bateu, tem que arrancar a peça inteirinha, passar a faca, sem anestesia. Tem que arrancar a “peça” inteirinha sem anestesia. Eu acho que para as crianças tinham que ser assim. Se a mãe foi constatado que maltrata, então tem que ser punida. E como ela vai ser punida? Ela pode até ser presa, mas vai sair e vai fazer a mesma coisa. Tem que cortar a “peça” inteira, tudo. Se possível, passar um Super Bonder para fechar...e acabou, minha irmã. Vai brincar com o quê agora? Mas eles não fazem isso. As crianças, a mulher maltrata. Mata, vai presa, é solta, volta e vai fazer a mesma coisa, o mesmo procedimento e eles não fazem nada. Agora isso aí eu acho que era uma forma de contar essas malditas, que eu não chamo nem de mãe. Eu acho que já tem alguns benefícios para as mulheres, já tem o Bolsa Família. Não sei se a criança tem que tá estudando, não sei como procede isso aí. Mas se for, tem que haver mudança, porque quantas mães que passam fome no resguardo, né? Se tá protegendo, tá protegendo o filho porque é uma forma de proteger a criança, a mãe não passar necessidade. Porque aí a mãe pode dar um bom leite para a criança, eu acho que é por aí. E eu acho que deveria melhorar saúde e educação. Saúde e educação eu acho que é primordial, porque é tudo falho. Agora exatamente o quê, eu não sei, porque esses programas de deixar a criança o dia inteiro no colégio não dá certo não, porque faz é estressar a criança, e no futuro ela não tem vontade nem de estudar. Eu acho que, não sei o que poderia ser legal, porque creche essas coisas a história é o seguinte: eu não acredito em creche, se eles tiverem oportunidade, vão maltratar as crianças que fazem coisas errada na creche...eles vão maltratar, vão judiar, não tem jeito. Eu desconheço isso aí, eu acho que filho tá bem protegido é com a mamãe, e pronto”. (Cida)

“Ah, deveria melhorar a saúde, né, que tá muito ruim. Botar mais médico. A gente chega no hospital nem médico num tem. A gente chega no hospital, a gente tem que vim para casa, comprar remédio na farmácia ou dar qualquer coisa em casa porque num (tem) consulta. É isso que deveria fazer, deveria cuidar mais nisso aí. Deveria cuidar mais na segurança na rua,

botar mais policiais na rua para cuidar das pessoas. Eu acho que deveria cuidar nisso aí”.
(Kelly)

“Eu acho que (deveriam melhorar) mais a questão da saúde, tipo...melhorar muito, atendimento. Se a pessoa chega no hospital e não virar o dia lá, ela não é atendida. Eu acho que ajudar muitas mães que precisam de vaga de creche e não consegue, e às vezes tem que gastar o que não tem porque não tem com quem deixar os filhos. Eu pelo menos tenho o privilégio de ter quem me ajudar, mas (e) quem não tem? Ah, eu acho que tem muitas escolas boas, mas eu acho que tem aquelas que precisam de uma atenção maior, porque já teve aquilo de tráfico de drogas na escola, essas coisas. O governo tem que agir, porque se não vão ter uma escola para criar bandido”. (Bruna)

“Igual, essas creches é ruim, porque dependendo do lugar não fica acessível para todo mundo. Igual a gente que mora aqui na M Norte, fica complicado, porque em Taguatinga é mais para o centro, e na Ceilândia a gente nem pode, porque é só os moradores da Ceilândia. Aqui mesmo não tem uma creche. Aí seria bom se tivesse uma aqui na M Norte mesmo, né, ou próximo, mas próximo seria mais fácil. Tem os parquinhos também, que às vezes tão tudo destruído. Mas às vezes quem destrói mesmo são os próprios visitantes. (Por)que às vezes mesmo são as próprias pessoas que destroem os parquinhos. Mas acho que são mais essas coisas mesmo: mais creches que fossem mais acessíveis, essas coisas. Eu acho que seria bem melhor, mais interessante. Eu acho ruim assim, que lá no posto é mais complicado ginecologista que só tem um dia e tem a hora, e tem a quantidade de fichas que eles entregam. Deveria ter mais horários, mais disponibilidade para as pessoas fazerem consultas, essas coisas também. E para as crianças mais parquinho, porque consulta para criança até que não é tão difícil...só para reposição mesmo, porque lá não tem um pronto atendimento, aí é mesmo só hospital. Aí quando chega lá, só atende criança se tiver com cinco dias de febre. É sempre mais de cinco dias que eles querem. Se você chegar lá e a criança tiver ficado doente hoje, eles já não querem atender. Aí é isso mesmo, abrir mais consultas, ou alguma coisa assim”. (Joyce)

“Eu acho que o governo deveria ser menos corrupto e focar mais na educação. Eu acho que para mim é o principal: a educação escolar. Para mim, o meu foco é só esse. Eu acho que é a educação e mais creches públicas, com mais tempo integral, essas coisas. Não tanta burocracia e tudo. O governo deveria melhorar muito nessa questão do Bolsa Família, porque eu sei que ajuda. Ajuda alguns amigos meus que se beneficiam. E não (pode) ter muita burocracia, porque

eles não veem quem mora de aluguel. Só nisso aqui que eu moro, eu pago setecentos reais aqui, e eles não vem, só querem ver o que tem na carteira e pronto. Se eles veem que você mora no meio da cerâmica, e que tem asfalto, pronto, eles não te dão o benefício. Bom, como eu não sou muito da política eu não sei o que eles poderiam fazer pelas mulheres. Eu sou muito revoltada com a política, muito mesmo, porque falta muita coisa, o governo é muito precário. Até nas ruas, na escola, eu me preocupo mais nas escolas. É muito precário, dinheiro desviado, lanches. Mas eu não sei o que o governo deveria criar para as mulheres, realmente eu não sei”.
(Nicole)

“Eu acho que na saúde e educação poderia melhorar mais, ter mais médicos, mais hospitais, acho que só. Porque eu acho que o resto o governo da conta, lá aonde eu moro, no Paranoá, eu acho que (deveria ter) mais escolas, porque lá escolas é zero. E na segurança também, porque lá no Paranoá é perigoso. E para as crianças deveriam ter mais escola-parque, aquelas que fazem atividades físicas, brincadeiras, esporte, judô, caratê...essas coisas que deveriam ter mais. E para as mulheres eu acho que até que tá bom, porque tem aqueles negócios de “carreata da mulher”. Eu acho que, hoje em dia, se a mulher não quiser se cuidar é porque ela não quer mesmo. Porque no posto tem ginecologista, ela faz prevenção, mamografia...tem aqueles mutirão de mamografia, então para as mulheres tá favorável”. (Kaka)

7. PEQUENAS BIOGRAFIAS DAS MULHERES, MÃES, TRABALHADORAS, CHEFE DE FAMÍLIA, COMPANHEIRAS, FILHAS

Solicitei às mulheres entrevistadas neste trabalho que fizessem uma pequena autobiografia, resumindo suas histórias de vida. A ideia era ver como elas se percebiam, quais elementos enfatizavam. Vamos a elas:

“A minha história foi assim: quando a minha mãe engravidou de mim, ela era bem jovenzinha naquela época. A minha mãe tem quase sessenta anos já. Aí foi expulsa de casa. O meu avô expulsou ela porque naquela época...talvez, até para mostrar para os outros...ele expulsou minha mãe de casa. Aí as minhas tias acolheram a minha mãe, e uma das minhas tias que acolheu ela foi a Dindinha. Por isso que eu sou tão grata a ela, e cuido dela. Hoje ela precisa de mim, e hoje eu cuido dela porque ela já fez isso por mim. Aí a minha mãe veio para Brasília novinha, e aí a Dindinha ficava comigo lá no Piauí. E volta e meia a minha mãe vinha para Brasília. Aí ela ficava, trabalhava e depois voltava, aí ficava comigo, porque a minha mãe teve eu e mais um irmão do meu pai. Eu falo que meu pai engravidou a minha mãe, enganou a minha mãe e fugiu para o Rio de Janeiro, aí passou uns anos e voltou e ainda conseguiu enganar minha mãe de novo, e fez meu irmão. Aí resumindo, eu morava com a Dindinha e com a minha mãe. Aí eu fiquei acabando morando com a Dindinha, porque a minha mãe casou. Ela tem dois filhos do marido dela. Aí ficou casada onze anos, aí não deu certo e ela separou. Aí eu vim para Brasília para morar. Eu tinha quatorze anos. Aí eu fui morar com outra tia minha, porque meu pai quis que eu ficasse aqui com as minhas tias. Aí eu vim para Brasília bem novinha, fiz quinze anos aqui. Aí eu levei um ano para me adaptar aqui, eu achei que eu não ia me acostumar nunca. Eu morava com as irmãs do meu pai, (por)que até então eu não tinha o mesmo costume e a mesma liberdade que eu tinha com a família da minha mãe. Mas eu vim para Brasília, aí fiquei, e eu lembro que fiquei estudando. Comecei logo a trabalhar, eu queria logo trabalhar. Eu lembro que eu tinha dezesseis (anos) e eu fui trabalhar em uma padaria perto de casa. Aí deu dezoito (anos) e eu trabalhando na padaria, e não era carteira fichada e eu ficava assim...eu trabalhava porque eu precisava do dinheiro, né? Meu pai não me mantinha de tudo, e eu não queria ficar dependendo dos outros. Aí eu sei que acabou que a minha mãe acabou vindo para Brasília e foi morar eu, minha mãe e meu irmão. Até então eu já tava um pouquinho mais madura, aí foi quando eu conheci o meu esposo. E nesse tempo eu estudava ainda, tava terminando o ensino médio. Aí quando eu terminei o ensino médio, eu fui para São Paulo. Mas eu não me adaptei lá não, aí eu voltei. E eu já conhecia e namorava o meu esposo,

ai foi quando a gente resolveu que ia casar. Eu fui para São Paulo para morar com meus primos, filhos das irmãs da minha mãe que eu tinha como irmão, né? Mas eu não gostei de lá, do lugar, né? Eu achei muito diferente daqui, ai eu voltei. Foi quando meu esposo falou para eu vir, que a gente ia casar. Ai eu vim, mas na verdade eu só casei mesmo depois de dois anos. Ai eu falo que ele me enrolou e me enganou. Porque eu casei, casar de verdade mesmo, na igreja e no civil. A minha filha já era assim grandinha, ai tá, eu continuei. Quando eu fui para São Paulo eu já trabalhava aqui nas lojas. Ai eu voltei para cá e eu fui trabalhar de novo, eu sempre trabalhei em loja. Ai foi quando o tempo foi passando, e eu tive a minha filha, e que chegou a hora que tava muito difícil de conciliar o trabalho e deixar a minha filha. Eu ficava meio assim. Ai eu resolvi que eu ia parar de trabalhar. Ai eu saí da loja, que tava bem estressante, tava bem puxado lá. Ai já chegando no final da história, eu saí da loja que eu trabalhava e eu não tinha em mente o que eu ia fazer. Só que ai eu pensei: “já que eu tô sem fazer nada eu vou tirar a minha carteira”. Ai eu tirei a carteira de motorista, ai eu falei: “eu vou fazer algum curso”. Ai eu fui lá no SESC fazer o curso de cabeleireira, porque eu pensei que pelo menos ia poder arrumar meu cabelo. Só que ai eu gostei do curso. Ai no que eu tava fazendo o curso, as meninas aqui da rua já queriam fazer alguma coisa. Ai eu fui assim ficando, fui ficando, comecei a trabalhar aqui na garagem mesmo de casa, ai depois eu trabalhei em um quartinho bem pequenininho, que era um quartinho de bagunça que tinha que eu arrumei. Ai depois que eu arrumei aqui um pouquinho eu aumentei. Mas nem é do jeito que eu quero ainda, mas eu tô aqui. E ai eu fui ficando, e talvez eu falo que eu me acomodei ficando aqui, só que eu gosto de ficar aqui. Porque eu penso assim: eu trabalhava fora e deixava a minha filha, e ela ficava. Não tinha creche, nem uma pessoa certa para ficar. Ai eu fiz o curso e deu certo, não é um salão chique, mas é dele que eu vivo hoje. Ai para mim pode ser comodismo, mas eu tô acompanhando a minha filha de perto na educação, (por)que eu sempre fui preocupada com isso. E vou ficando aqui, tô indo aqui. Ai eu tô fazendo outros cursos. Esse ano mesmo eu já fiz um outro curso, (por)que antes eu era só designer de sobancelha, e agora eu faço outras partes, e eu gosto de fazer. Eu gosto de tá em casa, porque vai também da pessoa...não é todo mundo que tem o dom. Eu tenho o dom de ficar em casa, eu gosto de ficar em casa, de cuidar da minha casa, e eu gosto de fazer comida para o meu esposo e para a minha filha. E assim, por isso que eu falei pra tu que (eu) era meio à moda antiga. Mas eu não sou a favor de ficar em casa só fazendo isso, ficar só cozinhando, tem que fazer algo a mais, até para o bem-estar da gente, né? A gente se sentir mais útil, né? O meu marido sempre deixou eu trabalhar, eu conheci o meu marido trabalhando, a gente sempre trabalhou nas mesmas empresa, por incrível que pareça. Só tinha uma que não aceitava, né, trabalhar família, marido e mulher

trabalhar junto. Mas nas outras, sempre foi junto, e eu conheci ele assim, trabalhando. Ele nunca me pressionou de eu ter que trabalhar, ou de ter que ficar em casa cuidando da casa e da filha. Eu sempre que optei se queria trabalhar ou não. Aí eu fiz o salão e fui ficando, às vezes ele acha que o salão não vale à pena. Mas para mim, eu gosto. Ele acha que não vale à pena porque ele fala assim, que o salão não vale à pena, para eu fechar o salão. Aí eu falo para ele que, para ganhar o que eu ganhava, eu ganho dentro de casa. E para ficar com a minha filha e, assim...pode não valer à pena para ele, mas para mim vale à pena. E se eu trabalhasse fora, eu não ganharia o mesmo tanto. Talvez eu ganharia menos, aí entra a questão também de pensar no futuro, né? Antes eu não pagava o INSS, agora faz um bom tempo (que eu pago). Eu perdi uns anos porque não paguei, era para eu pagar desde que eu comecei aqui. Eu pago como microempreendedor. Eu pago para ter meus direitos, né? Igual quem trabalha fora de casa tem”. (Rosa)

“Eu...é igual eu tava falando, a minha mãe me criou assim. Então eu com seis anos de idade, eu já tinha que lavar a louça impecável. Com sete anos, eu já tinha que tá ariando panela, e aí se uma gota ficasse na panela é porque não tava bem ariado. Aí com sete anos eu já comecei a me interessar por fazer unha, porque a minha família toda é de salão, né? Aí eu comecei pintando as unhas das minhas tias, comecei fazendo isso, aquilo. Aí com oito anos eu já tava trabalhando. Aí com oito anos eu já trabalhava. Eu brincava, né, com os menino. Aí tipo, eu pegava a caixinha de sapato, aí o povo perguntava se eu tava fazendo alguma coisa, aí eu falava que não tava...aí eles falavam “então vem fazer a minha unha”. Aí trabalhava o dia todinho para ganhar dez reais. Eu trabalhava no salão da minha mãe, aí passava na quintandinha, aí comprava uns salgadinho, uma Coca-Cola, aí chamava as minhas amigas tudinho. Aí tava rica, milionária, tirando onda. E ainda tinha que estudar, e aí se tirasse nota vermelha na escola, que pagava vexa. A minha mãe vinha me batendo da escola até chegar lá em casa. E aí, quando completei quinze anos, eu já achava que tava profissional demais. Aí eu vim para Brasília, aí quando eu vim morar aqui comecei a trabalhar no salão dela. Só que aí eu achei pouco, porque eu trabalhava, trabalhava, trabalhava e não via a cor do dinheiro, porque eu tava ajudando minha tia, né? Só que aí a minha tia, todo dinheiro dela era pro marido. Aí eu comecei a descobrir as safadezas dele, aí peguei e falei que eu não precisava disso não. Porque eu sempre tive meu dinheiro. Aí eu fui procurar emprego fora, aí o primeiro salão que eu fiz entrevista eu já fiquei. Aí eu fiquei quatro anos lá no Plano. Aí já tava desgastado lá, tanta fofoca, ave Maria...aí uma cliente me ofereceu a oportunidade de trabalhar em uma imobiliária. Aí eu trabalhei na imobiliária por dois anos de secretária. Aí

menina, trabalhar com corretor é a pior profissão que tem, é coisa do diabo aquilo ali. Aí o povo tudo se bancando de esperto em cima de mim, aí eu fazia o papel de corretora, fazia o papel de secretária, aí era muito dinheiro na minha mão. Aí eu ficava com medo de, tipo, sumir, o corretor pegar o dinheiro e falar que foi a secretária. Porque é sempre assim, né? Então eu peguei e pedi as contas logo. Quando eu comecei a ver que a dona já tava tendo uma confiança muito grande em mim, aí eu capei logo fora. Aí foi quando a tia foi para o Maranhão, adoeceu, chegou a falecer. Aí eu tomei de conta dela, aí eu engravidei, foi uma gravidez de alto risco. Aquela turbulência...com a tia doente, morre ou não morre. Menino, passei por sete obstetra até o ultimo perguntar se eu tinha fé e dizer para eu se apegar a Deus. Aí se o menino saber, nós sabe se vai ser especial ou não, aí foi muita turbulência. Aí quando nasceu veio aquele desespero de ser mãe, de não saber o que ia fazer, se ia dar conta. Me via sozinha, não tinha a tia...com a casa cheia de homem para cuidar, tinha o meu marido, meu genro, meu sogro e mais um neném. Então eu me via desesperada, aí eu vi que o bicho tinha pegado. Aí eu pensei: “agora lascou”. Mas aí eu optei por trabalhar, aí eu fiquei sempre trabalhando, porque eu entrar em depressão...Mas aí tá bom hoje, ele já tem três anos, já tá independente, já fala que tem quinze, já tá na escolinha...Eu tô trabalhando. Agora só tem o véio, meu cunhado foi embora...agora tá bom. Pronto, é isso”. (Nilza)

“Minha filha, eu já rodei muito. Eu sou baiana, eu vim da Bahia eu tinha três meses de vida. A minha mãe saiu da Bahia fugindo do meu pai e eu tinha três meses de vida, e a minha irmã eu acho que um ano e pouco. Aí ela pegou uma carona e foi parar em Porto Nacional (TO) comigo e com a minha irmã. Lá ela foi lavar roupa para sustentar a gente, fugindo do meu pai. Aí de Porto nós viemos para Gurupi (TO). Aí lá a gente viveu até meus doze anos. Aí de lá fomos para Anápolis (GO), e de lá passamos para Brasília. A minha vida foi assim: aos quatro anos eu comecei com problemas de saúde muito grande. Eu era uma criança inchada e a minha mãe achava que eu tava gorda, e o povo falando que não sabia como eu engordava se eu não comia. Aí uma vizinha lá da roça disse que eu tava inchada, ela apertou a minha perninha e a minha testa, e disse para a minha mãe que eu tava inchada, e disse que era do fígado, que o meu problema era puro fígado. Aí me tacava lá uns remédios caseiros, umas raízes lá, uns chás. No dia que eu desinchava, eu ficava só o coro e o osso, mas muitas vezes eu fiquei “com a velinha esperando apagar”. E vai e vai, então eu tenho esses problemas crônicos de saúde desde quatro anos de idade. Aí a gente já tava morando em Gurupi, em Tocantins, e eu voltei a inchar tudo outra vez. Aí eu voltei a inchar muito. Aí eu fiquei só o coro e o osso de tanta febre reumática, mas lá não tinha médico, só tinha um farmacêutico que resolvia a vida de todo mundo. Meu tio

me amarrava na garupa da bicicleta, e eu com tanta febre que não me equilibrava mais na garupa. E eu com nove anos, ele me levava para tomar lá o remédio. Aí o farmacêutico me aplicava lá duas injeções, uma eu não esqueci o nome: era uma tal de Necrosam. Era misturada essa injeção, e no outro dia eu aparecia só o coro e o osso. Então acertou...mas assim, eu venho doente, por isso eu não encarei muito o estudo, o trabalho na rua, eu faltava demais. Porque como eu ia trabalhar com tanta febre? Febre mesmo, de delirar durante a madrugada, a minha mãe ia me ver e dizia que eu tava falando sozinha de tanta febre, e aquele lance todo e corre para médico, e vai e vai. É por isso que eu não consegui encarar tanto o trabalho, só faltando serviço. Eu casei com vinte e dois anos, por isso que eu não simpatizo pelo meu ex marido, porque se não casasse comigo aquele homem queria até se matar. Aí eu dei chance pro infeliz e ele não valorizou. Aí eu não entendi que amor era esse, vai entender...eu não acredito no amor não, eu acredito no se dar bem, no amor eu não acredito não. Porque aquele homem só queria viver tentando se matar, porque eu terminava o noivado e ele queria se matar, aí eu resolvi casar e disse para ele que se com oito dias não tivesse gostando da ideia, eu terminava. E nesse eu caso, assim, até hoje ele não saiu do meu pé, é daquele jeito. Mas, assim, eu sou meia desacreditada nessa história do amor, se dar bem é a palavra certa, e aí eu vou levando, vou levando. Aí a melhor coisa que aconteceu na minha vida foram meus filhos, mas com muito sofrimento, porque para ter eles as minhas gravidezes não eram fáceis, todas as minhas gravidezes eram muito complicadas. E o segundo sofrimento é que quando você não tem apoio, uma pessoa que anda com você lado a lado...é porque eu casei e pensei que esse homem não ia deixar sentar nem mosca perto de mim, porque era paixão demais. Quando eu vejo um cabra muito apaixonado eu digo que isso não vai dar em nada. O cabra da minha filha chegou, e disse que tava apaixonado por ela, aí eu disse para ele que se tem paixão no meio não ia dar certo. Não presta, não dá certo...(por)que se ele falasse que se davam bem, eu acredito, ia dar certo. Amor existe de mãe para filho, de pai para filho, mas o resto é balela. Aí até antes de ter eles eu trabalhava. Eu fui manicure, eu fui boleira, fazia bolo de casamento, tinha semana que tinha dois, três bolos de festa, e aquilo foi me cansando de um jeito...aí eu parei, não era minha praia. Fui continuar nas unhas, aí parei tudo, fui para feira, teve uma época que eu tava fazendo bordado, ponto de cruz para vender as coisas, joguinho de cozinha, comprava aqueles saquinhos branquinhos, saía vendendo...também dava (certo), mas é porque o tempo que você gasta para terminar aquele trabalho, não vale à pena. Trabalho manual em geral não vale à pena. Aí depois fui pra feira, trabalhei na feira uns três ou quatro anos. Aí vim pra casa, fiquei trabalhando de costureira em casa, e eu acho que foi a melhor coisa. Porque eu acho que se eu trabalho fora com esses problemas cardíacos que eu tinha, eu não tinha durado não...porque

o cansaço (e) o estresse é maior. Aí eu parei de trabalhar fora, tanto pelos problemas de saúde e pelos filhos. Porque os meus filhos era primordial. Essa história da feira eu já discriminava muito, porque eu ia para a feira com o mais novo e deixava o mais velho com a minha filha pequena. Mas eu não achava certo, porque eu tinha que pedir para o vizinho dar uma olhada, porque na época o que ficava em casa tinha oito anos e ele ficava com a outra pequenininha, ela tinha um aninho, um aninho e pouco. Aí eu deixava ela com o irmão, mas o pai ficava ali no Taguacenter e meio dia vinha em casa e olhava eles e ficava um pouco em casa e depois ia me buscar na feira que eu vinha quatro horas da tarde. Mas ali eu já me descriminava porque eu não tinha condições de levar os três para ficar lá na banca, e a outra novinha eu deixava a comidinha dela toda pronta e do outro. Mas eles não comiam frio porque o pai vinha almoçar e dava para eles. Mas os dois pequenininhos não tinha condições, aí eu sabia que não ia dar certo. Aí vim para casa para cuidar dos meus filhos. Aí hoje eu tô aqui e ajudo a cuidar dos meus netos. Aí quando o meu neto, do filho mais velho, nasceu, eu adoeci. E era muito porque eu ficava costurando até duas horas da manhã. Aí quando era seis horas eu subia para ficar com o meu neto, porque o meu filho e a esposa saíam para ir trabalhar e eu ficava com o meu neto até a funcionária chegar. Aí na hora que a moça chegava eu descia, mas o dia que ela não vinha eu tinha que trazer as coisas para ficar com ele, ele com 5 meses. Aí ela saía para trabalhar e eu ficava lá em cima. Aí as vezes que a funcionária não chegava eu tinha que ficar com ele. Aí foram uns três ou quatro anos assim. Aí acabou que eu adoeci, (por)que eu não dormia, porque eu parava de trabalhar duas horas da manhã e seis horas eu tava lá em cima. Aí foi isso aí que foi piorando a minha situação, o não dormir. Porque dizem que quem é cardíaca tem que dormir direito, aí eu dormia quatro horas. Agora os da minha filha mais nova não são netos, né? São filhos. Às vezes ela fica internada, aí quem fica com eles é eu. Até no colégio ela é interditada, sou eu que resolvo tudo, tudo que acontece sou eu que resolvo. Sou eu que resolvo, aí eu falo que não é neta é filho. Levar no médico eu não levo porque eu não posso, aí eu ligo para meu ex marido e ele vem e leva, e eu fico em casa. Geralmente vai o tio ou o avô. Normalmente eles nem me levam. Semana passada teve um passeio da minha neta no Parque da Cidade e ela não foi, porque era para levar a família. Aí tem que levar a minha neta, e o irmão e todo mundo. Aí chegou meu filho e o pai e eu disse que ia também, aí eles falaram que eu não ia porque eu não tinha condições. Aí eu acabei o passeio, ninguém foi. Se eu não vou, ninguém vai. Aí pronto, é isso, acabou”. (Cida)

“Assim, a minha história foi assim: sempre na minha infância minha, quem sempre cuidou de mim foi a minha mãe e o meu pai. Aí eu casei aos dezesseis anos, aí de dezesseis anos até uns

vinte e poucos anos (morei) lá na Paraíba. Aí o meu marido veio embora para cá, aí a gente veio para cá. A minha vida sempre foi assim, foi mais ou menos assim: eu casei muito nova, aí eu deixei de estudar para poder cuidar dos meninos. (Por)que eu imaginava que, assim, a gente casou, (então) tinha que ficar em casa cuidando dos meninos. Mas nem é assim, né, a gente também tem que trabalhar para dar o sustento dos meninos. A minha história foi mais assim, normal, assim...quando eu era pequena tive minha infância normal, estudava, brincava. A minha mãe sempre cuidou mais do meu pai. Aí quando eu casei vim embora para Brasília, mas quando eu cheguei aqui em Brasília foi mais difícil porque eu tinha que trabalhar e cuidar de menino, levar para médico...Até hoje tá sendo assim, eu parei agora de trabalhar para cuidar deles que um vai operar agora. Sempre foi assim a minha vida, a minha história foi mais assim mesmo. Aí eu vim par Brasília, eu fiquei cuidando deles, eu passei uns quatro anos sem trabalhar. Aí depois que a mais nova nasceu que eu comecei a trabalhar, que foi na padaria, aí eu comecei a trabalhar. Tinha que trabalhar, como é que pagava aluguel e dava comida para eles? A minha vida foi mais assim...aí depois de seis anos para cá, eu sempre trabalhei. Aí chegava em casa, tinha que fazer comida, levava no colégio, tinha que buscar no colégio, sempre foi assim a minha vida. Aí agora eu parei de trabalhar, e só quem tá trabalhando é o meu marido, porque eles vão operar (meu filho) e eu pretendo que, quando ele operar, que eu volte a trabalhar, mas, no entanto, (eu talvez) até bote um salãozinho aqui na frente de casa para ver se aumenta a renda para ajudar. Tem dois meses que eu tô sem trabalhar para cuidar deles. É só isso”. (Kelly)

“A minha mãe ela me teve, ela teve um relacionamento com o meu pai. Eles não chegaram a casar, quando eu fui conhecer ele eu tinha dois anos. Quase que ele não me registra. Aí ela me criou sozinha. Eu poucas vezes eu ia para a casa do meu pai, só quando eu fiquei maior que eu comecei a ir. A minha irmã ela foi fruto de outro relacionamento dela, eu que ajudei a cuidar dela. Eu estudei a vida toda em colégio particular, meu ensino médio foi em colégio público, porque o meu pai não queria mais pagar colégio para mim. Aí ele preferiu pagar cursinho pré-vestibular para mim, aí eu não consegui passar na UnB. Aí eu fui fazer Direito, aí ele começou a pagar para mim. O meu outro irmão, minha mãe adotou ele. Na verdade ele é meu primo, é que a mãe dele abandonou ele no hospital doente. Aí a minha vó que na verdade pegou ele e assumiu. Aí quando a minha vó morreu, a minha mãe pegou ele. Na verdade até adotou, a minha vó pegou ele tinha dois anos. Aí depois que a minha vó morreu que a minha mãe ficou com ele. Agora que formalizou tudo. Aí eu comecei a fazer Direito no segundo semestre de 2011. Eu fiz quatro semestres e tranquei um, no quinto. Quando eu fui para o quinto eu

tranquei. Fiquei estudando pra concurso, passei em um, não fui chamada ainda. Aí voltei pra a faculdade e no segundo semestre que eu voltei para a faculdade, eu engravidei do meu primeiro namorado que eu tive. Mas só que a gente terminou, a gente terminou quando eu descobri. Eu tava de quatro meses já, e aí eu vivi a minha gestação sozinha. Quem me ajudou foi a minha mãe. Eu fiz tudo pelo plano de saúde. Desde as consultas, até as ecografias e o parto. Quando eu ganhei ele, eu tava de licença da faculdade. Eu só fui lá para fazer as primeiras provas e na semana seguinte eu voltei. Quem aparecia aqui durante a gestação era a avó paterna. O pai nunca apareceu não, eu acho que ele tinha medo da minha mãe, mas ele ajudou com algumas coisas, com roupinha. Tem umas coisas que a mãe dele que deu, mas eu tenho certeza que foi ele que comprou. Ele só foi aparecer depois que o neném nasceu. No dia que ele nasceu ele foi lá no hospital. Quando eu voltei pra faculdade eu reprovei em três matérias. Quando eu tinha acabado de ganhar ele, minha tia me ajudava, e logo em seguida eu tinha feito a prova do estágio, aí eu passei. Mas de início eu não queria ir pra não deixar ele sozinho. Mas eu tive que ir para ajudar a minha mãe, porque o pai dele não tava ajudando a dar as coisas dele. Não tava me ajudando com pensão nem nada, aí agora eu tô quase me formando. O menino já tá crescendo, já já tá entrando na escola”. (Bruna)

“Desde que eu nasci eu moro aqui. Eu sempre fui criada pelos meus avós paternos, né, porque quando minha mãe foi embora eu tinha nove meses. Aí eu fiquei com o meu pai, aí depois o meu pai casou, aí eu fiquei morando com a minha avó e como meu avô. Aí depois eu fiquei morando com o meu irmão mais velho também. Aí primeiro meu avô faleceu, aí depois de uns anos minha avó faleceu. Aí quando o meu avô faleceu, aí não passou muito tempo o meu pai veio morar aqui com a mulher dele. Aí não deu certo, aí eles separaram e o meu pai ficou aqui com a gente. Aí não passou muito tempo, a minha avó faleceu também. Aí eu fiquei morando mais com meu pai. Aí eu já tava terminando o ensino médio quando a minha avó faleceu, porque quando a minha avó era viva eu não podia trabalhar. Porque como ela tomava remédio controlado, ela não podia ficar só. E como o meu pai trabalhava, aí eu tinha que sempre ficar em casa para cuidar dela. Aí quando ela faleceu (foi) que eu comecei a trabalhar. Eu arrumei emprego, né? Depois eu arrumei outro, eu acho que tinha dezoito anos, se eu não me engano, quando eu comecei a trabalhar. Eu fui trabalhar em uma loja de um ex cunhado da mulher do meu pai. Lá na via leste. Aí lá eu fiquei uns três ou quatro meses. Aí eu vi que não tava muito bom para mim, aí eu saí. Lá era só de tirar xerox, fazer impressão, mais essas coisas assim...eu vendia CD, essas coisas assim, fazia emplastificação. Aí como era ruim para mim, também porque eu tinha que descer cinco e meia para eu ir para a escola, aí eu fui e saí. Aí depois eu

arranjei um estágio lá na Casa do Colegial. Mas lá era só temporário porque como é coisas de materiais, é só os últimos três meses e os dois primeiros do ano. Aí quando acabou eu saí e consegui outro na Peugeot. Aí lá eu fiquei de estágio, aí depois eu consegui ser contratada, aí eu fiquei quase dois anos lá. Aí como eu ia pra outra empresa do mesmo dono, aí eu ia ficar sem férias de novo. Aí eu já tava cansada, aí a minha mãe ficou me chamando para eu trabalhar com ela. Aí eu saí de lá e fui trabalhar com a minha mãe nessa empresa que fechou. Aí ela tinha um sócio e a empresa fechou. Aí acabou o contrato, lá era uma empreiteira da GVT. Aí eles perderam o contrato da GVT, aí fechou. Aí eu fiquei grávida e parei de trabalhar, e depois arrumei outro quando eu já tava com quatro meses. Aí comecei, aí como eu já tinha terminado os estudos aí para mim não ficou tão difícil, porque eu já terminei, né? Pelo menos o ensino médio. Agora é só fazer uma faculdade ou então um curso técnico, aí eu tô pensando ainda. Aí o pai dele morava com a gente. Aí ele teve uma discussão com o meu pai, aí ele foi lá para a mãe dele. Aí é mais é isso mesmo. Aí eu só comecei a trabalhar nessa idade também porque eu não podia começar a trabalhar antes. Se não eu tinha começado a trabalhar antes, e agora eu tô nessa empresa tem dois anos, vai fazer em março do ano que vem. Mas lá é bom porque eu só trabalho seis horas e lá tem o (vale) alimentação, e o salário também não é tão ruim. Aí para mim por enquanto lá tá bom. Aí agora eu vou ver se eu estudo para concurso, para ver se eu passo em algum concurso para eu poder sair de lá e ter uma vida melhor, né, e receber mais e tá mais estável, né? Porque hoje em dia empresa privada tá mais difícil. Porque um dia você tá nela, outro dia acaba. Tem corte de gastos, né? Aí é mais é isso mesmo. Aí (essa casa) aqui era do meu avô, e ficou para o meu pai, e é própria. E a gente mora aqui”. (Joyce)

“Eu sou maranhense, eu nasci no Maranhão (e) eu vim pra cá com cinco anos, e meus pais eram casados ainda. Aí eu com oito anos, meus pais se separaram. Eu sofri um baque. Então a minha mãe viu que a gente tava sofrendo um baque e começou a aproximar meu pai da gente, né? Porque a gente precisava sim do meu pai. A separação, assim, a minha mãe separou do meu pai por conta financeira, porque meu pai não gostava de fazer nada. Hoje em dia ele faz, mas minha mãe separou por conta disso. E aí minha mãe praticamente criou a gente só, mas meu pai ajudava, assim, em questões financeiras (um) pouco. Mas ele era sempre presente. Aí depois eu fiquei a carteira com dezoito anos, terminei meus estudos. Eu comecei a trabalhar em uma contabilidade como arquivista. Depois eu cresci de cargo para secretária e tudo, depois eu saí por causa dos períodos, porque eu vivia correndo e tudo. Eu vivia em banco, e minha mãe sempre brigava comigo e tal, aí eu tive que pedir conta. Aí nesse meio termo eu já tava namorando o pai dos meus filhos. Eu saí com vinte anos, aí eu engravidei e nessa ocasião

toda eu noivei dele e a gente casou. Eu fiquei seis anos, tive ela e tudo. E aí depois eu planejei de ter o segundo porque eu sempre quis ter dois filhos, mas tinha que ter condições também para criar, porque não adianta também você ter filhos e não ter condições...porque aí que tá esse mundo de hoje, de crianças mal educadas, que crescem revoltadas, essas coisas. Eu sempre pensei nessa questão. Aí eu tive meus filhos. Eu era muito imatura, depois dos meus filhos eu aprendi a ser mais madura, ter mais cuidados, cuidado até de mim, preocupações e tudo. E assim eu fui crescendo, e depois eu procurei um emprego, que te amadurece também. Aí eu comecei a trabalhar nesse emprego, comecei como agente, aí depois eu cresci de cargo para agente líder e tudo, que também é um baque muito grande para mim também, porque ajuda muito financeiramente. E é assim, assim que eu me tornei essa pessoa. Aprendendo e vivendo. Aí eu separei, aí para os meninos não terem o baque – porque meninos de cinco anos entende sim – aí eu sempre deixei o pai deles ser presente. Tanto é que eles veem o pai deles todo dia, todo dia. Ele me ajuda muito, ele que leva para creche e eu que busco, às vezes vai dormir com ele. Eu nunca quis, como ele sempre foi bom para pai eu nunca quis distanciar isso, eu acho que (é) errado quem faz isso. Ele mora aqui perto. Aí quando eu fui para o HUB, é um hospital muito bom, todo mundo deu atenção e tudo. Aí quando eu fui ganhar a minha filha lá no HUB eu sofri um preconceito porque o pessoal achava que eu tinha quinze anos, mas eu tinha vinte e um. E aí eles me maltrataram, alguns técnicos de enfermagem, eu tava sentindo muita dor. Aí para eu não gritar eu pegava pano, eu pedia para segurar, às vezes algum segurava a mão e eu apertava. Aí algumas falavam para eu ir ter filho de novo que isso que dava, ficavam me chamando de novinha. Aí outras falaram que “outra criança, uma criança sendo mãe, se já tinha visto isso”. Aí eu peguei e deixei porque eu sabia que o meu parto ia ser rápido, que eu já ia ganhar, os meus partos sempre foram rápidos. Eu cheguei umas três e meia e ela nasceu quatro e dez. E ele eu cheguei cinco e vinte e ele nasceu seis e dez. Foi um parto assim, foi um parto rápido, porque muitas pessoas ficavam doze horas, aí desse aqui eu não tive preconceito não. Aí eu falei para eles esperarem que eles iam me ouvir, que eu ia chamar o chefe deles, aí eu ganhei neném e eu não esqueci deles não. Aí eu ganhei a menina, ela tava bem, aí eu falei para um dos técnicos onde que ficava a administração do HUB. Aí ele perguntou se eu queria fazer alguma reclamação, aí eu falei que queria mas eu que ia lá, que não ia dar recado, que era para ele falar onde era que eu ia lá. Aí eu peguei o carrinho da minha filha, sabe aqueles carrinhos que a criança acaba de nascer? Aí eu dei banho na minha filha, eles deram banho na minha filha, mas eu dei outro porque ela ainda tava com aquelas gosminhas, eu já sabia dar banho e tudo. Eu fui tomar banho e levei ela junto. Aí eu fui na administração e levei ela no carrinho. Aí tinha uns que falavam que ela não

podia passar. Aí eu falava que podia sim, que eu era mãe dela e podia passar. E tava nervosa. Aí eu fui na administração e falei com o secretário do HUB. Eu fiquei até com medo de dar uma demissão depois. No começo eu fui, mas depois eu tive remorso. Aí eu fui reclamar sobre o comportamento das pessoas, perguntar se era dessa forma mesmo que os técnicos que são pagos tão lá para maltratar os pacientes, menosprezando, fazendo piadinha, que eu não concordava com isso. Aí eu peguei o nome deles, que eles tinham que me passar, e também tava no crachá e tudo. Aí depois eles foram chamados na administração. Aí depois um deles foi lá na minha sala, o quarto que eu tava (pra) me pedir desculpa, entendeu? Aí foram chamados os três. Eu tinha falado depois que eu ganhei neném, eu falei para uma delas, que tinha dois rapazes e uma moça. Aí eu falei para ela que não importava a idade que eu tinha, que ela tava sendo paga para isso, e que se ela não tivesse amor à profissão dela que ela saísse fora e desse oportunidade para quem tem. Porque mesmo, assim, até menino de doze (anos) não tem que passar por isso. É uma dor, é uma dor tremenda, dói para caramba ganhar neném, você tem que ter atenção e não ser maltratado. E depois eu falei para ela que eu não tinha quinze anos, que eu tinha vinte e um anos. Aí ela ficou sem graça, porque eu fui com bomba para ela e falei seu nome é tal e fui lá no outro e fui na administração. Aí eles ficaram bem, aí foi o rapaz que foi lá dos três me pedir desculpa. Aí eu fui sim, eu não queria falar nem com o enfermeiro-chefe. Eu fui na administração mesmo para que isso não aconteça com os outros, porque às vezes o enfermeiro-chefe vai resolver, mas não vai fazer uma coisa geral, entendeu? E geralmente, minha mãe trabalha no hospital, geralmente quando você vai reclamar quando tem reunião eles falam daquilo. Em reunião geral, e eu acho muito errado, até se a pessoa tiver com quinze eu acho muito errado. É isso”. (Nicole)

“Nasci em Brasília (e) sempre morei aqui em Taguatinga. A minha infância sempre foi muito turbulenta por causa do meu pai ser alcoólatra e ele passar dias e dias fora de casa, e chegar bêbado e ameaçava a minha mãe e tudo. Sempre foi muito conturbado, meu pai e minha mãe se separaram muitas vezes, e depois voltavam e ficava tudo bem. E aí depois ele procurou tratamento porque tava prejudicando a saúde dele. Aí ele procurou tratamento, foi para São Paulo fazer tratamento e se libertou. Não bebeu mais. Desde criança eu sempre estudei em escola pública. Fui criada pela minha mãe e pelo meu pai. A minha irmã também (foi), a que mora comigo, a mais nova, a gente sempre foi criada pela minha mãe e pelo meu pai. Sempre estudei em escola pública, não tinha esse negócio de escola particular. Foi tudo normal. Aí comecei a fazer o meu curso técnico eu ainda tava no ensino médio ainda. Eu tava no segundo ano, eu acho, eu comecei a fazer o curso técnico. Quem pagou para mim foi até o meu avô que

pagou para mim. Durante o curso técnico eu conheci o pai dos meus filhos. Terminei o curso, aí eu tava grávida, aí eu ganhei bebê. Deixa eu ver o que mais...aí foram gêmeos, aí depois de um ano – que os gêmeos já tavam com um ano –, eu fui atrás de emprego, que é o emprego que eu tô até hoje. Aí eu comecei a trabalhar no hospital e tô lá até hoje. Depois de um tempo o meu pai começou a ficar doente, e aí eu comecei a ter que cuidar dele também. Aí eu trabalhava, cuidava dos gêmeos e cuidava do meu pai. Aí depois eu separei dos pais dos gêmeos. Nessa época o meu pai ainda não tava muito debilitado não, ele ainda trabalhava e fazia tudo. Aí eu me separei do pai dos gêmeos, aí a gente ficou um tempo separado, acho que cerca de um ano, dois anos. Aí eu conheci o pai do meu outro filho, aí eu engravidei dele, a gente ficou cerca de um ano juntos e a gente separou, (por)que não deu certo não. Aí quando eu engravidei da última, foi quando meu pai tava em um estágio mais crítico. Ele não tava andando mais. Ele tava fazendo hemodiálise, aí ele precisou ficar internado no hospital e foi que eu fiquei com ele no hospital. Era hospital público, aí era essa vida de tá cuidando dos meus filhos, de trabalhar e tá grávida, e ficar cuidando do meu pai no hospital. Era sempre essa rotina e eu revessava com a minha mãe. Como a minha irmã era de menor, é de menor até hoje, aí ela não podia ficar no hospital com meu pai. Aí ela ficava em casa, então era só eu e minha mãe. Mas a minha irmã me ajudava muito ficando em casa com meus filhos. E a minha madrinha também ficava, às vezes, para eu poder trabalhar, né? Aí deixa eu ver...foi quando o meu pai faleceu. O meu avô faleceu primeiro, né, ele tava velhinho, né. Aí no dia do velório do meu avô, o meu pai passou mais mal no hospital. Porque assim, quando o meu avô tava internado, o meu avô também internou, então nenhum viu o outro – o meu pai não pôde visitar meu avô no hospital, e o meu avô não pôde visitar meu pai. Então os dois faleceram um sem poder ver o outro, mas eles sabiam que tava doente, mas um não sabia a gravidade do outro. Aí no dia que meu pai passou mal, ele foi para o hospital, ficou intubado, tentou fazer de tudo, (mas) aí depois de três dias ele faleceu. Aí depois que meu pai faleceu mudou quase 100% o relacionamento da minha família. O relacionamento deles com a gente, porque assim...a casa que a gente morava era do meu avô. A gente nunca pagou aluguel, aí a minha tia tava querendo começar a cobrar aluguel para a gente morar aqui. Aí foi quando saiu o apartamento do governo da minha mãe lá no Paranoá. Aí a gente pegou e mudou para lá para evitar confusão, né? Aí foi eu, minha mãe e meus filhos. A minha irmã continuou aqui, né, e sempre foi assim, eu cuidando dos meninos, cuidando de casa, trabalhando. E (sempre fiz) tudo sozinha, sem ajuda de ninguém...de ninguém, assim, da parte do pai deles. E minha vó depois de tudo que ela passou, do falecimento do meu pai e do meu avô, hoje em dia ela tá muito doente, assim. Ela, assim que meu pai faleceu, ela descobriu que tava com câncer de pulmão. Aí ela tá fazendo

quimioterapia, ela tá bem faquinha. Ela tá com falta de oxigênio, né? Aí é outra que a gente tá cuidando também. Mas eu aprendi muito na vida, assim, eu aprendi a me virar sozinha, assim, desde muito cedo. Na minha primeira gestação eu tinha dezessete anos. Eu ganhei eles com dezoito. Então desde a minha primeira gestação eu tive muita responsabilidade. Meu pai me ajudava muito financeiramente. Mas de cuidado, de ter que levar em consulta, de ter responsabilidade de mãe, de educar, de ir atrás de escola, desde sempre mesmo eu que ia atrás. Aí o pai dos gêmeos, como a gente brigou muito feio, ele quase não vem visitar. E também pela mulher dele, que restringe um pouco. Do outro filho o pai visita bastante, ele participa assim bastante da vida dele. Ele vem toda semana, sempre deu tudo para o filho. Pergunta se tá precisando de alguma coisa, quando ele usava fralda ele trazia fralda...quando ele vem visitar, ele traz presente para os meninos todos, não só para o filho dele, mas para todos. Ele é bem presente. Leva para passear todos eles. Ele é bem participativo. E da mais nova, como ele é pai de primeira viagem, ele vem visitar ela uma vez por semana. Ele sempre vem. Aí minha vida é assim, essa correria (risos)”. (Kaka)

8. CONCLUSÃO

As mulheres no Ocidente são tidas como as cuidadoras e os pais, como os provedores, desde a Antiguidade. Em tal arranjo, o pai é o responsável por sair de casa, estar no espaço público e ir em busca da verba para o sustento da família, e a mãe é a responsável por ficar em casa e cuidar da prole, isto é, estar no domínio do doméstico. Contudo, com a quebra de paradigmas iniciada na década de 1990, as mulheres entrevistadas relataram a mudança que vem ocorrendo no sistema da família patriarcal. Elas se apresentam de múltiplas formas – ora quebrando esse paradigma, ora reafirmando-o.

No caso desse estudo, as mulheres se apresentam de uma multiplicidade de maneiras: como mulheres, mães, trabalhadoras, chefes de família, companheiras e filhas. Elas estão se reinserindo de outras formas na sociedade, mesmo quando reafirmam determinados posicionamentos hegemônicos. Essas mulheres são também, chefes de família ou auxiliam na rede da casa, deixando de ser uma mera coadjuvante na renda familiar para ser, em alguns casos, a principal detentora desse fim.

Além dessas mulheres exercerem uma atividade externa aos afazeres domésticos de suas casas, elas ainda continuam sendo as cuidadoras principais da sua prole. Sendo assim, a mãe ainda é tida como a responsável por educar, cuidar, alimentar, dar banho, ensinar o que é certo ou errado, e cuidar da saúde dos seus. Essa atuação é sentida como uma pressão social por serem as responsáveis principais dos afazeres domésticos. Assim, elas se sentem pressionadas a preservar esses conceitos enraizados, ao passo que a figura paterna permanece um coadjuvante no cuidado com os filhos, sendo considerado, quando necessário, um auxiliar.

Neste estudo, as mães chefes de família são mulheres que – além do cuidado domiciliar de suas casas –, exercem atividades externas e são responsáveis em sua totalidade, ou em parte, pela renda familiar. Esse cuidado com os filhos apresenta conhecimentos que são passados de geração a geração sobre como cuidar de si e dos seus, o que vai além de conhecimentos biomédicos. Há uma rede de apoio e uma circulação de saberes e práticas que vinculam mães a filhas, irmãs, vizinhas, colegas de trabalho, e que permitem o cuidar de si e dos seus. Após acionarem essas redes e saberes, essas mulheres podem buscar auxílio médico hospitalar. Muitas vezes, os problemas de saúde mais simples já são sanados por meio dos conhecimentos compartilhados e alternativos.

Poucas entrevistadas conheciam as políticas de saúde que abrangem o grupo estudado. As que sabiam de alguma política frisaram já terem “escutado falar”. Contudo, não sabiam como se dava o acesso a tais programas. Assim, é importante frisar que o Estado deve estar

atento à criação e divulgação dessas políticas, especialmente para apoiar essas mulheres inseridas em um contexto de múltiplas jornadas.

É notória a má distribuição de tarefas entre homens e mulheres. As mulheres têm mais horas de trabalhos semanais quando comparado aos homens, no que diz respeito às múltiplas jornadas de trabalho – entre elas, as atividades externas e afazeres domésticos. Essa característica marca a desigualdade de gênero, levantando um ponto a ser debatido ao se falar na diferença de idade de aposentadoria entre homens e mulheres.

Assim, vale enfatizar a importância de se ter mais estudos sobre mulheres, chefes de família. Isso significaria fazer uma imersão na vida social, em suas rotinas diárias para mapear as trilhas do cuidado acionadas por elas, com relação ao ambiente familiar. São poucos os trabalhos que apresentam tal recorte e que discutem a atuação dessas mulheres, relacionando o trabalho e o contexto familiar.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMINISTRAÇÃO DE TAGUATINGA. Cartilha Taguatinga. Disponível em: <https://issuu.com/fazendadf/docs/livreto_agtag>. Acesso em: 30 de jan. 2017.

AFONSECA, S.; MARTINS, A.; PIRES, V. Influência da personalidade do pai na participação da prestação de cuidados ao bebê. *Psicólogo inFormação*, ano 15, n. 15, jan./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/viewFile/3167/3033>>. Acesso em: 17 de out. 2016.

AHLBORG, T.; STRANDMARK, M. The baby was the focus of attention - first-time parents' experiences of their intimate relationship. *Scandinavian Journal of Caring Science*, vol.15, n.4, p.318-325, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n3/a06v28n3.pdf>>. Acesso em: 17 de out. 2016.

ALMEIDA, T.M.C.; CAMARGO, C.L.; FELEMBURGH, R.D.M. Crianças com doença falciforme: um estudo descritivo. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 11, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/viewFile/3823/pdf>>. Acesso em: 11 de abr. 2016.

ALMEIDA, L.S. *Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham*. Rev. Dep. Psicol., UFF, Niterói, v.19, n.2, p.411-422, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de set. 2015.

ALVIM, N.A.T. et. al. *O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol.14, n.3, p.316-323, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692006000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 7 de abr. 2015.

APOSTÓLICO, M.R; HINO, P; EGRY, E.Y. *As possibilidades de enfrentamento da violência infantil na consulta de enfermagem sistematizada*. Rev Esc Enferm USP, vol.47, n.2, p.320-7, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n2/07.pdf>>. Acesso em: 13 de abr. 2016.

CAMPOS, A. et. al (Org.). *Atlas de exclusão social no Brasil, volume 2: dinâmica e manifestação territorial*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BARROSO, M.G; SOUZA, L.B. *Pesquisa Etnográfica: Evolução e Contribuição para a Enfermagem*. Revista de Enfermagem, vol.12, n.1, p.150-5, Março de 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n1/v12n1a23.pdf>>. Acesso em: 8 de jun. 2014.

BECK, A.M.O. et. al. *Influência do ambiente hospitalar nos aspectos relacionados ao aleitamento materno*. Rev. Soc Bras Fonoaudiol, vol.17, n.4, p.464-8, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v17n4/17.pdf>>. Acesso em: 12 de abr. 2016.

BEVILAQUA, C.F; BUAES, C.S. *Sentidos de chefia familiar feminina em contextos de comunidades populares*. *Rev. Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 30, n. 68, p. 99-108, Jan./Mar. 2012. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/Psicologiaargumento/2012/vol30/no68/9.pdf>>. Acesso em: 06 de abr. 2016.

BILAC, E.D. *Família: algumas inquietações*. In: CARVALHO, M.C.B. (Org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002. 29-38 p.

BOLTANSKI, L. *A descoberta da doença- difusão do conhecimento médico E Medicina popular e medicina científica*. In: BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. São Paulo: Ed. Graal. 1978.

BONETTI, A.L. *Gênero, poder e feminismos: as arapiracas pernambucanas e os sentidos de gênero da política feminista*. *Labrys, études féministes/estudos feministas*, julho/dezembro 2011 e janeiro/junho 2012. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/aline.htm>>. Acesso em: 06 de abr. 2016.

BORSA, J.C; NUNES, M.L.T. *Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear*. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39 jan./mar. 2011. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/pa-4524.pdf>>. Acesso em: 17 de out. 2016.

BOTÊLHO, S.M. et al. *O cuidar materno diante do filho prematuro: um estudo das representações sociais*. *Rev. Esc Enferm.*, USP, vol.46, n.4, p.929-34, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n4/21.pdf>>. Acesso em: 12 de abr. 2016.

BRASIL. *Programa que atendem os inscritos*. Desenvolvimento social agrário, 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/cadastro-unico/o-que-e-e-para-que-serve/programas-e-beneficios>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

BROILO, M.C. et al. *Maternal perception and attitudes regarding healthcare professionals' guidelines on feeding practices in the child's first year of life*. *J Pediatr.*, Rio de Janeiro, vol.89, n.5, p.485-91, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v89n5/v89n5a11.pdf>>. Acesso em: 4 de mai. 2016.

BUSTAMANTE, V. *Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.21, n.6, p.1865-1874, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2005000600036&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de set. 2015.

CABRAL, A.L.L.V. et al. *Itinerários terapêuticos: o estado da arte da produção científica no Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol.16, n.11, p.4433-4442, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n11/a16v16n11.pdf>>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

COLLET, N; ROCHA, S.M.M. *Criança hospitalizada: mãe e enfermagem compartilhando o cuidado*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.12, n.2, p.191-197, Abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 de set. 2015.

CHRISTOFFEL, M.M; LEANDRO, J.S. *Cuidado familiar de recém-nascidos no domicílio: um estudo de caso etnográfico*. *Rev. Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 20 (Esp): p.223-312011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v20nspe/v20nspea28.pdf>>. Acesso em: 11 de abr. 2016.

CRUZ, D.C.S; SUMAM, N.S; SPINDOLA, T. *Os cuidados imediatos prestados ao recém-nascido e a promoção do vínculo mãe-bebê*. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v.41, n.4, p.690-697, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000400021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 de set. 2015.

DUARTE, G.B; SAMPAIO, B; SAMPAIO, Y. *Programa Bolsa Família: impacto das transferências sobre os gastos com alimentos em famílias rurais*. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Brasília, v.47, n.4, p.903-918, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032009000400005>. Acesso em: 20 de jul. 2016.

FALCETO, O.G. et al. *Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente*. *Revista de Saúde Pública* [online], 2008, vol.42, n.6, p.1034-1040. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n6/6315.pdf>>. Acesso em: 3 de abr. 2014.

FIRMO, W.C.A. et al. *Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais*. *Cad. Pesq.*, São Luís, v.18, n. especial, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%2010\(9\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%2010(9).pdf)>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

FURTADO, M.C.C; et al. *A avaliação da atenção à saúde de crianças com menos de um ano de idade na Atenção Primária*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*; vol.21, n.2, Mar.-Abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n2/pt_0104-1169-rlae-21-02-0554.pdf>. Acesso em: 13 de abr. 2016.

FRANCH, M; PERRUSI, A. *A sorodiscordância em João Pessoa: conjugaliadde e atendimento aos casais*. In: FRANCH, M; et al. (Org.) *Novas abordagens para casais sorodiferentes*. João Pessoa: Manufatura, 2011.

FREITAS, J.G; BARROS, L.M.M; GALVÃO, M.T.G. *Capacidade de mães para cuidar de crianças expostas ao HIV*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Artigo Original vol.21, n.4, Jul.-Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n4/pt_0104-1169-rlae-21-04-0964.pdf>. Acesso em: 13 de abr. 2016.

GERHARDT, T.E. *Itinerários terapêuticos em situações de pobreza: diversidade e pluralidade*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol.22, n.11, p.2449-2463, Nov. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n11/19.pdf>>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

GEERTZ, C. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: GEERTZ, C. *A Interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

GOLDENBERG, M. *Pesquisa Qualitativa: problemas teórico-metodológicos*. In: GOLDENBERG, M. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2011.

GOVERNO DE BRASÍLIA. *Assistência da Prevenção Orientada à Violência Doméstica*. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/13/assistencia-da-prevencao-orientada-a-violencia-domestica-provid/>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

GOVERNO DE BRASÍLIA. *Programa de aleitamento materno*. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/15/programa-de-aleitamento-materno/>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

GOVERNO DE BRASÍLIA. *Programa de aquisição de alimentos*. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/23/programa-de-aquisicao-de-alimentos-paadf/>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

GOVERNO DE BRASÍLIA. Programa: *Roda de Conversa*. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/02/17/rodadeconversa/>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

GOVERNO DE BRASÍLIA. Programa: *Voz ativa*. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/02/15/voz-ativa/>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

GOVERNO DE BRASÍLIA. Programa: *Saúde da família*. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/13/saude-da-familia/>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

GOVERNO DE BRASÍLIA. Programa: *Serviço social nas unidades de saúde*. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/13/servico-social/>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

GUTIERREZ, D.M.D; MINAYO, M.C.S. *Papel da Mulher de Camadas Populares de Manaus na Produção de Cuidados da Saúde*. *Rev. Saúde Soc.*, São Paulo, v.18, n.4, p.707-720, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/14.pdf>>. Acesso em: 06 de abr. 2016.

GUTIERREZ, D.M.D; MINAYO, M.C.S. *Produção de conhecimento sobre cuidados da saúde no âmbito da família*. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, vol.15 (Supl. 1), p.1497-1508, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/062.pdf>>. Acesso em: 11 de abril. 2016.

IBAÑEZ-NOVIÓN, M.A. *O conceito de farmácia doméstica e suas implicações no estudo de sistemas de cuidados de saúde*. In: IBAÑEZ-NOVIÓN, M.A. *Anatomias Populares: a antropologia médica de Martín Alberto*. Brasília: Editora Unb, 2012. 296 p.

IBGE. *Educação e Condições de Vida*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/tabela3.shtm#a32>>. Acesso em: 2 de out. 2016.

IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=df>>. Acesso em 30 de jan. 2017.

IPEA. *Em 10 anos, redução da extrema pobreza foi de ao menos 63%*. Disponível em: <Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação>. Acesso em 5 de set. 2016.

KASSAR, B.S. et al. *Determinants of neonatal death with emphasis on health care during pregnancy, childbirth and reproductive history*. *J. Pediatr., Rio J., Porto Alegre*, v.89, n.3, p.269-277, Junho 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572013000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 de maio. 2016.

LAURENTI, R; JORGE, M.H.M; GOTLIEB, S.L.D. (Org.). *Mortalidade de mulheres de 10 a 49 anos, com ênfase na mortalidade materna*. Brasília: Ministério da Saúde; OPAS; USP, 2002. Portal da Saúde. Rede Cegonha. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_redecegonha.php>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

LEANDRO, J.S; CHRISTOFFEL, M.M. *Cuidado Familiar de Recém-nascidos no Domicílio: Um estudo de caso etnográfico*. Scielo, Texto contexto - enferm. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v20nspe/v20nspea28.pdf>>. Acesso em: 3 de abr. 2014.

LIMA, E.M.A.S; SILVA, S.P.S; PEREIRA, C.O.J. *Análise sobre a inserção do assistente social no programa saúde da família no recôncavo da Bahia*. In: III Simpósio Brasileiro de Assistentes Sociais; 7 à 9 de junho 2016, Belo Horizonte; CRESS 6º região. ISBN 978-85-61447-02-1. Disponível em: <<http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/AN%C3%81LISE%20SOBRE%20A%20INSER%C3%87%C3%83O%20DO%20ASSISTENTE%20SOCIAL%20NO%20PROGRAMA%20SA%C3%9AD E%20DA%20FAMILIA.pdf>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

LOYOLA, M.A. *Medicina Popular*. In: GUIMARÃES, R. (Org). *Saúde e medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1978. p.225-250.

MARECO, T.C.S; KOVALSKI, E; BRITO, L. *Trabalho de conclusão de disciplina do mestrado no programa de pós-graduação em Ciências e Tecnologia em Saúde*. Brasília, 2016.

MANFROI, E.C; MACARANI, S.M.V; MAURO, L. *Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil*. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*[online], vol.21, n.1, p.59-69, 2011. ISSN 0104-1282. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v21n1/07.pdf>>. Acesso em: 16 de out. 2016.

MARTINS, P.V; IRIART, J.A.B. *Itinerários terapêuticos de pacientes com diagnóstico de hanseníase em Salvador, Bahia*. *Physis*, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.273-289, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312014000100273&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

MELO, A.M. et al. *Characteristics and factors associated with health care in children younger than 1 year with very low birth weight*. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, vol.89, n.1, p.75–82, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v89n1/v89n1a12.pdf>>. Acesso em: 13 de abr. 2016.

MELO, V.A. *Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson*. *Movimento*, Porto Alegre, ano 7, n.14, p.9-19, 2001. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/2603-9229-1-PB.pdf>>. Acesso em: 2 de out. 2016

MENÉNDEZ, E. *La enfermedad y la curación ¿Qué es medicina tradicional?* Revista *Alteridades*, n.7, p.71-83, 1994.

MENEZES, R.A; BARBOSA, P.C. *A construção da “boa morte” em diferentes etapas da vida: reflexões em torno do ideário paliativista para adultos e crianças.* *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, vol.18, n.9, p.2653-2662, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a20.pdf>>. Acesso em: 13 de abri. 2016.

MINAYO, M.C.S. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.* Petrópolis: Editora Vozes, 2010. P.61-106

MINAYO, M.C.S; GOMES, S. (Org). *O desafio da pesquisa social.* In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E AGRÁRIO. *Segurança alimentar e nutricional – Sesan institucional.* Brasil. Disponível em: <<http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/seguranca-alimentar-e-nutricional/aquisicao-de-alimentos-da-agricultura-familiar>>. Acesso em: 15 Jul. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher.* Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

MOURA, S.M.S.R; ARAUJO, M.F. *A maternidade na história e a história dos cuidados maternos.* *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v.24, n.1, p.44-55, Mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 3 de set. 2015.

MURAKAMI, R; CAMPOS, C.J.G. *Importância da relação interpessoal do enfermeiro com a família de crianças hospitalizadas.* *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 64, n.2, p.254-260, Abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672011000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de out. 2015.

NASCIMENTO, D.M. et al. *Experiência em cuidados paliativos à criança portadora de leucemia: a visão dos profissionais.* *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.18, n.9, p.2721-2728, Set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232013000900027&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 de mai. 2016.

OKIDO, A.C.C. et al. *Criança dependente de tecnologia: a experiência do cuidado materno.* *Rev. Esc Enferm USP*, vol.46, n.5, p.1066-1073, 2012;. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n5/05.pdf>>. Acesso em: 12 de abr. 2016.

OLIVEIRA, K. et al. *Itinerário percorrido pelas famílias de crianças internadas em um hospital escola.* *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v.67, n.1, p.36-42, Fev. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672014000100036&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

PIANA, M.C. *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p.233, ISBN 978-85-7983-038-9. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-02.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. 2016.

POLÍCIA MILITAR, DF. *Prevenção Orientada à Violência Doméstica*. Brasil: Distrito Federal, 2016. Disponível em: <<http://pmdfprovid.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

PORTAL BRASIL. *Cadastro Único é a porta de entrada para programas sociais*. Brasil: 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/cadastro-unico-e-porta-de-entrada-para-programas-sociais>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

PORTAL DA SAÚDE. *Estratégias Saúde da Família*. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_esf.php>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

PORTAL DA SAÚDE. *Populações Vulneráveis*. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2016/01/13/populacoes-vulneraveis/#descricao>>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

PORTAL DA SAÚDE. *Programa Bolsa Família*. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_bfa.php>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 34, n.3, p.316-319, Junho 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102000000300018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de jul. 2016.

RABELO, A.C.S. et al. *Vivências de mães de crianças com cardiopatias: uma pesquisa-cuidado*. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 11, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/viewFile/3828/1895>>. Acesso em: 12 de abr. 2016.

ROHDEN, F. *Mulher cuidadora, homem arredio: diferenças de gênero na promoção da saúde masculina*. *Anuário Antropológico*, 2014. Disponível em: <<http://aa.revues.org/658>>. Acesso em: 06 de abr. 2016.

ROSA, R et al. *Mãe e Filho: Os primeiros laços de aproximação*. *Rev. Esc Anna Nery Rev. Enferm.*, vol.14, n.1, p.105-12, Jan.-Mar. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a16.pdf>>. Último acesso em: 11 de abr. 2016.

R7 DF. *Distrito Federal recebe prêmio por programa de aleitamento materno*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/distrito-federal/distrito-federal-recebe-premio-por-programa-de-aleitamento-materno-24052014>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

SANCHES, M.V.P; NASCIMENTO, L.C; LIMA, R.A.G. *Crianças e adolescentes com câncer em cuidados paliativos: experiência de familiares*. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v.67, n.1, p.28-35, Feb. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672014000100028&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 de mai. 2016.

SEABRA, K.C; SEIDL-DE-MOURA, M.L. *Cuidados Paternos nos Primeiros Três Anos de Vida de seus Filhos: Um Estudo Longitudinal. Interação Psicol.*, vol.15, n.2, p.135-147, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/273025429_Cuidados_paternos_nos_primeiros_tres_anos_de_vida_de_seus_filhos_um_estudo_longitudinal>. Acesso em: 17 de out. 2016.

SILVA, C.G.C; SERRALHA, C.A; LARANJO, A.C.S. *Análise da demanda e implicação dos pais no tratamento infantil. Rev. Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 281-291 abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n2/a09v18n2.pdf>>. Acesso em: 13 de abr. 2016.

SILVA, G.L. et al. *Percepções de educadores de creches acerca de práticas cotidianas na alimentação de lactentes: impacto de um treinamento. Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, vol.18, n.2, p.545-552, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n2/26.pdf>>. Acesso em: 4 de mai. 2016.

SIQUEIRA, K.M. et al. *Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. Texto contexto - enferm.* [online], 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n1/a08v15n1.pdf>>. Acesso em: 6 de jul. 2014; 15 (1); 68-73.

SOARES, S.S.D. *Metodologias para estabelecer a linha de pobreza: objetivas, subjetivas, relativas, multidimensionais.* IPEA. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1381.pdf>. Acesso em: 5 de set. 2016.

THOMÉ, E. *Caminhos da Investigação.* In: THOMÉ, E. *Homens doentes renais crônicos em hemodiálise: a vida que poucos veem.* 2011. Tese (Doutorado em Enfermagem), Dep. De Enfermagem, UFRGS. 2011.

WOORTMANN K. *Respeito à diferença: uma introdução à antropologia.* Brasília: Universidade de Brasília, 1999. 167 p.

ZIMMERMANN, C. R. *Os programas sociais sob a ótica dos direitos humanos: o caso do Bolsa Família do governo Lula no Brasil. Sur, Rev. int. direitos human.*, São Paulo, v.3, n.4, p.144-159, Junho 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180664452006000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de jul. 2016.